

REVISTA DA SEMANA

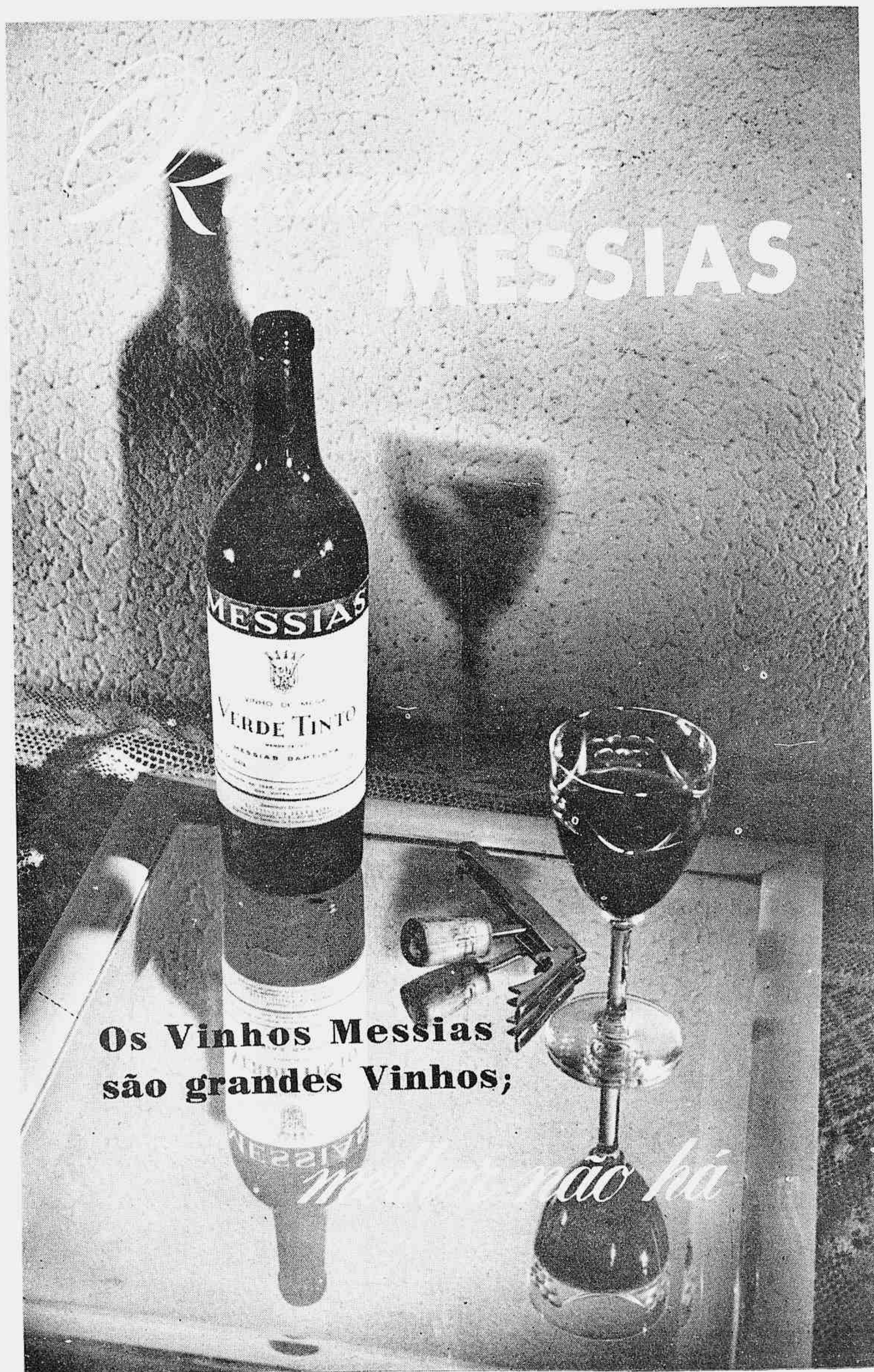
CRS 3,00 EM TODC O BRASIL



N.º 16

17-4-48





MESSIAS

**Os Vinhos Messias
são grandes Vinhos;**

melhor não há

AS MÚLTIPLAS E ENGENHOSAS TENTAÇÕES...

homem público no Brasil precisa ter uma formação muito sólida para resistir às tentações que o rodeiam a cada instante, em todas as circunstâncias da sua atividade administrativa. São múltiplas e engenhosas tentações.

Na primeira linha estão, naturalmente, as imperiosas tentações de dinheiro. Não vou deter-me nessas que são muito comprometedoras e por isso mesmo evitadas com os convenientes subterfúgios. Também não cogitarei das tentações femininas, igualmente imperiosas, igualmente comprometedoras e igualmente conduzidas sob adequado disfarce. A única diferença está em que as tentações femininas trazem o castigo em si próprias, nas cruéis decepções finais com que são infalivelmente aquinhoados os beneficiários da véspera, quase sempre respeitáveis senhores que se julgavam legítimos detentores do afeto e do interesse físico das jovens mulheres que conquistaram, algum dia, no cúmplice recesso dos seus prestigiosos gabinetes... As tentações desse tipo são muitas, são talvez as mais disseminadas porque são, seguramente, as de sucesso sempre garantido. Mas que travo, que amargura, que desespero instalam, por fim, na alma de quase todos, que são quase todos os que não conseguem divisar na vantagem fácil que vão usufruir o velhaco artifício de uma simples transação utilitária!...

Há outras tentações, inúmeras e envolventes: a dos presentes; a do elogio pessoal nas rodas próprias ou na imprensa, aos menores pretextos; a dos banquetes, em geral laboriosamente empresados, e cujas contribuições são sacadas a fiéis amigos, os quais, embora essa condição, despojam-se com manifesta contrariedade...

Desdobra-se infinita, inesgotável, a lista dessas tentações destinadas a amolecer os poderosos. Sua medida é a astúcia humana, quando estão em causa os interesses individuais, o que vale dizer, não tem tamanho...

Tenho visto coisas prodigiosas nessa matéria. Já vi homens de exíguas letras e acanhado espírito consagrarem-se resolutamente ao ofício literário por efeito de sugestões bajulatórias. Este, aliás, é dos acidentes mais graves, porque de cura mais difícil, no terreno das tentações em que costumam enleiar-se os homens públicos. Pois bem, não são poucos os que se voltam subitamente para as letras e entram a perpetrar, com assiduidade, artigos de jornal, poesias e até romances. Alguns têm chegado à Academia, mas estes, justiça se faça, são casos raros, porque essa tentação máxima só é acenada, naturalmente, aos que atingem altitude que a justifique...

A Geografia oferece tão abundantes quão variadas oportunidades à ilusão dos poderosos eventuais. Conforme o grau de poder, seus nomes designam municípios, cidades, vilas, avenidas, praças, ruas, travessas, estradas, pontes, estações... Nesta ordem de homenagens, pode ainda acontecer o busto em praça pública ou, mais íntimo, no «hall» de alguma repartição.

Um uso que denota apreciável eficiência na sensibilização dos homens públicos é o de utilizar-lhes o nome ilustre no batismo de novos estabelecimentos, especialmente escolas, fábricas, hospitais e outras instalações nobres. E os interessados, esses proficientes manobreadores das fraquezas humanas, não espalham uma só inauguração...

As placas comemorativas, com inscrições laudatórias, resvalaram numa rotina tão surrada que se banalizaram, e hoje em dia só os noviços podem meter-se com elas.

Está na hora de confessar que toda essa catalogação de tentações engenhosas me acudiu por causa da atitude do governador Mangabeira impedindo a consumação de certa iniciativa, segundo a qual o seu retrato seria colocado no salão de honra de todas as municipalidades baianas. Esta era, portanto, uma perigosíssima tentação... Um artístico retrato, numa rica moldura, pendente de uma pública e importante parede, há de cativar a vaidade de qualquer um. Multiplique-se agora isso pelo número de municípios baianos... Se a tentação foi imensa, a renúncia, convenhamos, não foi menor...

Dir-se-á: belo gesto democrático. De fato, a democracia, na sua pureza, não comporta nenhuma manifestação que possa significar culto ao poder pessoal. Pela cartilha democrática as homenagens só devem vir depois que o poder tenha cessado...

Eu, todavia, nesse lance, rendo maior homenagem à inteligência do que à correção republicana do eminente governador Mangabeira. E, positivamente, com as forças da inteligência que, primeiro, identificamos, e depois repelimos todos os embustes da glória...

E, por falar em retratos, onde andarão a esta hora os do Getúlio?

UMBERTO PEREGRINO

Especial para REVISTA DA SEMANA

LEIAM

COLABORAÇÃO:

As múltiplas e engenhosas tentações (Umberto Peregrino)	3
São Jorge e o Dragão (Anselmo Dominhos)	29

BIOGRAFIA:

A vida de Mary Baker Eddy (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	10
--	----

CARICATURA:

Bom humor	12/13
-----------------	-------

REPORTAGENS:

"Focas" e "dromedários" à caça de um diploma (Ney Machado)	6/9
Mais uma obra de Eugene O'Neill no cinema americano (R. Magalhães Junior) ..	18/21
O Scala, seus cantores e seus maestros (Alido Morelli)	22/25
A arte oriental (Otto Schneider)	26/27
As inglesas também têm "it" ... (Herman Lima)	30/35
A apresentação de "Anjo Negro" ou muito barulho por nada	34/38

CONTOS:

A pedra do vigia (João Jorge da Cunha) ..	14/15
Horla (Guy de Maupassant)	16/17

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	23
Vida Literária	40
Música	42
Cancioneiro Internacional	53
A Revista no Ar	56

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco e Orlando Mattos

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	43
Modelos franceses	44/45
A personalidade da semana (Ivonne Jean) ..	47
O espírito feminino através dos tempos ..	48
Muro das lamentações	49
Mães e filhos (Zóia de Laet)	50
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	51

FOLHETIM:

"A mulher de Mike" (Benedict e Nancy Freedman-John Crosman)	57/58
---	-------

NOSSA CAPA

Ilustra hoje a nossa capa a louíssima Ann Sothern, artista da Metro-Goldwyn-Mayer, empresa na qual fez e se firmou na sua carreira cinematográfica. Após ter demonstrado a sua veia histriônica na série dos filmes de "May-sie", Ann Sothern voltará próximamente à Cinelândia numa comédia misteriosa, "Loura detetive", ao lado do seu novo galã John Hodiack.



a Semana em Revista

RUA ESCRAGNOLLE DORIA



Um homem modesto, que não foi um general, que não venceu batalhas, que não desempenhou mandatos políticos, que não teve riqueza senão espiritual, acaba de receber postumamente uma homenagem que só é concedida às grandes figuras. Entretanto, essa homenagem não o excede, porque não há homenagem que possa exceder a figura de um mestre, de um educador, de um formador de caracteres e de um disseminador da boa cultura clássica. Melhor explicado: o Rio tem hoje uma rua que se chama Rua Escagnolle Doria, por ato louvável e inspirado do prefeito da cidade, general Angelo Mendes de Moraes. O ato do ilustre governador da cidade não podia deixar de alcançar a mais simpática repercussão, em nossos círculos culturais. O nome do professor Escagnolle Doria, que tanto significa para a nossa juventude, não podia ficar esquecido. Nada mais razoável que esse nome figurasse nas placas de uma das nossas vias públicas. O professor Escagnolle Doria lecionou a várias gerações de estudantes do Colégio Pedro II e deixou em cada aluno um jovem amigo, ami-

zade que se consolidava e aumentava com o correr dos anos. Profundo conhecedor de história, foi também um pesquisador da vida antiga carioca e dos homens ilustres do Brasil, de muitos dos quais fora contemporâneo em sua mocidade. Dirigiu por muitos anos o Arquivo Nacional com o amor de um bibliófilo sincero. Enquanto estudava e lecionava, escreveu e traduziu livros de grande mérito e ainda achava tempo para colaborar semanalmente na REVISTA DA SEMANA. Foi um dos nossos colaboradores mais constantes e só deixou de fazê-lo quando a morte paralizou seu cérebro fecundo e sua mão incansável. Tal era o seu afã e sua laboriosidade que não deixou uma só vez de remeter-nos seu artigo semanal, com tal regularidade que o último foi publicação póstuma. O professor Escagnolle Doria expirara dias antes da saída da REVISTA que estampou sua derradeira colaboração. Foi a este intelectual de fibra que o povo carioca, pelo ato de seu prefeito, homenageou com a lembrança de uma rua com o seu nome. A Rua Escagnolle Doria fica entre a rua Falet e a rua Eliseu Visconti, no mesmo bairro onde morou o professor Escagnolle Doria durante muitos anos e onde veio a falecer. Chamava-se até agora o logradouro, rua João Leite. A homenagem e a lembrança do senhor Mendes de Moraes foram justas e confortadoras. Os amigos do ilustre educador e homem de letras, entre os quais estamos nós, ficamos sinceramente agradecidos.

VÃO ABAIXO OS FALSOS "ABRIGOS"



Uma medida acertada e de imediato interesse público foi tomada pela Prefeitura e será posta imediatamente em execução. É a que extinguirá os inadequados "abrigos" das paradas de bondes nos locais de grande movimento. O contrato da empresa que explora a construção desses falsos abrigos, que os utiliza, apenas para fins comerciais, alugando balcões, lojas e vendendo o restante do espaço disponível para a colocação de anúncios, desvirtuou-lhes completamente a finalidade. A Prefeitura, por isso mesmo resolveu não permitir mais a exploração desses pontos estratégicos. Que fez a empresa concessionária? Não é preciso argumentação para provar. Basta uma visita a cada um deles. O abrigo do Largo da Lapa onde estacionam os bondes "Praça da Bandeira" e outros, é uma vergonha. Mesquinho quanto à metragem construída, não oferecendo proteção contra o sol ou a chuva a uma terça parte dos passageiros, ainda assim tem quase toda a sua área interna ocupada por varejos de frutas, de cigarros, de café, de doces e até por uma pastelaria. Ninguém consegue ficar debaixo da mírrada marquise sem incomodar o vendeiro das frutas,

que não tem espaço para embrulhá-las, e, se alguém se dirigir para o canto oposto, fica ameaçado de levar uns respingos de café pelas calças abaixo. Com todos esses inconvenientes a empresa teima em chamar aquilo de "abrigo". Outros casos mais podem ser citados, todos do mesmo naipe. O da Praça da Bandeira, por exemplo. Não nos digam que lá falta espaço para marquises maiores. O miserável abrigo ali existente é a coisa mais anti-estética que poderiam ter construído dentro da amplidão imponente daquela praça. E a empresa exploradora só o construiu de um lado da alameda onde existe maior movimento. Quanto ao outro lado, fronteiro ao Corpo de Bombeiros, o povo que se molhe ou apanhe chuva. Ali não caberiam arrendamentos de varejos e por isso nada foi construído. Uma empresa que com tanta ganância explora o público e tão mal serve aos passageiros dos bondes não merece a mínima contemplação das autoridades. Estas foram até benevolentes demais, permitindo que continuasse a exploração mesmo após o término do contrato, que expirou há três anos. Muito acertada, repetimos, a medida da Prefeitura, obrigando a tal companhia demolir todos esses monstros que obstruem as praças da cidade, como os do largo São Francisco, Praça Getúlio Vargas, Praça Quinze, ao lado da Central do Brasil, nos subúrbios, etc. E que a própria Prefeitura se encarregue de reconstruí-los, decentes, harmônicos, com o fim único de servir para o que o nome indica para abrigar o Zé-carioca nos dias de temporal.

O SERVIÇO DE RECREAÇÃO OPERÁRIA E O TEATRO



Jorre nos círculos ligados ao Ministério do Trabalho que o ministro dessa pasta, sr. Morvan de Figueiredo, vai dar extensão nacional ao Serviço de Recreação Operária, até aqui mais ou menos embrionário, por falta de interesse oficial, por falta de verba e de outros recursos indispensáveis à sua expansão. Para o cargo de diretor desse Serviço, acaba de ser nomeado um operoso homem de teatro, o escritor Daniel Rocha, cujo nome tem aparecido subscrevendo algumas dezenas de comédias e de traduções. Sendo, presentemente, o presidente em exercício da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, na ausência do presidente efetivo, Luis Iglésias, que ora se encontra em Portugal, e tendo durante largo tempo emprestado sua experiência e seu entusiasmo ao Departamento Teatral do Clube Ginástico Português, o sr. Daniel Rocha foi, ainda recentemente, um dos julgadores do concurso de teatro, para a atribuição do Prêmio Apolônia Pinto, realizado pela REVISTA DA SEMANA. Trata-se de uma personalidade muito bem credenciada para aquele cargo, especialmente por se tratar de um autor que, antes de mais nada, tem procurado atingir as camadas populares, com peças tão alegres quanto despretensiosas. O programa de proporcionar diversões teatrais ao operariado brasileiro é excelente e se coaduna com o critério moderno, seguido por vários países, de que o trabalhador deve encontrar compensações para as suas cansaças, mesmo quando suas possibilidades financeiras sejam baixas. Com o teatro,

desenvolve-se no trabalhador não apenas o gosto pela recreação através da arte dramática, mas ainda se contribui para desviá-lo da jogatina e do cachacismo das tascas e botequins, criando um ambiente social sadio e elevado, em que o trabalhador se sinta bem e encontre um estímulo para a vida. Urge, entretanto, para isso, que o novo diretor do Serviço de Recreação Operária disponha de recursos, para desenvolver um plano permanente, que possibilite oferecer um número avultado de espetáculos, não só no Rio, como em Volta Redonda, Campos, Juiz de Fora, São Paulo, Sorocaba, Santos, — e todos os outros grandes núcleos proletários. De início, seria interessante se, no Campo de São Cristóvão, por exemplo, se construísse um teatro de emergência, com pelo menos três mil lugares, como o pavilhão para luta livre que foi feito perto do aeroporto. Porque a verdade é que o Serviço precisa ter seu teatro próprio, com grande lotação. Deve-se estimular, também, o amadorismo, em Sindicatos ou outras instituições operárias, com prêmios anuais aos melhores diretores e intérpretes. E não só isso, como concursos de teatro, sem finalidades de engrossamento ou de propaganda política direta, deviam ser realizados anualmente. Assim teríamos, todos nós, uma espécie de festival dramático operário, com os melhores resultados. Presentemente, na Itália, é o próprio Vaticano que mais se dedica à organização de grêmios de amadores teatrais, orientados pelo grande "regisseur" Anton Giulio Bragaglia, como um meio de manter contacto com as massas populares não só através da religião, mas igualmente através da recreação. O que se vai fazer no Brasil, com caráter nacional, não é novo, não deve, entretanto, ficar apenas no papel. — deve ser realmente realizado, em proveito dos nossos trabalhadores, tão sacrificados pela vida cara e tão pouco compensados de suas cansaças.

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 16 — 17-4-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples. Um ano — Cr\$ 140.00; Seis meses Cr\$ 70.00
Registrada: Um ano — Cr\$ 170.00; Seis meses — Cr\$ 85.00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270.00; Seis meses — Cr\$ 140.00
O número avulso custa 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3.50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia.
EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 87 — Tel. 4-1569 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 813 — 2.º andar, sala 217. Telefone 8-6712

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



A Argentina e o Chile, contrariando as expectativas dos Estados Unidos, trouxeram a debate na Conferência de Bogotá a recuperação das Ilhas Falkland. A Guatemala pede a devolução de Beliza... Enquanto nessa Conferência os Estados Unidos procuram conseguir facilidades para a exploração do petróleo nos países sul-americanos, estudantes cariocas realizaram no Rio uma passeata pedindo que as nossas reservas petrolíferas não sejam entregues a capitalistas estrangeiros... Os farmacêuticos do Rio ameaçaram fechar seus estabelecimentos caso a Delegacia de Economia Popular continue com o severo controle dos preços dos seus produtos. Parece que não há remédio para o impasse... O campeão mundial de box, Joe Louis sofre uma ação movida pelo pastor protestante Matthew Faulkner sob a alegação de que ele teria seduzido a esposa do reverendo. O corajoso reverendo espera por "knock-out" o pugilista... A senhora Rosa Kohler Langer acaba de mover uma ação contra a União, apresentando como motivo o furto de um casaco de vison, de que foi vítima no Palácio das Laranjeiras no dia 1.º de Julho do ano passado, durante o baile oferecido pelo presidente Videla. A senhora Rosa Langer declara que tem a ficha comprovando a entrega do dito na portaria. Na hora do célebre ba-fa-fá sumiu o seu casaco. Foi, realmente o baile de maior repercussão em nossa sociedade... O senhor Antônio Aguiar, presidente do Sindicato dos Condutores Rodoviários, declarou perante uma reunião presidida pelo Ministro do Trabalho que a maioria dos ônibus que trafegam na cidade não oferecem segurança. "E não é um problema passageiro", afirmou o senhor Aguiar... Antônio Soares Bento, assassino de Irene Cid de Freitas, o macabro "crime da mala", foi finalmente julgado, sendo condenado a dezoito anos de prisão. Acredita o seu deus, doutor Celso Nascimento, que Antonio obterá livramento condicional dentro de seis anos, por ser criminoso primário e ter ótimo comportamento na prisão. Nos pedimos a Deus que o Bentinho tenha também ótimo comportamento aqui fora... Anuncia-se que o DASP está procurando uma fórmula que permita o aumento do funcionalismo público ainda este ano. Barnabé, o extranumerário letra E, grita cada vez mais: "Já estão faltando dois zeros no meu ordenado..." Carmen Costa, a sambista negra, ex-cantora dos nossos cassinos, vai voltar para o Rio em maio, agora como madame Carmelita Mariaga Kohler, em companhia do seu marido, o oficial-engenheiro Hans Kohler, branco, da Marinha Norte-Americana... Só nas peças absurdas do sr. Nelson Rodrigues é impossível preto ser feliz com branco... Continuam caindo os aviões. Depois do choque de dois aparelhos, russo e inglês, nos céus da Europa, no qual morreram quinze pessoas, a imprensa noticiou o incêndio em pleno ar de um avião da FAB em São Paulo, perecendo no desastre os dois tripulantes... Apesar do descrédito público em que caíram o Sesi e o Sesc, cuja inutilidade tem sido ventilada por vários jornais, o governo resolveu criar outro órgão similar, o Serviço Social da Lavou-ra. Cada governo com a sua mania. O de Getúlio Vargas tinha a dos institutos. O atual a dos "serviços"... O mais espetacular assalto dos últimos tempos aconteceu (não foi nos Estados Unidos) em Lagoa do Prata, Minas Gerais. Cinco homens penetraram às duas horas da tarde na filial do Banco de Minas Gerais, armados de revólveres e metralhadoras de mão. Encontraram apenas o "boy". A rapaziada estava no boteco da esquina, tomando um cafezinho. Roubaram 320 mil cruzeiros e, depois de cercados pelo povo, graças ao alarme dado pelo contínuo, abriram caminho através da multidão a poder de disparos. Duas pessoas ficaram feridas e outra faleceu. Moralidade: é conveniente que os patrões forneçam cafezinhos aos empregados. O caso Aracy continua na mesma. Desde os tempos bíblicos que a morte de um Abel não toma tamanha importância. Diga-se de passagem que Aracy Abelha já está no cinema, no teatro no folhetim e na anedota... Miami acaba de receber o primeiro aparelhamento eletrônico para jornais e a primeira edição deste tipo acaba de ser televisada para o rádio de seus leitores pelo "Miami Herald"... Morreu diante do microfone, quando fazia uma conferência em Nova York, o palhaço Albert Adams, de 48 anos de idade. Os espectadores custaram a acreditar que aquilo não era uma farsa... Aqui, no Rio, morreu Makalé, o negro que gonzava os outros, nos programas de calouros de Ary Barroso... Henry Wallace dentro desse mundo pesado de prenúncios de guerra, continua como o apóstolo da paz. No seu último discurso teve a coragem de dizer que "a maior ameaça ao modo de viver norte-americano é o seu militarismo"... O general Goes Monteiro fez no Senado violentas críticas à liberdade de imprensa entre nós. O general-senador é um dos que mais têm se utilizado dessa liberdade para expandir nas folhas diárias suas preciosas locuções filosóficas... A Polícia Política intenta deportar como "perigosa espia" Galina Kik, ex-estudante do Colégio Bennet no qual sofreu severa investigação sobre o seu pretense comunismo, nada ficando provado a respeito. Começam novamente a achar fantasmas onde os mesmos não existem... O presidente da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo denunciou no Conselho Federal do Comércio Exterior que o chá brasileiro da marca "Cotia" é exportado daqui para a Irlanda. Em seguida, importamos a mesma folha como chá irlandês, por um preço muito superior... Nesse mate tem cotia, diz um guarda aduaneiro... As esposas dos trabalhadores da Leopoldina Antonio dos Santos e Mateus Gomes de Moraes, queixaram-se na redação de jornais contra a detenção de seus maridos pela Delegacia de Ordem Política e Social. Maria Aparecida Marques, a "Rainha das Mulatas", iniciou ação contra a produtora de filmes "Atlântida" motivada pela sequência que a mesma incluiu na película "E' com este que eu vou", onde aparece Grande Otelo, ridiculamente travestido de "rainha das mulatas". Alega a autora da ação que a charge é ofensiva, acintosa e imoral e como prova cita o caso de que esse artista, representando o mesmo número num teatro de Maceió, foi vaiado e impedido de nele prosseguir. Maria Aparecida, atualmente locutora da Rádio Globo, pede a indenização de mil cruzeiros diários até que a empresa corte a sequência... O Triângulo mineiro está novamente agitado. Pretende aquela fracção territorial de Minas separar-se do Estado e constituir-se em Estado autônomo. Essa aspiração é velha na zona e agora tomou força, com o apoio da Câmara Municipal de Uberaba. O movimento separatista conta com dois grandes jornais, "O Triângulo" e "O Jornal de Uberaba". Se isto vier acontecer o Estado do Triângulo será um dos mais ricos da Federação... A Associação Brasileira de Imprensa completou quarenta anos de vida este mês. Embora não pareça, antes de Herbert Moses já houve outro presidente na ABI, que foi Gustavo de Lacerda, o seu fundador... O movimento teatral do Rio apresenta, no momento, grandes peças, e, entre estas, a mais recente é "A Águia de Duas Cabeças", com Dulcina O'Hara no Regina. O vereador Jorge de Lima em pleito memorável, foi eleito presidente da Câmara Municipal, mas a facção derrotada, incluindo os possedistas, — quis fazer "sujeira" e, desde então, não tem dado número, impedindo aquele órgão de deliberar... Que bons cidadãos! Foram suspensas temporariamente as exportações de farinha de trigo da América do Norte para o Brasil... Um médium de Belo Horizonte (só podia ser de lá...) comunicou-se com o espírito de Franklin Delano Roosevelt. Segundo as palavras mediúnicas, Roosevelt prognosticou nova hecatombe e só depois então "os manes herdarão a terra e se deleitarão na abundância da paz"... Per hoje é só... até sábado...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre a meninice e a mocidade.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por si to mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dê-se período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para a transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que comecem — e cujos desarranjos podem ter tão de favorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador Gesteira* é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos esses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador Gesteira*.

A ação que o *Regulador Gesteira* exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador Gesteira* o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — So serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

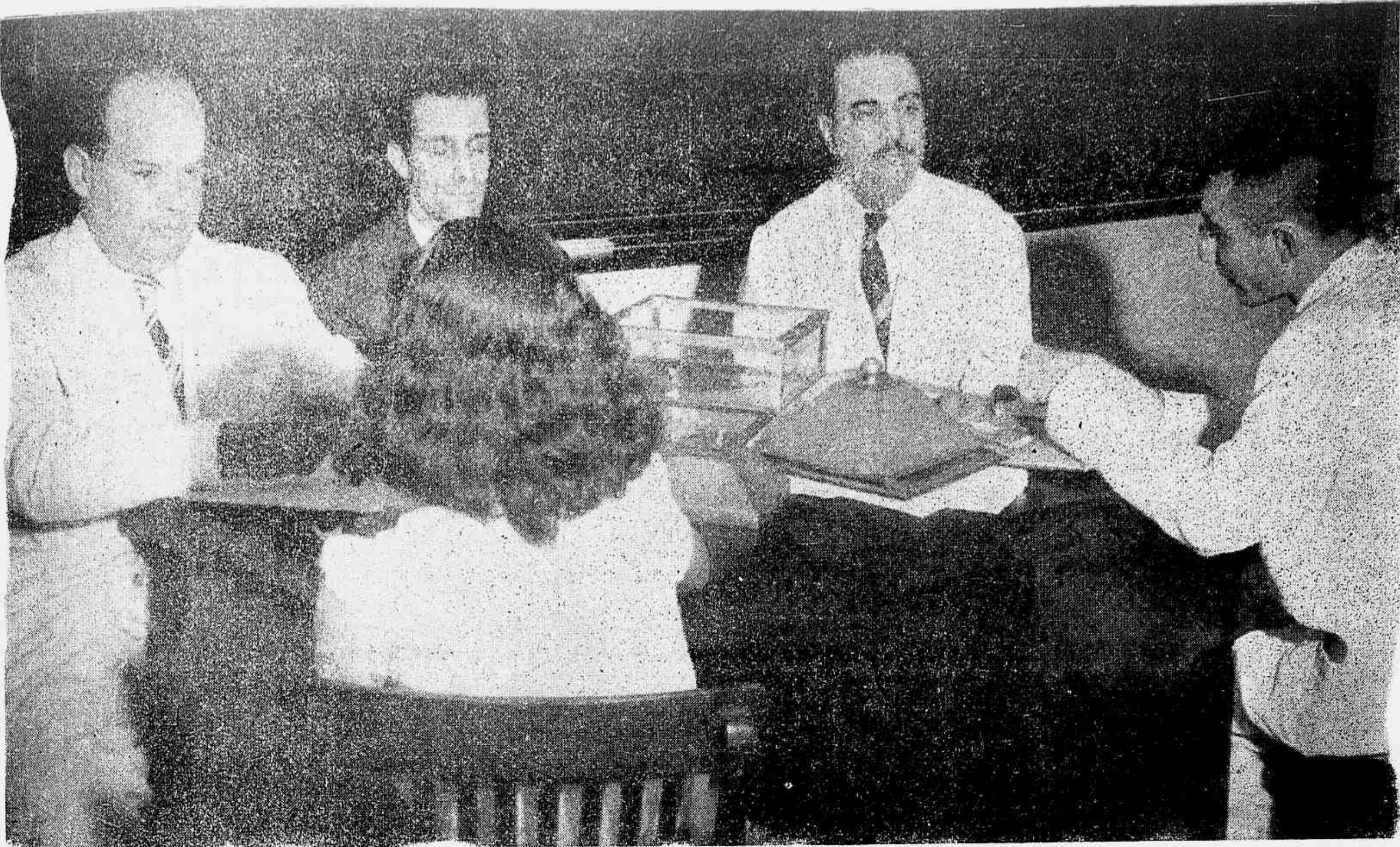
4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

Sultana Garson e Rafael de Arruda recordam os pontos de Português, momentos antes da prova oral. Rafael é um dos poucos que farão do jornalismo a sua única profissão, segundo nos garantiu. Já escolheu até o jornal onde pretende trabalhar. Também no Curso de Jornalismo as mulheres apareceram em grande número, talvez numa porcentagem de quarenta por cento dos inscritos.





Flagrante da banca examinadora de História da Civilização, vendo-se, da esquerda para a direita, os professores Ari da Mata, Eremildo Luís Viana e Antero Manhães. Nas respostas aos quesitos da prova dessa matéria apareceram respostas calamitosas. Um dos candidatos afirmou que o aviador Gago Coutinho, ainda vivo e robusto, fôra grande navegante do século XVI, contemporâneo de Pedro Alvares Cabral. Outro, por certo, ateu, disse que o atual Papa era PIO XV...

"FOCAS" E "DROMEDÁRIOS" À CAÇA DE UM DIPLOMA

SÃO POUCOS OS CALOUROS DO CURSO DE JORNALISMO — A COMPETIÇÃO ENTRE OS NOVATOS E OS PROFISSIONAIS — ADVOGADOS, ECONOMISTAS E FARMACÊUTICOS VÃO APRENDER A ESCREVER PARA O JORNAL — O RAPAZ QUE JA' TEM EMPRÊGO ESCOLHIDO E A MOÇA QUE PROMETE NÃO PARAR EM NENHUM — GAGO COUTINHO VIROU MATUSALEM

Fotos de ARNALDO VIEIRA



Reportagem de NEY MACHADO

"DROMEDÁRIOS", na gíria das redações, são os velhos jornalistas, com muitos anos de tarimba, com bom conhecimento da técnica jornalística, dos segredos da profissão, — capazes, por isso mesmo, de fazer «tudo», de cuidar da «cozinha» do jornal. «Focas» é o moço inexperiente, às vezes desastrado, capaz de dar «barrigas» (notícias falsas), mas sempre com um grande entusiasmo, com uma boa carga de idealismo e de ilusões, querendo fazer carreira em uma das mais ingratas das profissões.

Agora, dentro de três anos nós teremos «doutores» em jornalismo, formados pelo Curso de Jornalismo, subordinado à Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, — e entre esses doutores haverá «focas» e «dromedários». Muita gente que não tem relação íntima com a vida de imprensa nos tem perguntado: — Mas é possível formar-se alguém em jornalismo? A resposta não pode ser dada com um simples «sim» ou «não». Será possível alguém formar-se em advocacia, medicina ou qualquer outra profissão liberal e trabalhar na mesma sem que tenha propensão ou aptidão pela carreira? O mesmo caso se dará com o curso de jornalismo. Os que estão ingressando, excluídos os militantes, são rapazes e moças que gostam da profissão. Acreditam que poderão fazer alguma coisa de útil no futuro para os jornais e revistas se estiverem preparados para tal. E o Curso de Jornalismo se propõe justamente isto: dar capacidade intelectual e prática para os que desejam escrever na imprensa. Assim, os «focas» serão menos «focas». Darão menos dor de cabeça aos secretários... Dentro da vida de jornal há uma dúzia de especialidades. Além das categorias do trabalho de imprensa já estabelecidos por lei — redator, revisor, desenhista, fotógrafo e arquivista, — existem outras especialidades, principalmente dentro do setor da redação. Nem todos os redatores têm alma de repórter, nem todo repórter tem predileção por futebol ou por corridas. Por isso há os que se dedicam à política, aos assuntos financeiros, ao crime e até ao mundanismo e aos «potins» da alta sociedade. E os novatos compreenderam bem essa diversidade, tanto que alguns têm já um setor escolhido para mais tarde, quando tiverem oportunidade de colaborar nos jornais.

OS NOVATOS SÃO POUCOS

Não se pode dizer que a abertura do curso tenha sido mal divulgada pela imprensa. Coisa que interessava diretamente a esta, não podia deixar de ser largamente noticiada como de fato foi. Alguns jornais realizaram rápidas



A candidata Vera Margarida é arguida na prova oral de português pela professora Amália Costa. Nessa matéria os candidatos estavam melhores que na de História, mas houve grandes tropeços na conjugação dos imperativos. Quantos dos cento e cinquenta profissionais inscritos, dispensados dos vestibulares, saberão conjugá-los direitinho?...



Em cima, a candidata Maria Lachter, uma das entusiastas da profissão. Ganhou há tempos u'a maratona intelectual promovida pela Rádio Mayrink Veiga. Maria pretende ser terrível na imprensa: uma espécie de Gondin da Fonseca, Rafael Correia de Oliveira e Carlos Lacerda, misturados. Em baixo: os cinco bacharéis que se vão tornar agora doutores em nova profissão: são eles Antonio de Andrade Costa, Rywa H. Steinberg, Laura Porto, José Alves Filho e Luzia Portinho Serzedelo Correia. Todos eles fazem do jornalismo uma profissão auxiliar, pois o que ganham atualmente é muito mais do que os salários da imprensa.



reportagens durante o exame vestibular dos candidatos não profissionais. Apesar de ter sido curso tão intensamente apressado, foram pouquíssimos os não militantes que se inscreveram para o vestibular. Trinta e um candidatos apenas. Desses, alguns de certo serão reprovados, tornando ainda menor o número dos calouros. Mas, quanto aos que já são profissionais, — «focass» ou «dromedários», — o número de inscrições é avultadíssimo. Quando terminávamos esta reportagem as inscrições subiam a noventa, acreditando-se que o número iria além de cento e cinquenta até o término do prazo. Por que esse fraco interesse da parte dos leigos pela profissão de jornalista? É uma profissão elogiada por todos, respeitada por muitos e até mesmo invejada por alguns. No entanto, na hora em que surge essa oportunidade, ninguém aparece. Nós ouvimos a maioria dos que se submetiam aos exames, e a conclusão a que chegamos é singular. Nenhum deles, com raríssimas exceções, pensa fazer do jornalismo uma profissão única, exclusiva. Para muitos, a profissão será um «bico», um «galho», por intermédio do qual possam colher frutos melhores de árvores próximas.

LADO PRÁTICO E LADO ROMÂNTICO DA PROFISSÃO...

E os novatos que pensam assim não têm culpa das suas pretensões. São práticos. Não se iludem com o lado romântico da profissão: as polémicas, a evidência, a ilusão de intervir na solução dos problemas nacionais... Temos que reconhecer, infelizmente, que a maioria dos militantes da imprensa não vive apenas dela e para ela. Quando não dividem (ou diminuem?) o seu tempo de trabalho por vários jornais, é porque geralmente têm um emprego público ou particular que lhes garante o certo, mesmo porque na grande maioria da imprensa do Rio o futuro ainda é muito duvidoso. Alguns dos que prestaram exames vestibulares para o Curso de Jornalismo vêem claramente essa questão e por isso não deixarão o comércio ou as profissões liberais nas quais se formaram. Ainda agora, com a inflação, agravação do custo da vida, etc., não conseguiram melhoria. E um redator de primeira classe vai ganhar menos do que um primeiro tenente do Exército, embora geralmente com maiores encargos de família. Quando foi debatido na Câmara o chamado «Projeto Café Filho», projeto que pretendia aumentar o salário mínimo dos jornalistas, um dos argumentos desse operoso e ilustre deputado era justamente este. Que a profissão de jornalista deveria ser melhor remunerada para que este trabalho deixasse de ser um «bico». Mas tudo era tão «inconstitucional»!... Deve ser esse um dos motivos pelos quais o novo curso superior foi tão pouco procurado pelos rapazes que desejam aprender uma profissão. Há outras bem mais lucrativas, embora menos românticas...

O PRÓXIMO DUELO

O exame vestibular não foi nada fácil e exigiu uma grande soma de conhecimentos dos candidatos. Os jornalistas já profissionalizados ficaram isentos de tal exame. Inicialmente, exigiram para a matrícula, ao lado de outros documentos, o que comprovasse ter o candidato completado o curso secundário. Dias depois um decreto revogou esta disposição. Os jornalistas veteranos se matricularam sem nenhuma comprovação de sua capacidade intelectual perante a Faculdade. Acreditou-se, benevolamente, que isto seria comprovado pelo simples fato de já serem eles profissionais. Os calouros protestaram.

— Então de nós — disse-nos um deles — exigem um exame «puxadíssimo» e vocês entram sem mais aquela?! Um outro, mais sensato, obtemperou:

— Não tem importância. Eu quero ver é durante o ano se eles aguentarão o estudo das oito ou nove matérias do primeiro ano. Vamos esperar pelas provas do final do curso.

Está aberto o duelo entre os profissionais e os calouros. Esta emulação servirá de estímulo para que cada qual se esforce mais. Vamos ver se os veteranos não fazem feio. É verdade que há nas redações muitos «filhinhos de papai», sobrinho de senador, empistolado de general e deputado escrevendo tolices e disparates. Muitos dos que se inscreveram como profissionais são, na verdade, pessoas desconhecidas do próprio meio jornalístico. Alguns, embora membros da A.B.J., não militam na profissão. De qualquer modo, os que possuem carteira profissional do Sindicato de Jornalistas ou de sócio da Associação Brasileira de Imprensa terão que se esforçar bastante para não receberem dos novatos, no fim do ano, uma cartilha primária de presente.

DOCTORES VÃO APRENDER A TÉCNICA

Entre os que prestaram exame vestibular, cinco são formados: dois em Farmácia, um em Economia e dois em Advocacia. A advogada é a sra. Laura Porto, bacharel em Direito há quatro anos e também professora primária.

Deseja fazer do jornal uma profissão auxiliar. Diz-nos ela: — Quando puder escrever para um diário o meu tema será sempre a educação. E' o meu setor, — tanto como professora, como advogada.

Dona Laura não espera obter proventos materiais. Suas outras profissões são mais rendosas. O economista da turma é o funcionário do Banco do Brasil José Alves Filho. Já escolheu a sua especialização quando vier a escrever. Será sobre assuntos financeiros, câmbio e estudos semelhantes. Outra advogada é a senhorita Luzia Portinho Serzedelo Correia. A senhorita Luzia, com o seu cargo de secretária da Câmara dos Deputados, deve ganhar muito mais, ao que supomos, do que oitenta por cento dos jornalistas profissionais. Por isso, é claro, não trocará de profissão. Não deixará o funcionalismo. Poderá, isto sim, juntar dois proveitos no mesmo saco e tornar-se ótima repórter política, já que diariamente está a par de todas as notícias sobre o assunto. E será sobre política que escreverá mais tarde, segundo nos disse. Os dois farmacêuticos são a sra. Rywa H. Steinberg e o sr. Antônio de Andrade Costa, atual funcionário do DASP. Dona Rywa confessou-nos que entrou para o curso porque se sentia atraída pelo trabalho, e para isso muito influuiu o seu casamento com um jornalista. Nenhum dos cinco doutores que encontramos prestando exames vai abandonar seu emprego.

UMA IDEALISTA E UM PRÁTICO

Todos eles vêm na Imprensa um ideal pelo qual se deve lutar, embora muito poucos creiam que poderão viver à custa desse ideal. Entre as exceções está o matogrossense Rafael de Arruda. Rafael trabalha no comércio. Ordenado pequeno por ordenado pequeno ele preferirá trabalhar em jornal. Para isso vai estudar com afinco. Rafael de Arruda já escolheu, inclusive, o jornal onde pretende prestar serviços. Será em «Diretrizes».

— Por que esta preferência antecipada? — perguntamos-lhe.

— Gosto da orientação do jornal. Se puder, irei para lá. Menos prática do que ele, mas não menos idealista, é a jovem Maria Lachter, de dezenove anos. Quando lhe perguntamos a razão pela qual se matriculara no Curso de Jornalismo, fez-nos um discurso entusiástico, falando nos direitos do homem, liberdade da palavra, etc. Quis saber de uma porção de coisas da profissão. Como é isto, como é aquilo, etc. E fez, em seguida, uma profissão de fé:

— Quando for jornalista, serei livre. Escreverei contra o que quiser, falarei bem ou mal de quem me apetecer. Se o diretor achar ruim, saio do jornal. Se não encontrar jornal que me aceite, com toda a minha sinceridade, prefiro não escrever.

Nós apertamos-lhe a mão, comovidos. Maria Lachter, continue assim. Não mude nunca.

OS «GATOS» NAO PODIAM DEIXAR DE COMPARECER

Como já está se tornando hábito em nossas Faculdades, surgiram durante as provas orais e escritas as respostas mais disparatadas. Coisas absurdas foram ditas com uma candidez de estardalhaço. Note-se que as respostas foram dadas por estudantes que já completaram os quatro anos ginásiais e mais os três do curso científico ou clássico.

Um deles, perguntado sobre o que era cerâmica, respondeu assim:

— São trabalhos feitos em cera. Outro, que não sabia quais os plurais de capitão e escrivo, inquirido sobre o que era «homúnculo», respondeu:

— Nunca ouvi essa palavra, professor. Acho que isso não existe.

Na prova de História, as respostas dariam para encher uma revista de humorismo. Um deles afirmou que o visconde de Mauá tinha construído a «Baroneza». Por pouco não se lembrou do deputado Altamirando Requião. Outro acrescentou o nome de José Iturbi aos de Bolívar. O'Higgins, Miranda, San Martín, Sucre e outros grandes libertadores das Américas. A maior «bola», porém, foi a do que, convidado a dar alguns nomes de grandes navegadores portugueses dos séculos XV e XVI, respondeu depressa, sem pestançar:

— Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Gago Coutinho...

VAMOS TODOS APRENDER

O curso dura três anos. Em 1950 deverá estar formada a primeira turma de «doutores» em jornalismo do Brasil. Dos quase duzentos agora inscritos quantos alcançarão a meta? Difícil de prever-se. E' voz corrente que depois de 1950 será obrigatória a apresentação do certificado da conclusão do curso para o ingresso na carreira de jornalista, como repórter. Já não se poderá dizer — como o fazem as más línguas — que basta ser analfabeto para ser jornalista. O candidato terá que estudar, no mínimo treze anos para chegar a tal (primário, ginásial, científico e Faculdade). Naturalmente até lá alguém terá resolvido o problema dos salários dos jornalistas, hoje abaixo dos dactilógrafos das repartições públicas. E olhem que muitos dos jornalistas são também dactilógrafos — embora de um dedo só!



Em baixo e em cima aparecem quatro flagrantes dos candidatos ao Curso de Jornalismo. Os inscritos, não profissionais, são todos moços, cheios de entusiasmo pela profissão. O jornalismo continua sendo, pelo que se viu nesses exames, uma profissão gloriosa. Pelo menos foi olhado como tal pelos novatos. E estamos certos de que eles não serão enganados. Basta que para isso sejam mais tarde coerentes com as suas idéias de agora.



Outro aspecto dos alunos colhido durante os exames de História da Civilização. Aparece na fotografia a farmacêutica Rywa Steinberg, que apesar de formada em Farmácia sempre teve queda pelo trabalho na imprensa. Esta propensão se acentuou após seu casamento com um jornalista profissional.



A VIDA DE MARY BAKER EDDY

(1821 — 1910)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA)
com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

NUMA fria noite de outubro de 1867, ouviu-se bater à porta da casa de Mrs. Mary Webster, esposa de um capitão de navios reformado, que vivia em Amesbury, Massachusetts. A boa senhora abriu a porta e espreitou a escuridão exterior. Uma mulherzinha minúscula — mal parecia exceder cem libras de arrepiada pele e ossos — pediu acolhimento. "Por favor, quere-me deixar entrar?"

— Ora, certamente! — Mrs. Webster conduziu a enlameada criaturinha para junto do fogo e ofereceu-lhe uma taça de chá.

Tendo esvaziado a taça, a desconhecida quis ir-se embora. Mas Mrs. Webster insistiu para que ficasse.

— Estou sozinha aqui. Meu marido está em Manchester. E' o superintendente de uma fiação de algodão, lá. Pode ficar comigo o tempo que quiser.

— Mas a senhora nem sabe quem sou eu.

— Sei que é uma criatura de Deus na aflição. Portanto, é minha amiga.

A forasteira sorriu. Um sorriso agradecido, comovido.

— Ficarei com prazer. A senhora vê, eu não tenho lar.

— Coitada! — Mrs. Webster passou maternalmente o braço em torno dos ombros da mulherzinha. Nunca haviam atingido a maturidade, aquelas espáduas magras e angulosas, mas já estavam curvadas pela velhice prematura. Também o rosto era o de uma mulher que transpusera a meia-idade havia muito.

A desconhecida aconchegou-se a Mrs. Webster. Parecia faminta de simpatia humana.

— Não imagina quanto me faz feliz.

— Bem, é para isso que estamos aqui.

— Mrs. Webster tentava dissimular a ternura com um tom indiferente. — Oh, a propósito, — acrescentou, como se lhe tivesse ocorrido a idéia de repente, — quer me dizer o seu nome.

— Mrs. Glover. Mary Baker Glover. Foi um abrigo apenas temporário o que Mrs. Glover encontrou em casa de Mrs. Webster. Uma noite, o genro da velha senhora, William Ellis, veio de Nova York em visita. "Não quero vagabundar nesta casa!" trovejou, e pôs Mrs. Glover violentamente porta a fora.

A chuva batia. A infeliz ficou vários minutos parada sob o dilúvio, a trilhar. Depois voltou os passos desconhecidos para a estrada, à procura do próximo refúgio precário.

Num dia de verão, em 1838, a mesma lisa de mulher — por um casamento ulterior, era agora Mrs. Mary Baker Eddy — estava diante de uma convenção dos Cientistas Cristãos, em Chicago. A sala achava-se à cunha. Muitos dos presentes tinham vindo mais para apurar que para aplaudir. A "mulherzinha de Deus" começou o discurso com a citação do primeiro versículo do nonagésimo primeiro Salmo: "Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará".

O silêncio caiu sobre o auditório. Todos os olhos estavam cravados naquele rosto luminoso, veemente, inspirado. Um espírito desencarnado, possuidor de eterna juventude. E a mensagem que brotou daqueles lábios fecundos — ela falava espontaneamente, sem anotações — foi um chamamento à cruzada por uma juventude sem morte, sem dores e sem privações. "Está ao vosso alcance abolir a pobreza, a enfermidade, a aflição e o medo da morte... Todo sofrimento, todo mal, não passa de um pesadelo, um

desvio da verdade, um erro do espírito humano... Eliminaí esse erro que são os maus pensamentos, o ódio, a avareza, a lascívia, a obstinação, a ambição pessoal, o orgulho, a arrogância, a inveja, o ciúme e o rancor. Pois deles provêm as sementes da enfermidade e da morte... Voltaí à verdade de Jesus Cristo, o Supremo Cientista... Cedei ao espírito que está dentro de vós, o espírito de radiante suavidade, de beleza, coragem, confiança, fé, esperança, paciência, bondade, compaixão e paz. Dêe provém as sementes da saúde e da vida eterna..."

O auditório estava fascinado. Os jornalistas esqueciam-se de tomar notas. Quando ela terminou de falar, a multidão precipitou-se para o palco. Os homens galgavam a plataforma e depois ajudavam as mulheres e crianças a subir. Lutavam para chegar até ela, tocar-lhe a mão, o vestido, o próprio chão que pisava. Quanto a Mrs. Eddy "recebeu as homenagens docemente, quase silenciosamente" — estamos citando um dos jornais da época — "ao passo que a gente se comprimia em torno dela com bênçãos e agradecimentos, e homens robustos viravam o rosto a fim de esconder as lágrimas". Lágrimas de gratidão, de êxtase, de esperança renovada. Pois o que acabavam de ouvir não era "uma alocução de lábios humanos, mas a mensagem dum coração sublimado".

★

Que espécie de pessoa era esta mulherzinha assombrosa que, no espaço de vinte e um anos, ascendera da miséria à consagração?

II

Nascera em Bow, New Hampshire, de uma família anglo-escocesa de lavradores que procuravam "obrar com justiça, cultivar a bondade e acompanhar humildemente o seu Deus". Os aldeões vizinhos chamavam-lhe a "menina miudinha de nome comprido" — Mary Ann Morse Baker. Sua mãe morreu cedo, extenuada pelo trabalho de criar três filhos e três filhas no solo pedregoso da Nova-Inglaterra. Educada sob o "espírito sólido e vontade de ferro" de seu pai, a pequena Mary desenvolveu-se — seria erro dizer que cresceu, pois ela nunca chegou a crescer — numa rapariguita nervosa, obstinada, enfermiga mas atraente. Uma criança meiga, fantasiosa e pensativa — "toda de cabeça, e nenhum corpo". Gostava de correr e pender-se com os braços mais velhas, que tinham partido para vários pontos do país em busca de fortuna. A mãe-lhe falou para assistir a um sermão famoso de "língua" escreveu em uma das cartas a seu irmão Sullivan — uma composição tão encantadoramente formal em estilo como informal em gramática, "e eu fiquei sozinha recordando acontecimentos passados... Há uma coisa que se eu não aproveitasse bem aprendi da experiência a prizar mais talvez que antes e é *Caro Irmão os conselhos de amigo* que tu estavas sempre me dando e o vivo interesse que tu sempre manifestaste pelo meu bem-estar mas agora quando eu me sento para as minhas refeições solitárias não tenho nenhum irmão Sullivan que me encoraje como dantes — mas não há filosofia em lamentar-se e eu preciso estender a idéia da benevolência mais longe do que permite o egoísmo e só acrescentarei que a minha saúde presentemente está melhorando, aos poucos e espero com muita dieta e cuidado recuperá-la algum dia..."

De uma infância doentia e solitária, emergiu para uma maturidade enfermiga e apartada. Incapaz de tomar parte ativa no mundo físico exterior, tornou-se introspectiva, filosófica, arredia — uma aventureira no mundo interior dos seus pensamentos. Devaneava, compunha versos — algo toscos, é preciso confessar — e esperava o dia em que a saúde lhe facultasse "estender a idéia da benevolência", *ativamente*, e não apenas passivamente, "mais além do que permite o egoísmo".

Entretanto, casara-se duas vezes — com George W. Glover e com Daniel Patterson; sofrera a perda de ambos os maridos, o primeiro por morte e o segundo por deserção; dera à luz um filho (do primeiro marido) e vira-se obrigada em razão de sua enfermidade e pobreza, a entregá-lo aos ternos cuidados dum estranho: errara pelo interior penhascoso da Nova-Inglaterra, e aos quarenta e seis anos era uma pobre ruína humana atirada ao léu.

Mary Baker estava em vias de completar o ciclo ordinário da vida humana em completa obscuridade e frustração.

E então aconteceu alguma coisa. Que fôsse um fato físico exterior ou uma fantasia do seu espírito, é questão que compete aos cientistas e teólogos discutir. Ao biógrafo pertence apenas registrar o incidente e notar a consequente transformação da infeliz sem esperanças na mitoria iluminada. O fato ocorreu em Lynn, Massachusetts, num dia de inverno, pouco depois da Guerra de Secessão. Quando caminhava no passeio escorregadio, Mary Baker sofreu uma queda e lesionou profundamente a espinha dorsal. "O médico que me atendeu", escreveu posteriormente, "disse que eu tinha dado o último passo da minha vida". Mas quando fazia desesperança no leito, pediu que lhe trouxessem a Bíblia, e os seus olhos — guiados por Deus, sustentados — deram com uma passagem de S. Mateus (IX, 2-7): "E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado numa cama... e Jesus disse ao paralítico: Filho, tem bom ânimo; perdoados são os teus pecados... Levanta-te: toma a tua cama e vai para a tua casa. E levantando-se, foi para a sua casa". Nessas pa-

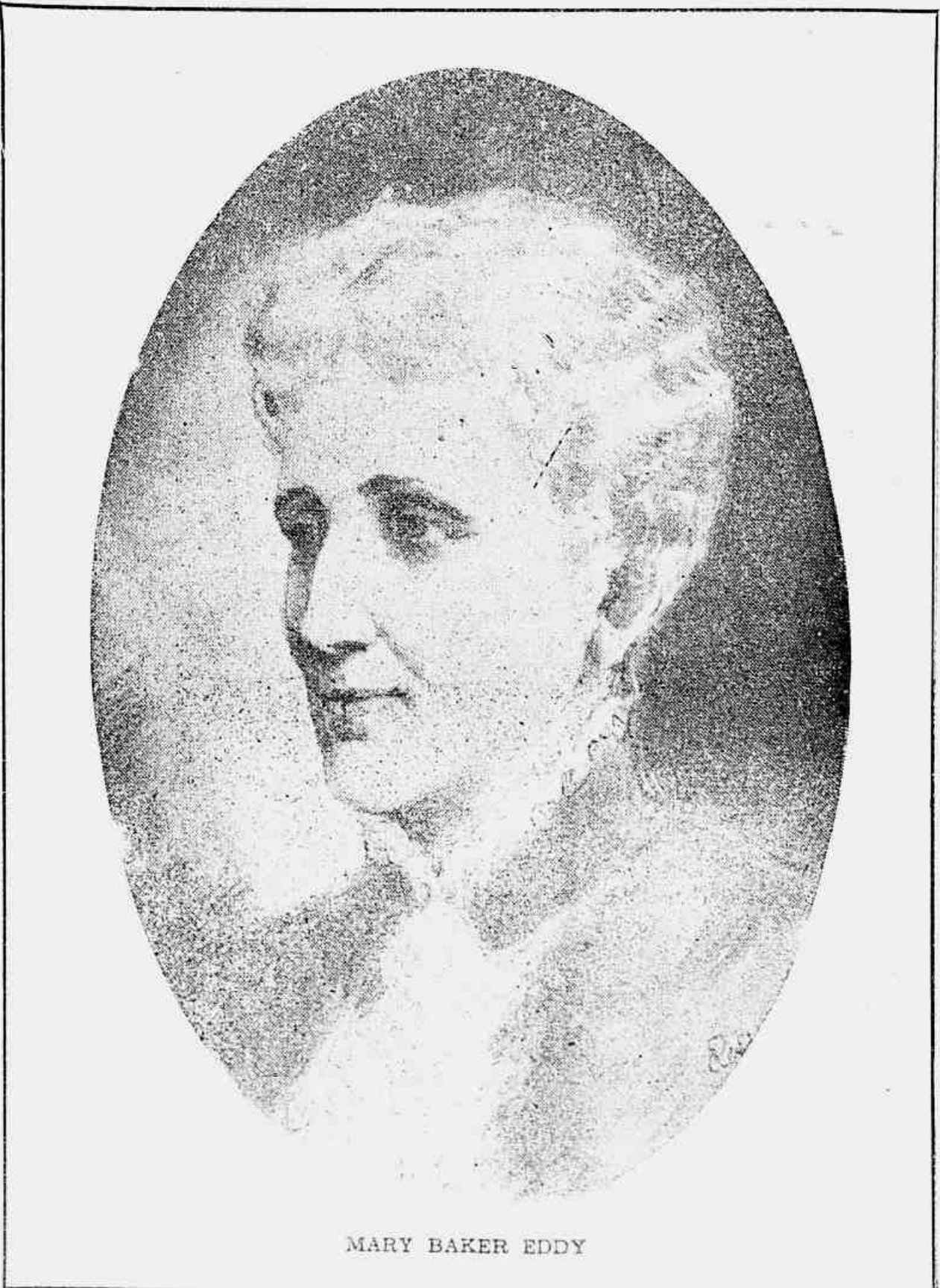
lavras, declarava Mary Baker, "descobri a Ciência da divina cura metafísica". A liturgia do segredo dessa cura divina despertou-lhe tão grande soma de vigor, conta nos Mary Baker, que imediatamente "saí da cama e andei". E foi assim que nasceu a religião moderna da Ciência Cristã.

III

Mary Baker passou três anos longe da sociedade, meditando o seu "grande segredo" e traduzindo-o na linguagem duma nova Bíblia. O evangelho da saúde pessoal pelo amor universal. Depois de três anos de solitária meditação, ela saiu novamente a vaguear — desta vez, no entanto, para trazer e não para procurar a paz. Grande modificação se operara nela. Fora-se o desalento e o azedume. Agora brilhava em seus olhos uma luz abençoadora, d modo que "só a sua presença trazia cura aos doentes". A "valudinária impulsiva" convertera-se numa doce mensageira de clemência. "Se já houve um anjo na terra", disse uma pessoa que a conheceu em tal período, "é esta mulher".

No entanto, o caminho da aceitação definitiva ainda estava empedrado pela incompreensão, escárnio e maledicência. Seus adversários chamavam-lhe "velha hipocondria estúpida"; e até entre os seus discípulos havia os que se decepcionavam por achá-la um tanto menos perfeita que a imagem de mármore de um santo. Era demasiadamente humana, diziam, para ser a mensageira do sublime. E não andavam inteiramente errados. Suas ações — e não ocorre o mesmo com os mortais mais excelsos? — nunca se elevaram à altura das suas palavras. Mary Baker ainda se entregava a ocasionais acessos de mau humor, de ciúme, de tola vaidade. E adquiria lamentável avidez de bens materiais — reação, talvez, contra a patética privação anterior. Aceitava honrários pelos socorros espirituais. Assim procedendo, não se mostrava nem insincera, nem incoerente com a sua doutrina. A crença profunda no poder curativo de Cristo Cientista, sustentava ela, abolirá não só os nossos tormentos

(Cont. na pág. 53)



MARY BAKER EDDY

**NINGUEM DIZ... MAS
JÁ PASSEI
dos 50!**



*Esta senhora providente preferiu,
aos produtos vulgares, a Quina
Petroleo Malibú! E hoje mostra,
na beleza irradiante dos seus
cabelos, os efeitos maravilhosos
da pilocarpina, composição
mágica da Quina Petroleo
Malibú!*

**SEJA A SENHORA TAMBEM
DAS QUE FICARÃO NOS 50!**

*Com uma simples apli-
cação diaria, após o ba-
nho, a Quina Petroleo
Malibú elimina a cas-
pa e evita a queda
dos cabelos.*



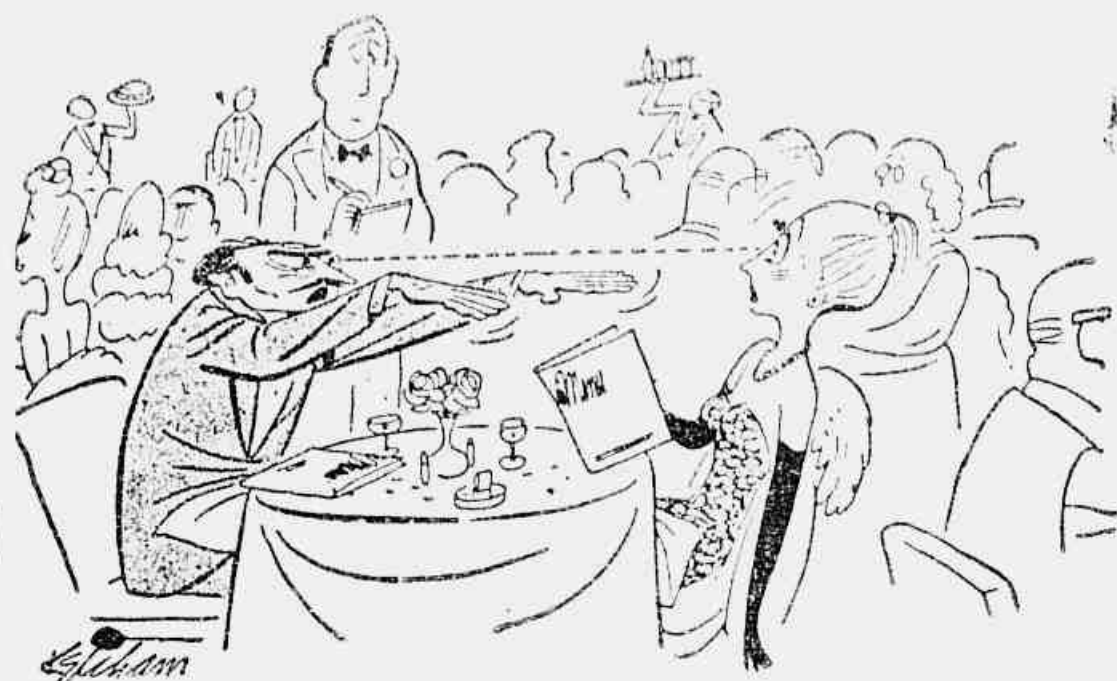
MEDALHA
DE OURO
1ª FEIRA NA-
CIONAL DE
INUS-
TRIAS

Malibú
quina petroleo

À VENDA EM TODO O BRASIL, NAS BOAS CASAS DO RAMO



— O senhor podia beijar um pouco mais baixo, para não incomodar os outros espectadores?

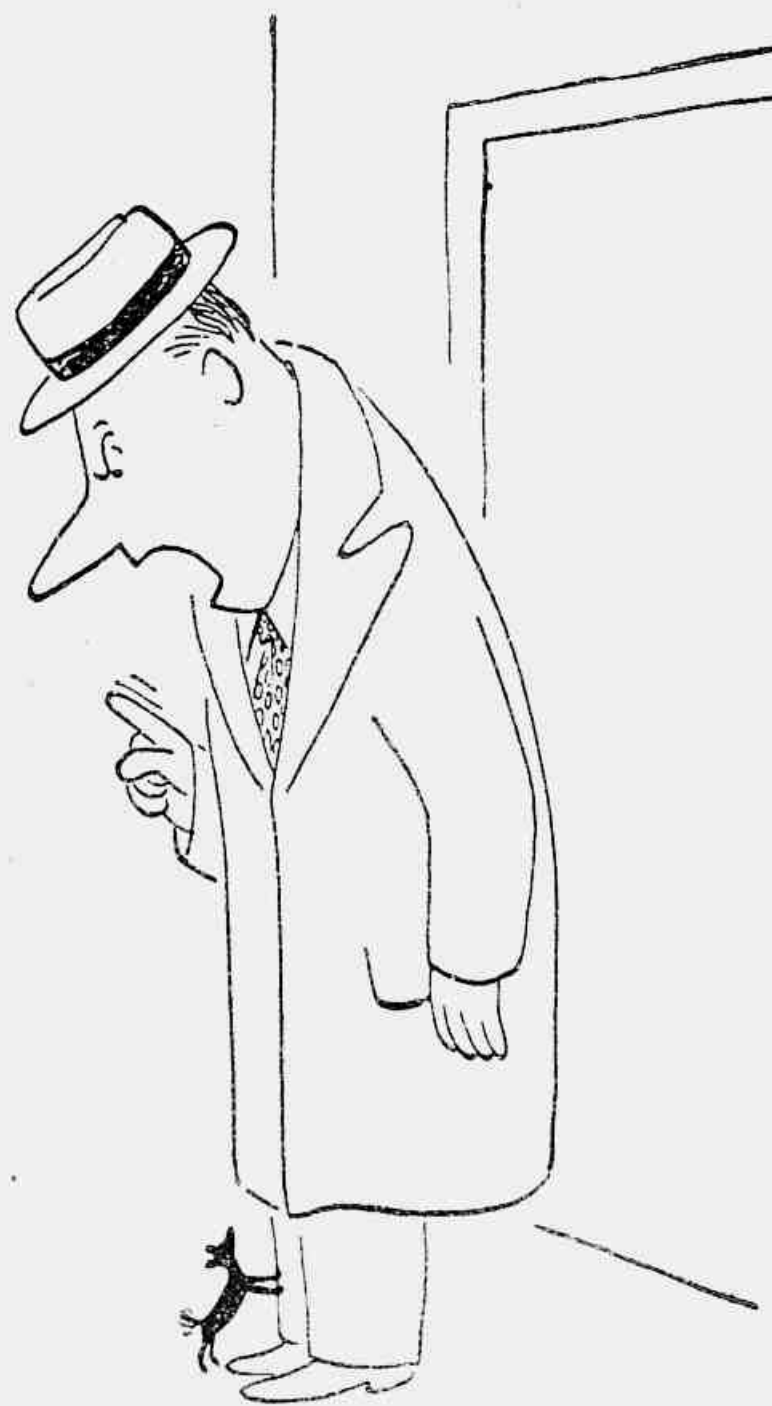
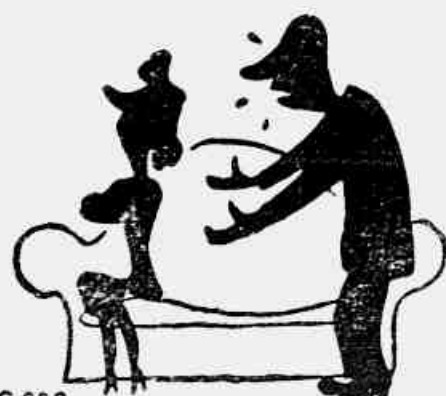


— Você não quer comer um prato mais barato? Não quer comer um prato mais barato? Um prato mais barato?

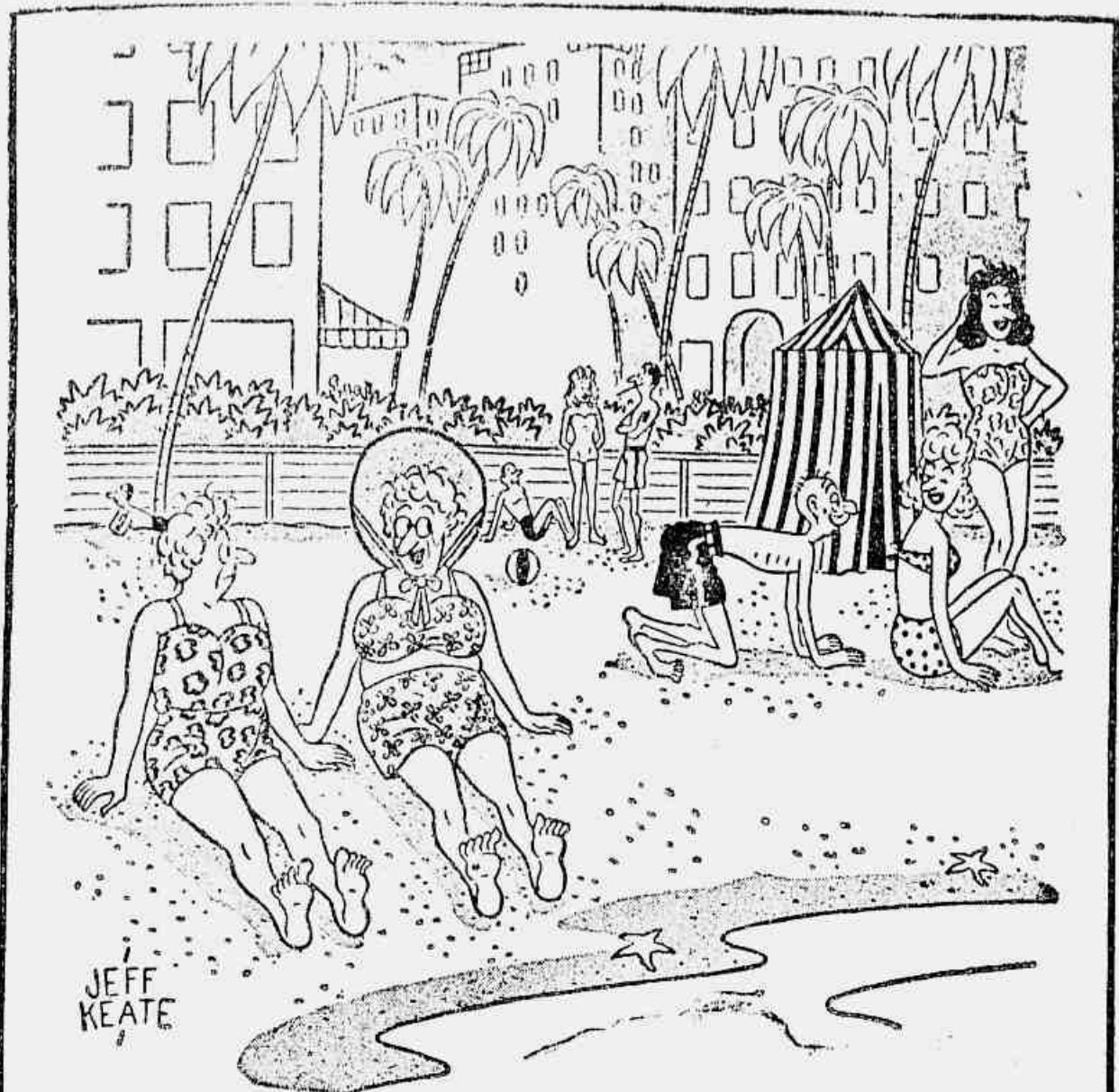


— Não causarei nenhum transtorno, querida... Apenas vou me sentar aí e ouvir o rádio...

BOM HUMOR



— Cuidado! Nada de ferocidade comigo, ouviu?



— Dei licença ao Altamirando para se divertir com as pequenas, na esperança de que ele se esqueça de que estamos pagando 300 cruzeiros por dia neste hotel...



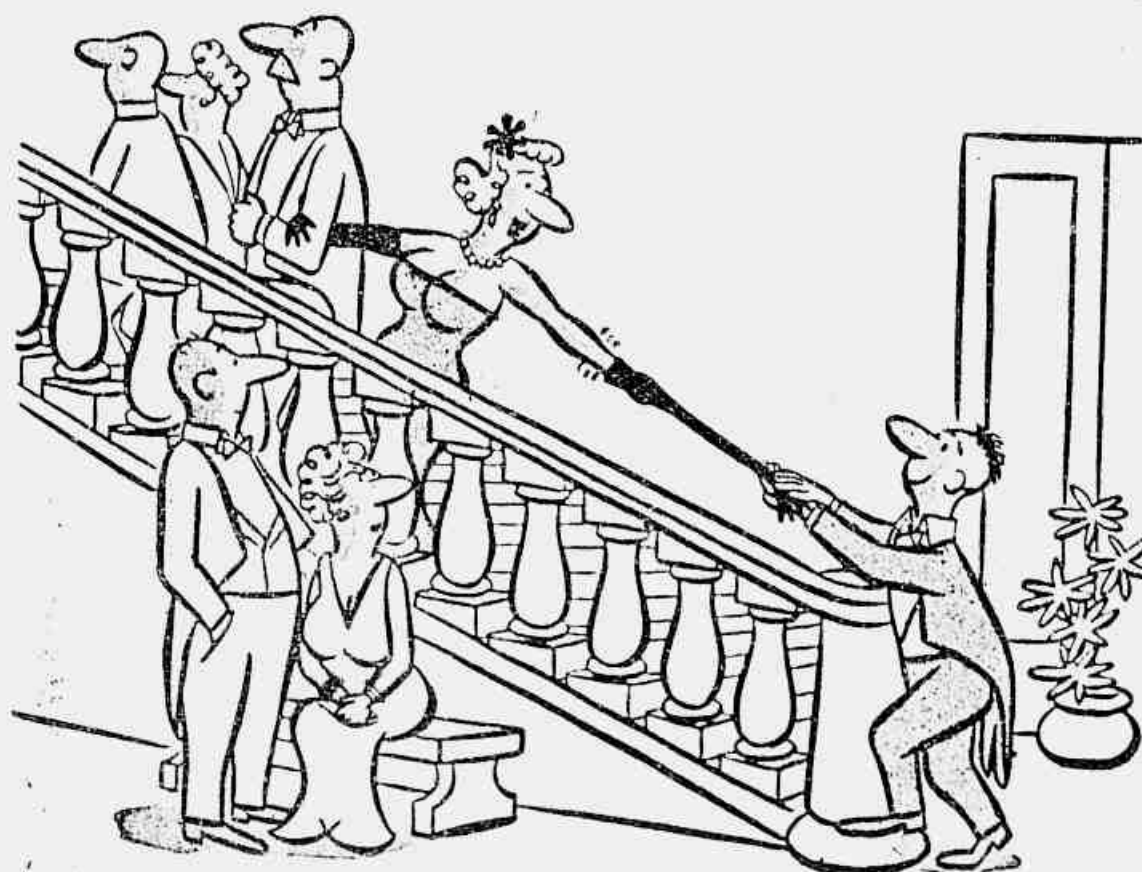
— Sim, mamãe... O Barreto também manda lembranças...



— Leôncio, que é que você tem de estar consultando outra vez a seção de lingerie?



— Calma! Calma! Eu já achei um cigarro para você...



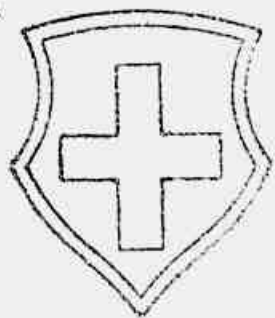
— Adoraria ficar e conversar, mas, infelizmente, tenho que ir-me embora...



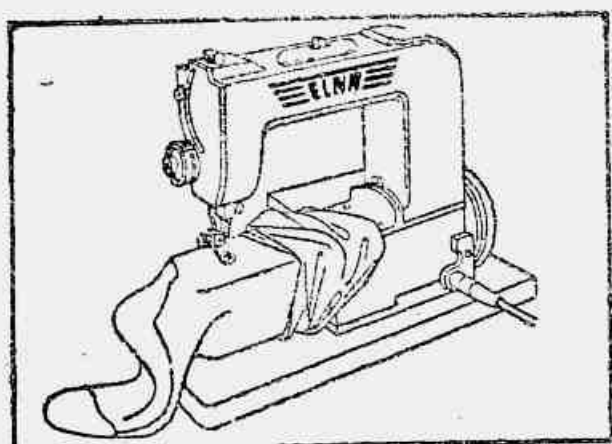
— E agora... assine aqui!

A MÁQUINA DE COSTURA MODERNA.

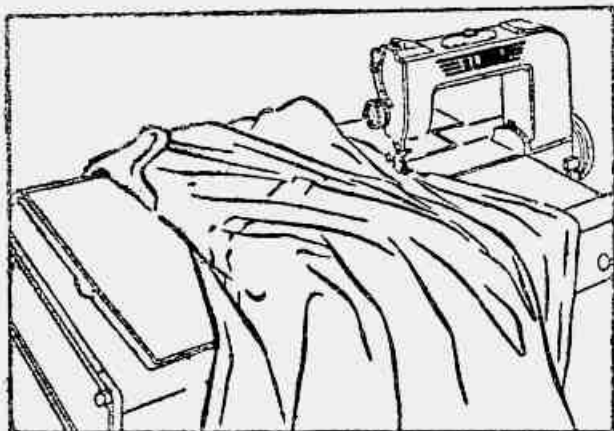
DA SUIÇA



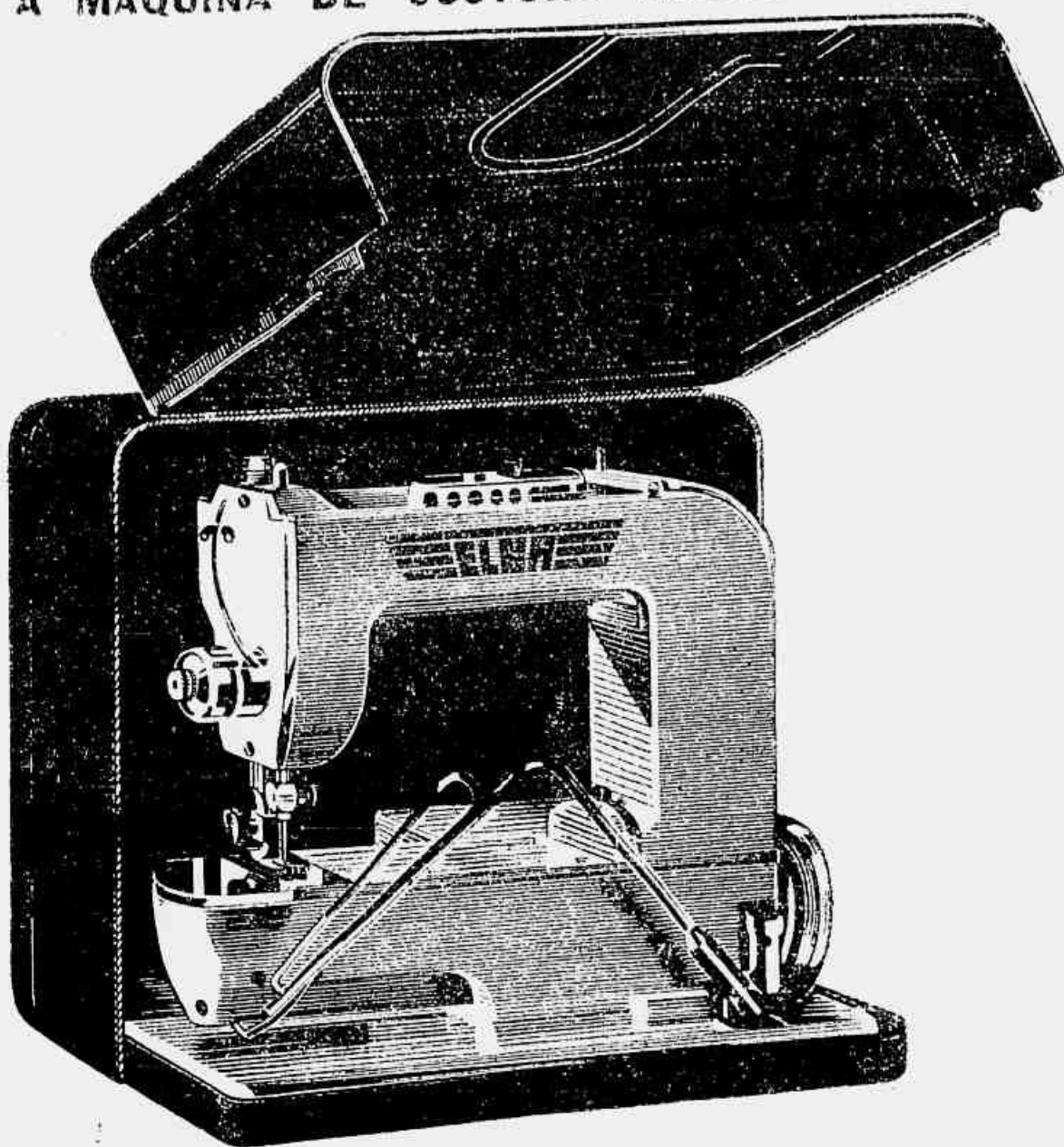
PARA SEU LAR!



Podem-se remendar meias com perfeição e rapidez, sem necessidade de acessórios. Basta enfiar a meia no Braço Livre de ELNA e fazer o trabalho.



Num instante, a elegante malêta metálica transforma-se em cômoda mesa de trabalho para costuras. Com ELNA, perfaz um belo conjunto.



PORTÁTIL — ELÉTRICA — PERFEITA!

ELNA, obra prima da indústria suíça, é a máquina de costura moderna, elétrica e portátil. Além de novidades extraordinárias, como o famoso "braço livre", a malinha metálica transformável em mesa de trabalho, a luz embutida, ELNA apresenta outras particularidades: dispositivo especial para fixação sempre correta da agulha; posição horizontal da lançadeira, permitindo muda-la sem tirar o trabalho em execução; escala graduadora do ponto de costura e da tensão do fio; freio instantâneo, parando a máquina na posição desejada; redutor regulador de velocidade, tornando possível os mais difíceis bordados; côr verde, para descanso da vista. ELNA costura qualquer fazenda, da mais grossa à mais fina; cose sêda e malharia; cerze meias de sêda ou de lã. Concorra para o conforto, economia e alegria de seu lar, adquirindo hoje mesmo uma ELNA.



CIA. DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Av. Calógeras, 15-23 (Prol. Graça Aranha) Tel. 32-6642
Rio de Janeiro

LOJAS ELNA

SÃO PAULO
Rua 7 de Abril, 248-252 - Tel. 4 3395

PORTO ALEGRE
Rua dos Andradas, 1538

BELO HORIZONTE
Rua Tamóios, 90 (Edifício Acaiaca)
Tel. 2-1930

Desejo receber, sem compromisso, o
"Manual ELNA" em cores.

Nome
Endereço Tel.
Cidade
Estado

vaga publicidade

DEMONSTRAÇÕES PERMANENTES NA LOJA E A DOMICÍLIO
GARANTIA DE DOIS ANOS
VENDAS A CRÉDITO — ENTREGAS IMEDIATAS

FLORIANO ia todos os dias, pela madrugada, para a Pedra do Vigia observar o mar e determinar a presença ou não de peixe. O velho pescador de pele tostada e bigodes amarelados pelo calor de um cachimbo de barro afeiçoou-se de tal forma à pedra que esta ficou sendo, para ele, uma espécie de propriedade privada. Para ser mais preciso, Floriano tinha tanta amizade à «sua» pedra como à mulher, ao filho, à casa, à canoa, ao mar.

Era uma pedra redonda e lisa, encaixada, por obra do acaso, entre dois troncos de árvores. A forma protuberante, a cor e o tamanho destacavam-na da paisagem verde, fazendo com que a população da pequenina aldeia a notasse de relance, principalmente quando nela estava acororado Floriano, componente indispensável da paisagem daquele recanto de praia.

Quem andasse pela praia nas primeiras horas da madrugada, veria aquele homem acororado na pedra, imóvel, completamente imóvel. Só se percebia que era um sér vivo pela fumaça que soltava nas cachimbadas constantes. Quando Floriano se agitava era para levar o apito à boca. Um apito longo significava «alerta» e determinava movimentos na praia em direção às canoas. Um apito curto — «preparar». Canoas aprestadas. Redes armadas e atenções suspensas na expectativa do próximo sinal que era, invariavelmente, um apito longo, seguido de um curto e significando «em ação». Então as canoas se lançavam ao mar, seu número sendo determinado pela intensidade do último sinal do vigia. Este passava, desde então, a guiá-las, acenando um pedaço de pano por cima da cabeça. As canoas tomavam a direção que Floriano indicava quando acenava com o pedaço de pano. Para a esquerda; para a frente; para a direita. E as canoas seguiam ao comando do velho pescador.

Havia momentos excepcionais em que era necessário lançar várias redes, umas em seguida às outras, para conter a grande quantidade de peixe que era cercada. E nesses momentos colocavam-se canoas do lado de fora das redes para quando a tainha pulasse, procurando fugir, caísse dentro delas.

Cercado o peixe, estava terminado o serviço de Floriano, que passava so-

(Cont. na pág. 52)

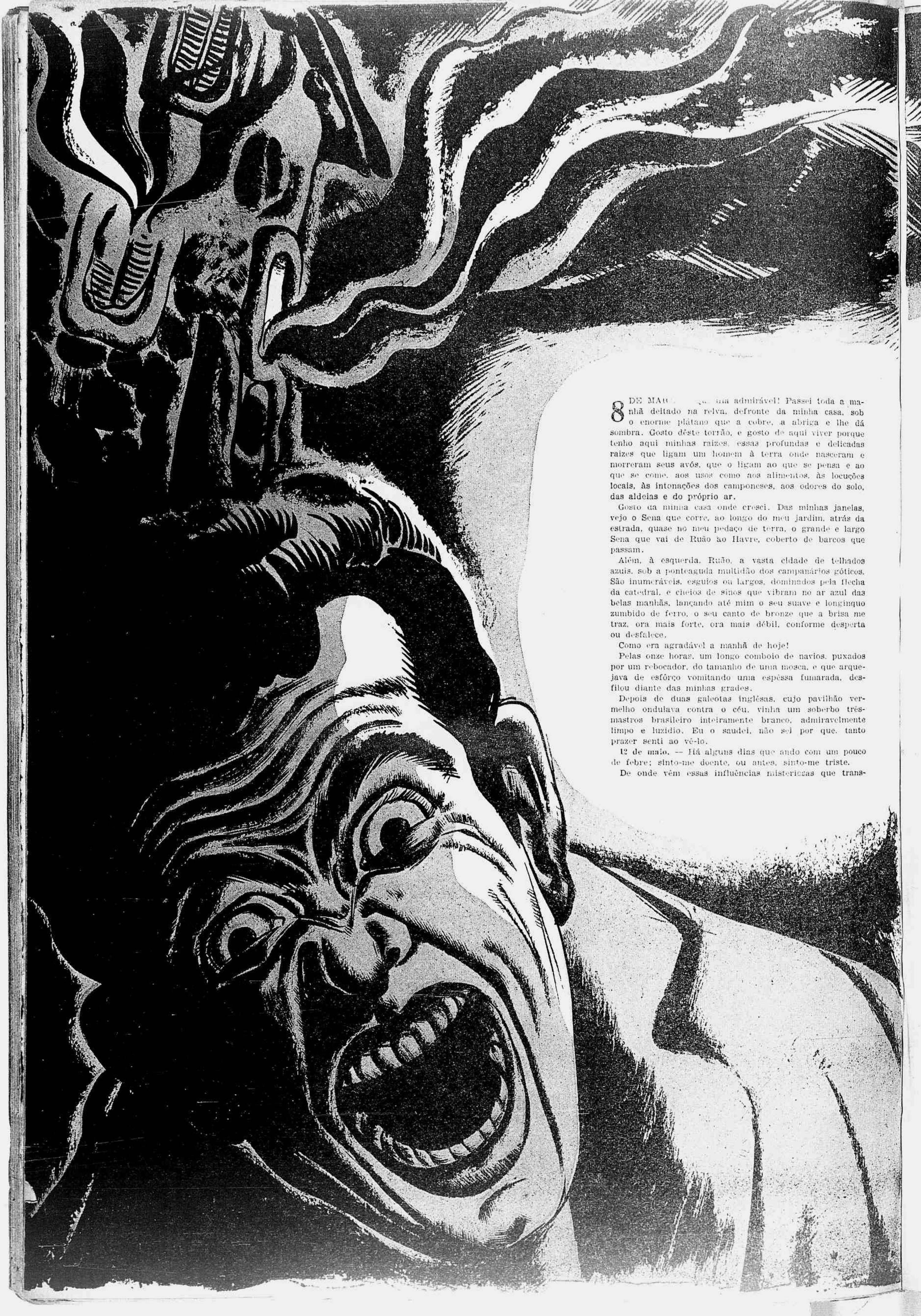
Ilustração de A. PACHECO



CONTO DE JOÃO JORGE DA CUNHA

A PEDRA DO VIGIA

(SELECIONADO NO CONCURSO PERMANENTE
DE REVISTA DA SEMANA)



8 DE MAIO. — Que manhã admirável! Passei toda a manhã deitado na relva, defronte da minha casa, sob o enorme plátano que a cobre, a abriga e lhe dá sombra. Gosto deste torrão, e gosto de aqui viver porque tenho aqui minhas raízes, essas profundas e delicadas raízes que ligam um homem à terra onde nasceram e morreram seus avós, que o ligam ao que se pensa e ao que se come, aos usos como aos alimentos, às locuções locais, às intonações dos camponeses, aos odores do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto da minha casa onde cresci. Das minhas janelas, vejo o Sena que corre, ao longo do meu jardim, atrás da estrada, quase no meu pedaço de terra, o grande e largo Sena que vai de Ruão ao Havre, coberto de barcos que passam.

Além, à esquerda, Ruão, a vasta cidade de telhados azuis, sob a ponteguda multidão dos campanários góticos. São inumeráveis, esguios ou largos, dominados pela flecha da catedral, e cheios de sinos que vibram no ar azul das belas manhãs, lançando até mim o seu suave e longínquo zumbido de ferro, o seu canto de bronze que a brisa me traz, ora mais forte, ora mais débil, conforme desperta ou desfalece.

Como era agradável a manhã de hoje!

Pelas onze horas, um longo comboio de navios, puxados por um rebocador, do tamanho de uma mosca, e que arquejava de esforço vomitando uma espessa fumarada, desfilou diante das minhas grades.

Depois de duas galeotas inglesas, cujo pavilhão vermelho ondulava contra o céu, vinha um soberbo três-mastros brasileiro inteiramente branco, admiravelmente limpo e lúcido. Eu o saudei, não sei por que, tanto prazer senti ao vê-lo.

12 de maio. — Há alguns dias que ando com um pouco de febre; sinto-me doente, ou antes, sinto-me triste.

De onde vêm essas influências misteriosas que trans-

GERLANDO MATTOS

HOPIA

formam em desânimo o nosso bem-estar, e a nossa confiança em desespero? Dir-se-ia que o ar, o ar invisível, está cheio de Potências incognoscíveis, de cuja misteriosa vizinhança nós sofremos a influência. Desperto cheio de alegria, com desejos de cantar. — Por que? Desço até a margem do rio; e, súbito, após um curto passeio, regresso desolado, como se alguma desgraça me esperasse em minha casa. — Por que? — Foi um frémito de frio que, tangenciando a minha pele, desequilibrou meus nervos e ensombrecou minha alma? Foi a forma das nuvens, ou a cor da atmosfera, a cor das coisas, tão variável, que, passando por meus olhos, perturbou o meu pensamento? Pode-se lá saber? Tudo o que nos cerca, tudo o que vemos sem olhar, tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem palpar, tudo o que encontramos sem distinguir, causam em nós, em nossos órgãos e, por meio destes, em nossos idéias, em nosso próprio coração, efeitos súbitos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo, esse mistério do invisível! Não podemos sondá-lo com os nossos miseráveis sentidos, com os nossos olhos que não sabem perceber nem o muito pequeno nem o muito grande, nem o muito próximo nem o muito afastado, nem os habitantes de uma estrela, nem os habitantes de uma gota d'água... com os nossos ouvidos que nos enganam, pois eles nos transmitem as vibrações do ar em notas sonoras. Eles são gênios que fazem o milagre de transformar em ruído esse movimento e, por essa metamorfose, dão nascimento à música, que torna cantante a muda agitação da natureza... com o nosso olfato, mais fraco que o do cão... com o nosso paladar, que mal pode distinguir a idade de um vinho!

Ah! Se tivéssemos outros órgãos que realizassem em nosso favor outros milagres, que de coisas poderíamos descobrir em redor de nós!

16 de maio. — Estou doente, decididamente! E tão bem que eu estava no mês passado! Estou com febre, uma febre atroz, ou antes, um enervamento febril, que torna a minha alma tão enferma quanto o meu corpo. Tenho sempre essa horrível sensação de um perigo iminente, essa apreensão de uma desgraça que está para chegar, ou da morte que se aproxima, esse pressentimento que é sem dúvida o pressentimento de um mal ainda desconhecido, germinado no sangue e na carne.

18 de maio. — Acabo de consultar o meu médico, pois eu não podia mais dormir. Achou-me o pulso rápido, a pupila dilatada, os nervos vibrantes, mas sem nenhum sintoma de alarmar. Devo submeter-me a duchas e tomar brometo de potássio.

25 de maio. — Nenhuma mudança! O meu estado, na verdade, é esquisito. A medida que a tarde avança, invade-me uma incompreensível inquietação, como se a noite ocultasse para mim alguma terrível ameaça. Janto às pressas, depois tento ler; mas não compreendo as palavras; mal distingo as letras. Caminho então de um lado para outro na sala, sob a opressão de um receio confuso e irresistível, o receio do sono e o receio do leito.

Pelas duas horas, subo ao meu quarto. Logo que entro, dou duas voltas à chave e baixo os ferrolhos; eu tenho medo... de que?... Até agora eu não temia coisa nenhuma... eu abro os meus armários, olho debaixo da cama; escuto... escuto... o que?... Não é estranho que uma simples indisposição, uma perturbação circulatória talvez, a irritação de um filete nervoso, um pouco de congestão, um pequeníssimo desarranjo no funcionamento, tão imperfeito e tão delicado da nossa máquina viva, possa fazer um melancólico do mais alegre dos homens, e um poltrão do mais bravo? Depois, deito-me e espero o sono como esperaria o carrasco. Espero-o com o temor da sua chegada, e o meu coração bate, e as minhas pernas tremem; e todo o meu corpo treme no aconchego das cobertas, até o instante em que tomo de repente no repouso, como quem tombaria, para afogar-se, num golfo de água estagnada. Não o sinto vir como outrora, esse sono perfido, oculto perto de mim, que me espreita, que vai apanhar-me pela cabeça, fechar-me os olhos, aniquilá-lo-me.

Eu durmo — bastante tempo — duas ou três horas — depois um sonho — não — um pesadelo apodera-se de mim. Bem sinto que estou deitado e que durmo... Eu

o sinto e o vejo... e sinto também que alguém se aproxima de mim, me olha, me apalpa, sobe para a minha cama, ajoelha-se sobre o meu peito, me toma o pescoço entre as suas mãos e aperta... aperta... com toda a força, para estrangular-me.

Eu me debato, liado por essa atroz impotência que nos paralisa nos sonhos; quero gritar — não posso; — quero mover-me — não posso; — com terríveis esforços, arquejando, tento virar-me, lançar ao chão aquele ser que me esmaga e sufoca — não posso!

E de súbito acordo, desvairado, banhado em suor. Acendo uma vela. Estou sozinho.

Após essa crise, que se renova todas as noites, eu durmo enfim, com calma, até a aurora.

2 de junho. — Agravou-se o meu estado. Que tenho eu? O brometo não adianta nada; as duchas não adiantam nada. Ainda há pouco, para fatigar o corpo, tão cansado no entanto, fui dar uma volta pela floresta de Roumare. Julguei a princípio que o ar fresco, leve e suave, cheio do odor de ervas e folhas, me vertia nas veias um sangue novo, no coração uma energia nova. Enveredei por uma grande avenida de caça, depois desviei para La Bouille, por uma alameda estreita, entre dois exércitos de árvores desmesuradamente altas que punham um teto verde, espesso, quase negro, entre a minha vista e o céu.

Acometeu-me de súbito um arrepio, não um arrepio de frio, mas um estranho arrepio de angústia.

Apresei o passo, inquieto de estar sozinho naquele bosque, amedrontado sem razão, estupidamente, pela solidão profunda. De súbito me pareceu que estava sendo seguido, que andavam nos meus calcanhares, bem junto de mim, quase a tocar-me.

Voltei-me bruscamente. Estava só. Apenas vi atrás de mim a reta e longa alameda, deserta, alta, assustadoramente deserta; e do outro lado ela também se estendia a perder de vista, sempre igual, terrível.

Fechei os olhos. Por que?! E me pus a girar sobre um calcanhar, rápido, como um pião. Quase caí; reabri os olhos; as árvores dançavam; a terra oscilava; tive de me sentar. Ah! e eu não sabia mais por onde tinha vindo. Estranha idéia! Estranha, estranha idéia! Absolutamente não sabia. Voltei pelo lado que se achava à minha direita, e fui dar na avenida que me conduziu ao meio da floresta.

3 de junho. — A noite foi horrível. Vou ausentar-me durante algumas semanas. Uma pequena viagem, sem dúvida, me deixará restabelecido.

2 de julho. — Regresso. Estou curado. Fiz aliás uma encantadora excursão. Visitei o monte Saint-Michel, que eu não conhecia.

Que visão, quando se chega como eu em Avranches, pelo fim do dia! A cidade está sobre uma colina, e conduziram-me à praça pública, no outro lado. Lancei um grito de espanto. Uma desmesurada baía se estendia ante mim a perder de vista, entre duas costas afastadas que se perdiam ao longe nas brumas; e no meio daquela imensa baía amarela, sob um céu de ouro e de claridade, erguia-se sombrio e agudo um monte estranho em meio das areias. O sol acabava de desaparecer e, no horizonte ainda flamejante, desenhava-se o perfil daquele fantástico rochedo que carrega no seu cume um fantástico monumento.

Logo que amanheceu, para lá me dirigi. O mar estava baixo como na véspera, e eu via erguer-se ante mim, à medida que me aproximava, a surpreendente abadia. Após várias horas de marcha, atingi o enorme bloco de pedra que suporta a pequena cidade dominada pela grande igreja. Tendo galgado a rua estreita e rápida, penetrei na mais admirável morada gótica construída para Deus sobre a terra, vasta como uma cidade, cheia de salas baixas esmagadas sob abóbadas e de altas galerias sustidas por esguias colunas. Entrei naquela gigantesca jóia de granito, leve como uma renda, coberta de torres, de esbeltos campanários, por onde sobem escadarias retorcidas, e que mergulham no céu azul dos dias, no céu negro das noites, a sua bizarra cabeça erigida de quimeras, de animais fantásticos, de flores monstruosas, e ligados um a outro por finos arcos trabalhados.

Quando atingi o alto, disse ao monje que me acompanhava: «Como deveis estar bem aqui, meu padre!».

Ele respondeu: «Faz muito vento, meu senhor; e pusemo-nos a conversar, vendo o mar que subia e que corria pela areia, cobrindo-a de uma couraça de aço.

E o monje me contou histórias, todas as velhas histórias daquele lugar, lendas e mais lendas.

Uma delas me impressionou bastante. Dizem os moradores da região, os do monte, que se ouve falar, à noite, nas areias e que depois se ouve balir duas cabras, uma com voz forte, a outra com voz fraca. Afirmam os incrédulos que são os gritos das aves aquáticas, que ora se assemelham a balidos, ora a lamentos humanos; mas os pescadores retardatários juram haver encontrado a vagar pelas dunas, entre duas marés, em redor da aldeia ali plantada longe do mundo, um velho pastor, cuja cabeça, coberta de um manto, a gente nunca vê e que conduz, marchando à sua frente, um bode com cara de homem e uma cabra com cara de mulher, ambos com longos cabelos brancos e falando sem cessar, disputando numa língua desconhecida, e depois cessando subitamente de gritar para balirem com toda a força.

Eu disse ao monje: «Acredita nisso?».

— Ele murmurou: «Não sei».

Eu tornei: «Se existissem na terra outros seres além de nós, como não os conheceríamos há muito tempo? Como o senhor não os teria visto? Como não os teria visto, eu?».

Ele respondeu: «Será que nós vemos a centésima milésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, soergue o mar em montanhas d'água, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugir — o senhor o viu? Pode vê-lo? E no entanto ele existe».

Calei-me ante esse simples raciocínio. Aquêle homem era um sábio ou talvez um tolo. Não o poderia afirmar ao certo; mas calei-me. O que dizia, eu já o tinha pensado muitas vezes.

3 de julho. — Dormi mal; com certeza há aqui algo que produz a febre, pois o meu coelho sofre do mesmo mal que eu. Ontem, ao entrar, eu notara a sua singular palidez. Perguntei-lhe:

— Que é que você tem, Jean?

— E' que eu não posso repousar, senhor, são as minhas noites que acabam com os meus dias. Desde a partida do patrão que isso me pegou como um feitiço.

Os outros criados vão bem, no entanto, mas eu tenho muito medo de ser apanhado novamente.

4 de julho. — Decididamente, apanharam-me outra vez. Voltam os meus antigos pesadelos. Esta noite, senti alguém acorrido sobre o meu corpo, alguém que, com a sua boca sobre a minha, bebia a minha vida entre meus lábios. Sim, éle a chupava da minha garganta, como o faria uma sanguessuga. Depois éle ergueu-se, farto, e eu despertei, de tal maneira alquebrado, exausto, aniquilado, que não podia mais mover-me. Se isto continua mais alguns dias, tornarei a partir certamente.

5 de julho. — Terei perdido a razão? O que se passou na última noite é de tal modo estranho que a minha cabeça fica como que perdida quando o recordo!

Como o faço agora cada noite, eu tinha fechado a minha porta a chave; depois, tendo sede, bebi meio copo d'água, e notei por acaso que a minha jarra estava cheia até o gargalo de cristal.

Deitei-me em seguida e caí num dos meus terríveis sonhos, de que fui arrancando ao cabo de umas duas horas por um sobressalto mais terrível ainda.

Imaginem um homem que dorme, a quem tentam assassinar, e que desperta com uma lâmina no pulmão, e arqueja, coberto de sangue, e não pode mais respirar, e vai morrer, e não compreende nada — eis aí.

(Cont. na pág. 47)





Na página à esquerda: Rosalind Russell, no papel de Lavinia, em "Mourning becomes Electra", com o ator Raymond Massey, no papel do general Ezra Mannon (Agamenon). O filme se chamará no Brasil "Conflito de Paixões". Em cima: Rosalind Russell, em outra atitude, desta vez sem nada em comum com o filme, — cuja ação se inicia em 1865, no momento exato em que termina a guerra civil norte-americana.

MAIS UMA OBRA DE EUGENE O'NEILL NO CINEMA AMERICANO

COMO O GRANDE DRAMATURGO REALIZOU SUA FAMOSA OBRA "MOURNING BECOMES ELECTRA" — TRECHOS CURIOSOS DO SEU "DIÁRIO DE TRABALHO" — O ELENCO DO FILME QUE HOLLYWOOD ACABA DE PRODUZIR

Por R. MAGALHÃES JUNIOR (Especial para REVISTA DA SEMANA)



A filmagem de «Mourning Becomes Electra» (O luto assenta a Electra), a trilogia de Eugene O'Neill, por uma companhia cinematográfica norte-americana, depois de tantos filmes de uma impressionante pobreza de idéias e de absoluta falta de interesse, deve ser saudada como um bom indicio de que Hollywood pretende reagir e demonstrar que não se converteu incuravelmente na capital da estupidez humana. Eugene O'Neill, autor daquela obra, já teve várias experiências com a cinematografia, algumas com o melhor proveito, — como em «Anna Christie», com Greta Garbo e Marie Dressler, e «A longa viagem de volta», o filme que John Ford dirigiu, com John Wayne, John Qualen e outros, — e algumas com resultado mais ou menos duvidoso, como «Estranho Interlúdio», que foi apenas um filme cacete; «Imperador Jones», que não transmitiu o sentimento de terror que transmite no palco; e, por fim, uma desoladora versão de «O grande bruto» (The Hairy Ape), com W. Bendix. «Mourning Becomes Electra» é uma série de peças encadeadas, — a primeira em quatro atos, a segunda em cinco e a terceira em quatro. E têm essas peças uma particularidade interessante: representam uma transformação de temas clássicos das tragédias gregas em modernos dramas psi-

cológicos, com ambientação nos Estados Unidos. Não se trata simplesmente de uma modernização desses temas, de uma atualização da linguagem e dos costumes, mas de uma nova interpretação dos mesmos pelo maior talento criador do teatro norte-americano contemporâneo. Eugene O'Neill, para realizar essa obra, levou anos projetando-a, estudando-a, definindo-lhe os contornos, conforme provam excertos do seu «diário de trabalho», publicado na imprensa e reproduzido na edição especial da obra, lançada pela casa Liveright, de Nova York, em 1931. Na primavera de 1926, Eugene O'Neill anotara nesse diário:

«Moderno drama psicológico usando os velhos temas lendários da tragédia grega como base — será a história de Electra? — a de Medéia? E' possível fazer com que uma moderna interpretação psicológica se aproxime do «sentido do destino» dos gregos, numa peça que uma platéia inteligente de hoje, sem estar possuída de crença nos deuses e na retribuição sobrenatural, possa aceitar e com ela comover-se?»

Dois anos depois, numa viagem para a China, em pleno mar Vermelho, escrevia, a bordo (outubro de 1928):

«Idéia básica da tragédia grega — a história de Electra e de sua família, tornada psicologicamente ainda mais —



Rosalind Russell, em uma cena com Leo Genn, um dos principais intérpretes da película. Ele faz o papel de amante de Lavinia.



Em cima: cena entre Lavinia e seu irmão, Orin, — ela representando Electra e ele representando o Orestes da trilogia grega, "Oresteia", — em uma das cenas de maior intensidade de "Conflito de Paixões" (Mourning Becomes Electra), de Eugene O'Neill, agora transportada para o cinema. Em baixo: outro momento do filme, com Rosalind Russell e Kirk Douglas, este no papel do noivo de Lavinia.



interessante, bem como mais compreensivas e intensas as inter-relações humanas básicas, — pode ser até ampliada de modo a incluir a história de outros.»

Ao termo da mesma viagem, em novembro daquele o, singrando o mar da China, escrevia O'Neill:

«Idéia básica grega — dar à figura da moderna Electra um fim trágico digno da personagem. Na história grega ela envolve-se na banalidade pouco dramática da vida de casada. Tal personagem contém em seu íntimo um destino demasiado trágico para que se possa permitir isto — por que as fúrias deixariam Electra escapar sem punição? Por que, na cadeia de crimes e retribuições fatais, haveria de ser ignorada a assassina de sua mãe? — é uma fraqueza a que se verifica na tragédia grega, — não há solução para a vida de Electra depois do assassinio de Clitnestra. E isso tem mais possibilidades trágicas a espicacá-los a imaginação do que qualquer de suas demais intrigas!»

Em 1929, já então veraneando em Coup D'Ail, na França, voltava a escrever:

«Idéia básica da tragédia grega — Não importa em que período da história americana a peça seja situada. O que importa é que ela deve ser um moderno drama psicológico — nada de época, a não ser para utilizar como uma máscara. Qual deve ser a guerra? A da revolução pela independência está muito ligada a românticas reminiscências das escolas primárias. A última guerra mundial está muito próxima e é muito reconhecível, etc. Entretanto, achava necessário estabelecer uma época, com indumentária precisa, «a fim de mascarar o tempo e o espaço», de sorte que os espectadores logo o identificassem. Continuando a escrever o seu diário, naquele recanto da França, O'Neill nos diz que acabou por escolher um recanto da Nova Inglaterra, cidade que possuía estaleiros de construção naval, e chegou à conclusão de que a figura de Agamenon devia ser o principal cidadão do município, — seu prefeito, antes da guerra, e depois brigadeiro-general do exército do general Grant.

Conta-nos igualmente O'Neill como escolheu os nomes dos seus principais personagens por aproximação. Agamenon, por exemplo, foi convertido no brigadeiro-general Ezra Mannon. Clitnestra foi convertida em sua esposa, Christine. Hermione em Hazel. Aegisthus em Adam. Orestes em Orin. E Electra, primeiramente, em Laodicea, — e depois em Lavinia — Vinnie para as pessoas da família.

Evidentemente, não podia O'Neill fazer do tema grego uma cadeia de dramas psicológicos seguindo servilmente a matriz clássica. Preocupou-se, pois, com o estabelecimento de pontos de partida que diferenciasssem sua obra da fonte original. Procurou amparar-se no puritanismo religioso, segundo o qual o homem nasce para o pecado e para o castigo.

Eis algumas das diferenciações: «Electra (Lavinia) ama Aegisthus (Adam) — sempre fadada a ser rival da mãe em amor, sempre derrotada, primeiro no amor ao pai, depois no amor ao irmão e finalmente no amor a Aegisthus — razão para o ódio de Clitnestra (Christine) a Agamenon (Ezra Mannon), pela sua frustração sexual pelo senso de culpa puritano, da transformação do amor em gozo (ela experimentara amor romântico por ele antes do casamento) — omitir Iphigenia e Chrysothemis como filhos — nada de Cassandra — manter a linha geral de rivalidade, ódio e amor, sensualismo — Vingança, no passado, entre o pai de Agamenon, Atreus, e o pai de Aegisthus, Thyestes (na lenda Thyestes seduz Aeropes, esposa de Atreus) — ódio de Atreus pelo irmão — vingança — banimento (manter a linha geral mas não dar maior atenção aos detalhes da lenda) — Clitnestra persuade Aegisthus, contra a vontade deste, a auxiliá-la a assassinar Agamenon (o caráter do meu Aegisthus é mais fraco, mais humano, menos ruim, com alguma sorte de consciência) — método do assassinio, veneno (instrumento feminino) — Aegisthus apresenta forte semelhança fisionômica com Agamenon e Orestes (Orin) — Sua semelhança com Orestes atrai Clitnestra e sua semelhança com Agamenon atrai Lavinia (Electra) — Electra adora o pai, é devotada ao irmão (que parece com o pai) e odeia a mãe — Orestes adora a mãe, é devotado à irmã (cujo rosto se assemelha ao da mãe) e odeia seu pai — Agamenon, frustrado no amor por Clitnestra, adora a filha, Electra, que se parece com ela, ao mesmo tempo que odeia e tem ciúmes de seu filho, Orestes, etc. — procurar estabelecer o símbolo dessas semelhanças e identificações (como um sinal visível dos fados).»

Como se vê, um máximo de construção, em um plano maduramente elaborado. Apesar disso, a empreitada não foi fácil. No mesmo «diário», a que nos temos referido, o famoso dramaturgo consignou estas palavras de desabafo: «É um problema infernal, uma interpretação moderna dos fados clássicos sem o benefício dos deuses! Porque tudo terá, antes de mais nada, que se circunscrever ao domínio da moderna psicologia dramática, — o destino derivando da própria família...»

Temos transcrito as próprias palavras de Eugene O'Neill porque elas, melhor do que quaisquer outras, nos elucidam sobre o laborioso processo de realização de sua trilogia. No capítulo das semelhanças físicas, — a de Adam com Ezra Mannon e Orin, a de Lavinia com Christine, — havia complicações bastantes para dar dores de cabeça a um «casting director». Como foram resolvidas essas dificuldades? A das semelhanças femininas com a escolha de duas atrizes altas, esguias, mais ou menos parecidas (o «maquillage» se encarrega do resto) para os papéis de mãe e filha: Katina Paxinou (Christine) e Rosalind Russell (Lavinia). Quanto aos papéis masculinos, foram

(Cont. na pág. 48)

Na página à direita: Katina Paxinou e Léo Genn, — este no papel de Adam, ou Aegisthus do texto grego.





O exterior do Teatro Scala de Milão, após a reconstrução, em maio de 1946.

O SCALA, SEUS CANTORES E SEUS MAESTROS

MILÃO, SEM SEU TEATRO, SERIA ALGO INCONCEBÍVEL — BOMBARDEIO E RECONSTRUÇÃO
— DE TOSCANINI A SÁBATA

Por ALDO MORELLI



(Especial para REVISTA DA SEMANA)



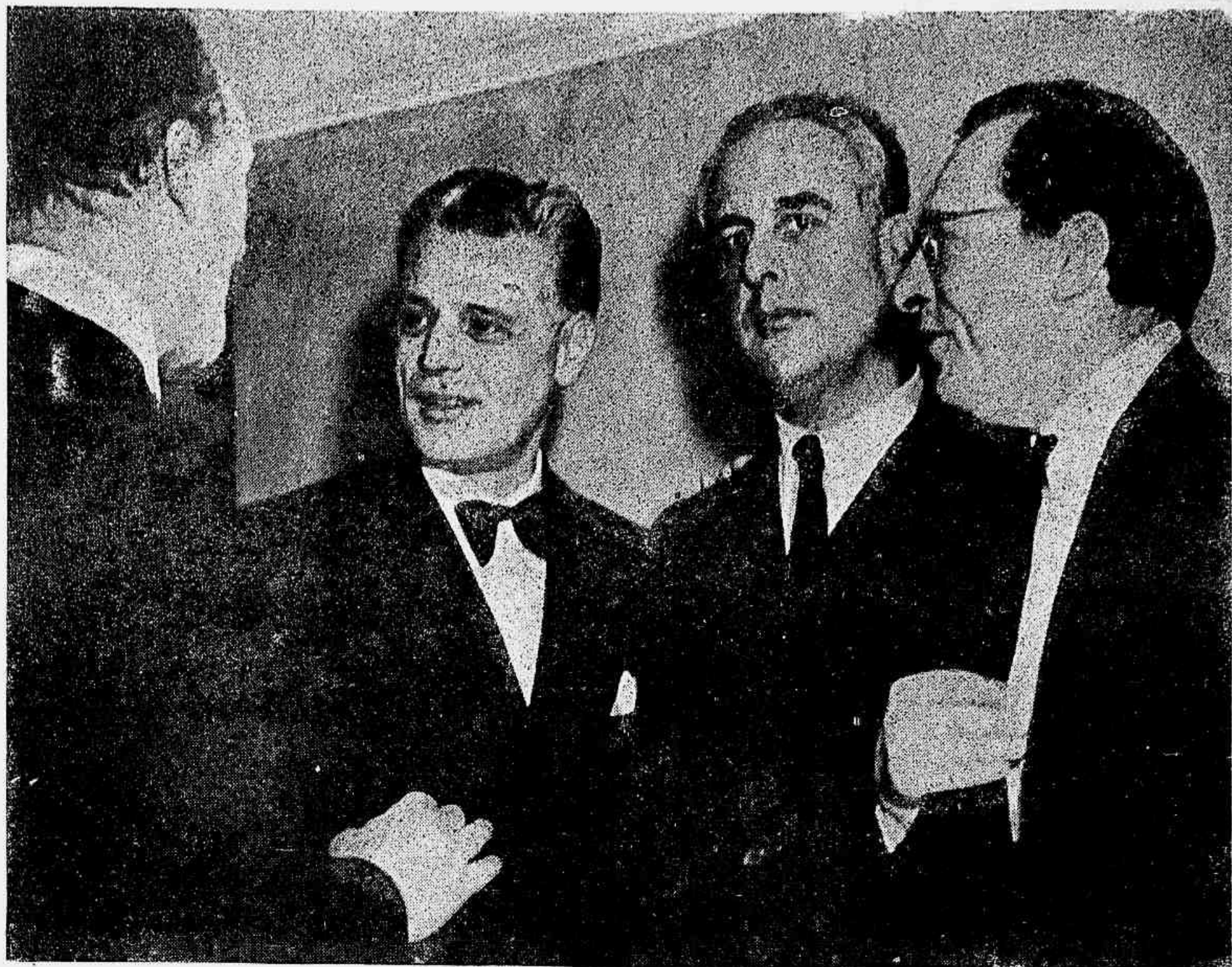
Victor de Sábata, o maior regente do teatro lírico italiano de hoje.

EM 1946 a vida da cidade de Milão foi completamente arrebataada por um acontecimento cujo valor só um italiano, ou talvez só um milanês, pode compreender inteiramente: a reparação das temporadas líricas do Scala e a volta de Toscanini. Não houve um único milanês, nem ao menos entre os mais gravemente atingidos pela guerra, que pensasse em protestar contra a precedência acordada àquele velho teatro na reconstrução dos edifícios da cidade. Muito pelo contrário, isso pareceu lógico e natural aos olhos de todos, e foi mesmo uma campanha popular que pleiteou esta solução de urgência. Um lugar comum descreve Milão e seus habitantes como uma coletividade industrial e comercial, de espírito essencialmente prático; a verdade, porém, é que nenhuma outra cidade do mundo é tão preocupada em zelar pela

continuidade de suas tradições literárias e culturais.

Milão sem o teatro do Scala é algo inconcebível. Todos os acontecimentos marcantes na história da cidade estão relacionados, de um modo ou de outro, com aquela casa de espetáculos. A época napoleônica (e, logo depois, a época em que o "milanês" Stendhal corria atrás da Angiolina numa carruagem do consulado francês) foi o tempo das grandes estréias de Bellini e de Donizetti, em que as vozes de Maria Malibran e de Giuditta Pasta dominavam o palco. A ocupação austríaca foi o período das tempestades patrióticas sublevadas por Verdi, quando os jovens milaneses desafiavam os oficiais vienenses sob o cômodo pretêxto de alguma discussão acêrca do valor das bailarinas Fanny Elsler e Letizia Taglioni. A vida pacífica e próspera do Estado Liberal identifica-se, na memória dos milaneses, com a longa ditadura de Toscanini sobre os espetáculos do Scala. E a perda da liberdade, por obra do fascismo, coincide com a ausência forçada do grande maestro. Por isso, a volta do país à democracia não podia deixar de ser também a volta de Toscanini.

Aquela noite de 1946 foi uma



O dr. Antonio Ghiringhelli, superintendente do Scala, ao lado do prefeito de Milão e do maestro Mario Labroca, diretor artístico do grande teatro.

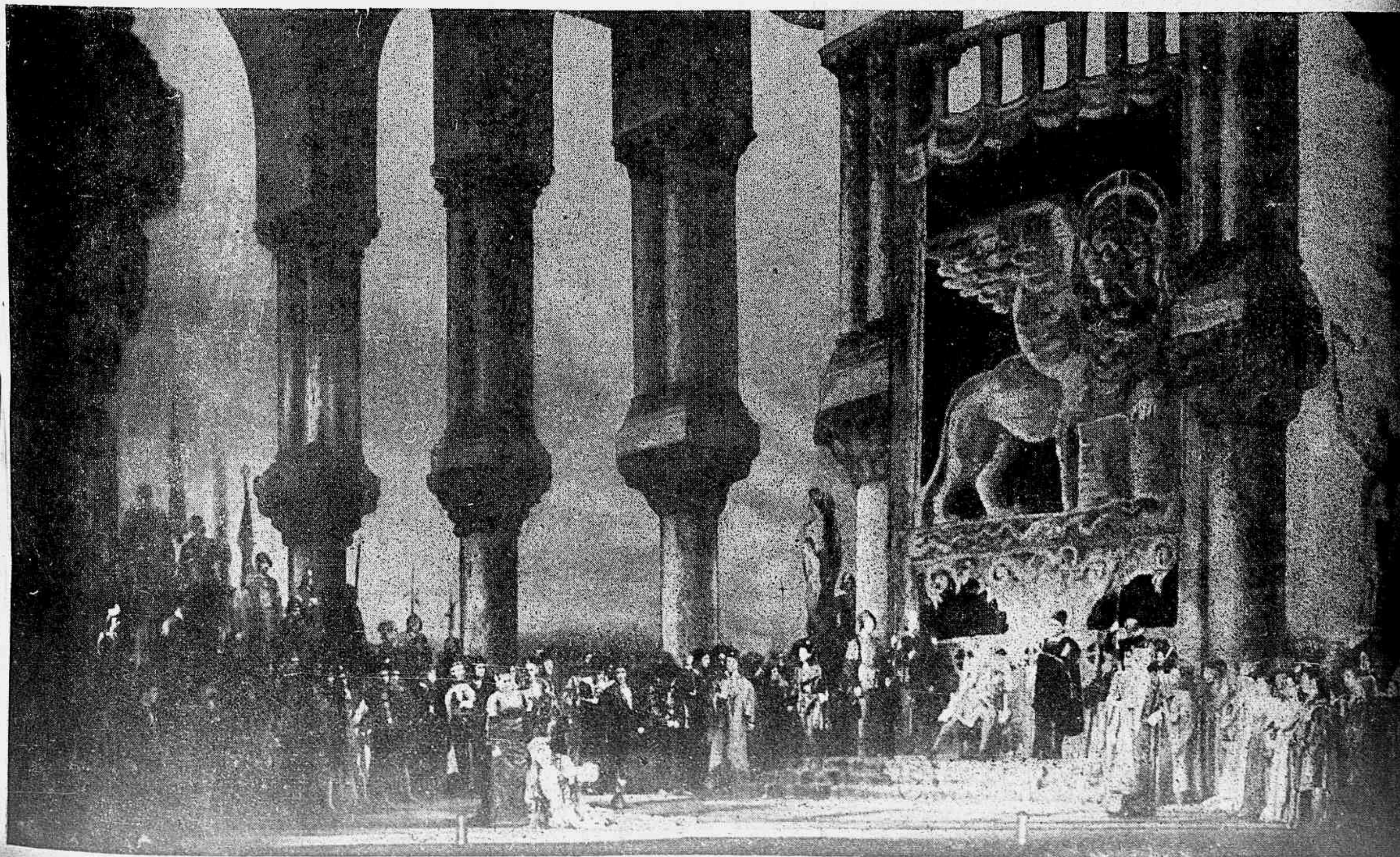
noite de incrível agitação na cidade. Dos bairros operários, dos arredores mais longínquos, uma multidão veio encher a praça do teatro, e esperou horas a fio, apenas para ver Toscanini entrar e sair do Scala, — reconstruído após o bombardeio sofrido

em 1948. Quanto ao concêrto, a maioria teve que escutá-lo pelo rádio, pois o teatro é grande, mas não tanto para conter uma cidade; e também porque a especulação comercial tinha reduzido, por meio de preços pavorosos, aquêlê acontecimento

popular a uma cerimônia de granlinos. Toscanini, porém, devia saber que o "seu" público estava lá fora...

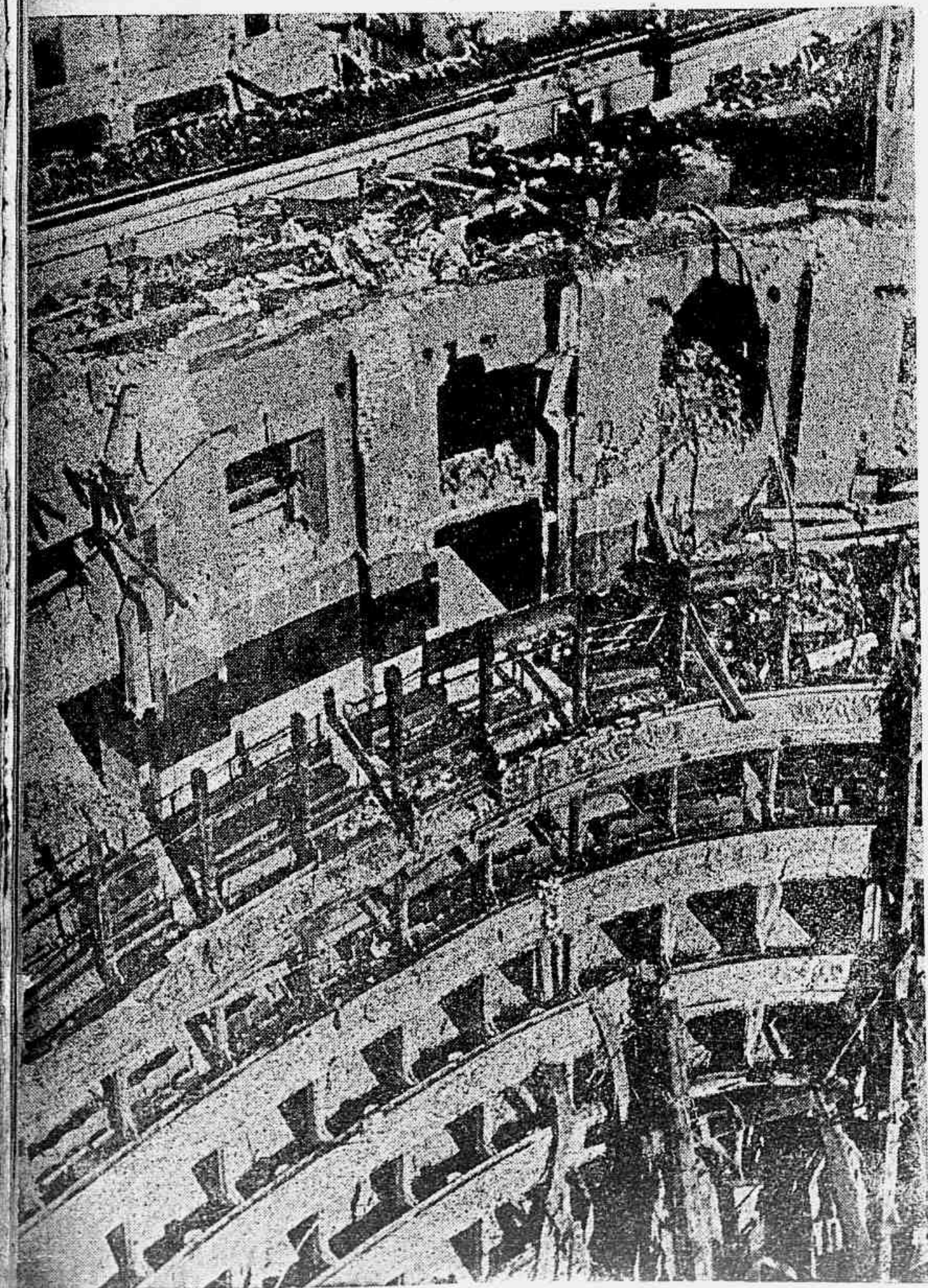
Naturalmente, o Scala de hoje não é mais o Scala que Toscanini deixou em 1925, quando a

Cenário do terceiro ato da ópera "Othelo", de Verdi, — o grande sucesso de regência de De Sábata, — com a qual será inaugurada a temporada oficial do Scala no Municipal do Rio de Janeiro, no corrente ano.





Ao alto: o interior do Scala, de Milão, como ficou, em escombros, após um bombardeio aéreo, em agosto de 1943. Em baixo: Outra visão das destruições do Teatro Scala, de Milão, após o bombardeio aéreo de agosto de 1943.



representação da última ópera de Giacomo Puccini coincidiu com a partida do maestro para o exílio. O Scala continuou sendo uma grande escola de novos valores, cuja formação alcançou grandes resultados, estabelecendo uma nova hierarquia de celebridades líricas.

Por muitos anos, a atividade do Scala se resumiu nos nomes do regente Gino Marinuzzi e do tenor Aureliano Pertile. Depois, a morte do primeiro e o envelhecer do segundo, abriram caminho às novas gerações. Os grandes nomes do atual teatro lírico italiano já são bastante conhecidos do público brasileiro, devido as recentes atuações do Carro di Tespi e de vários cantores no Municipal. Por isso mesmo, a grande sensação, a grande novidade da temporada do Scala no presente ano, aqui no Rio, não será a revelação das vozes de ouro, e sim a demonstração coletiva do que significa um teatro lírico organizado, compacto, unânime, articulado em todos seus detalhes conforme uma inspiração geral.

E' éste o verdadeiro milagre do Scala: a criação de um estilo unitário de representação melodramática. Para essa obra concorre a atividade de coreógrafos, "régisseurs", diretores do côro, desenhistas e cenógrafos, além da autoridade dos grandes regentes, entre os quais se colocou, nestes últimos anos, um dos maiores nomes da direção sinfônica mundial, que o Scala conseguiu atrair na esfera do teatro.

Trata-se de Victor de Sábata, cuja carreira se desenvolveu em três fases distintas: a do compositor, a do regente sinfônico, a do regente lírico. De Sábata nasceu em Trieste e ali entrou em contacto com o maior centro wagneriano então existente fora da Alemanha. Foi em Trieste que um compositor de excepcional força dramática, Antonio Smareglia, conduziu sua batalha contra os imitadores de Verdi e

de Puccini, que estavam levando o melodrama italiano, prisioneiro de uma fórmula, a uma decadência assustadora. Sob a influência de Smareglia, indo depois estudar na França e na Alemanha, De Sábata aperfeiçoou suas convicções de wagneriano intransigente, entrando também em contacto com os dois maiores continuadores da revolução musical de Bayreuth — Claude Debussy e Richard Strauss. De Sábata compôs naquela época a ópera "Driada" e os poemas sinfônicos "Juventus" e "A noite de Getsemani". Mas sua vocação de intérprete sobrepujou-se a todas as outras aspirações, e com a sinfonia "Platão" (1927) sua carreira de compositor pode declarar-se encerrada. (Só muitos anos depois éle iria voltar, transitoriamente, às velhas paixões, com a ópera radiofônica "As mil e uma noites", em que há um interessante aproveitamento sinfônico do "jazz").

O sucesso de De Sábata como diretor foi imediato, sem contrastes, total. Todos os regentes italianos de concertos sinfônicos desapareceram aos olhos do público e da crítica, muito embora esta última continuasse fazendo algumas restrições à "wagnerização integral" de todos os autores interpretados por De Sábata. Não há dúvida, por exemplo, de que suas interpretações de Bach e de Mozart são românticas de mais, e exercem uma profunda deformação sobre a linha clássica das partituras, devido às exasperações da sonoridade e da cor orquestral. Mas De Sábata diante de Wagner, de Strauss, de Debussy, de Stravinsky, de Respighi, de Ravel, é algo incomparável: coloca-se em pé de igualdade com esses mestres e demonstra conhecer o tecido musical de suas personalidades de maneira absoluta, identificando-se com elas como se fosse éle próprio o compositor das obras. Não há hoje no mundo um intérprete da música wagneriana e da música impressionista que possa ser

comparado com De Sábata. André Suarez, depois de ter ouvido a interpretação de De Sábata na "Morte de Isolda", chegou a escrever: "Agora sei que Stokovsky é apenas um espírito superficial, talvez um medíocre cabotino da música".

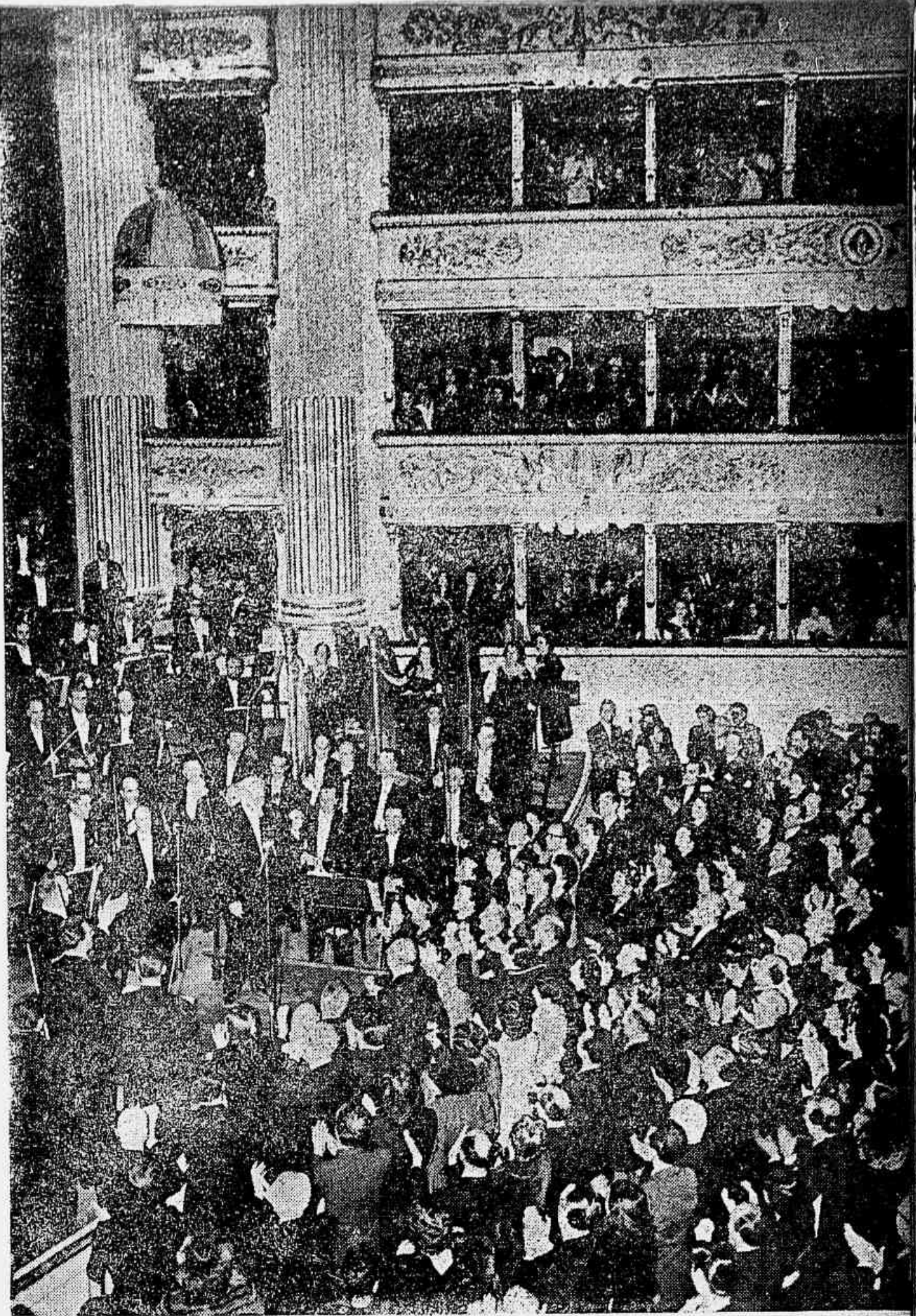
De Sábata é o único diretor estrangeiro que foi convidado, nos últimos quinze anos, para dirigir espetáculos wagnerianos na própria Bayreuth, despertando nos alemães um verdadeiro espanto, pois desde a época em que o próprio Wagner e Liszt aí dirigiam, nunca tinha aparecido um espírito tão profundamente embebido das concepções do autor de "Parsifal". De Sábata é um técnico de orquestra que tem algo monstruoso em seus conhecimentos de cada instrumento. Sua maneira autoritária e, às vezes, violenta de executar os ensaios coloca os músicos orquestrais num estado de verdadeiro terror. Mas o resultado desta ditadura é sempre o mesmo: a orquestra, de um dia para outro, torna-se irreconhecível.

A aproximação, tardia mas triunfal, entre o maestro e a

música dramática, deu-se em seguida às insistências do Scala, depois da morte de Marinuzzi. Os maiores sucessos de De Sábata no teatro ficam sendo até hoje "Tristão e Isolda" e "Othello", a ópera com que ele irá inaugurar a temporada do Municipal.

A propósito desta temporada, só uma coisa é de lamentar: a ausência, no repertório, das modernas óperas italianas e estrangeiras, a que o Scala dedicou umas temporadas excepcionais, com músicas de Schoenberg, Alban Berg, Honegger, Milhaud, Prokofiev, Stravinsky, Dalla Piccola, etc., e com realizações cênicas de grande originalidade devidas a Alexandre Sanine, Giacomo Prampolini e outros. De toda essa atividade renovadora, só teremos no Rio "L'enfant et les sortilèges", de Ravel, e provavelmente "Le baccanti", de Ghedini.

Mesmo assim, a temporada do Scala vai ser um acontecimento memorável. Bastaria a presença de De Sábata para garantir algo extraordinário no Municipal de 1948.



Quando o Teatro Scala, de Milão, reiniciava suas atividades, com um concerto de Toscanini. Em baixo: a platéia do Scala, numa noite de gala, depois da reconstrução.





Durante a dinastia Sung (960-1278 D.C.), a arte da gravura perdeu seu caráter religioso. O desenvolvimento da pintura contribuiu para o seu aperfeiçoamento. As ilustrações dos "Contos de Mulheres Castas" serviram, desde então, de modelo aos gravadores em madeira. — No clichê acima, uma xilogravura chinesa de data mais recente: "As margens de um rio", de Wang Shu-Yi.



A ARTE ORIENTAL

RELAÇÃO HARMONIOSA COM O ESPÍRITO DO UNIVERSO POR MEIO DO RITMO E DA PROPORÇÃO — GÓZO INTERIOR E DISCIPLINA MENTAL — EINSTEIN E TAGORE NUMA TROCA DE VISTAS — A FUNÇÃO SUPREMA DA ARTE ORIENTAL

(Especial para
REVISTA DA SEMANA)

Por OTTO SCHNEIDER

UM dos ditos mais comuns na arte oriental é o de que «a mente precede ao pincel». E é esta a tese central de várias centenas de ensaios sobre a arte. Em outras palavras: não basta planejar primeiro mentalmente a composição, mas é preciso que o artista se compenetre tão completamente do espírito do objeto que este chegue a for-

mar parte do seu ser. Uma vez conseguido este estado, a inspiração é tão forte que, através do seu braço, seu pincel, sua tinta e seu papel, a natureza traça seu próprio retrato. Assim já dizia Shih Tao:

«A mente atua sobre o braço, o braço sobre o pincel, o pincel sobre a tinta, e a tinta sobre a seda.»



Lu Tien é um dos mais destacados xilógrafos da China moderna. A gravura à esquerda, "Uma aldeia tirando água de um poço" mostra bem os recursos artísticos deste novo continuador de uma antiquíssima tradição chinesa.

A xilogravura é uma das artes mais antigas cultivadas na China, remontando aos tempos da dinastia Tang (618-907 D.C.). Durante as Cinco Dinastias (907-960 D.C.) progrediu notavelmente a arte da impressão, sendo muitos livros ilustrados com gravuras em madeira (xilogravuras). O clichê acima representa uma dança nativa em Sikang, de autor anônimo.

★

E Kuo Hsi: «Antes de pintar, deve estabelecer-se na mente a paz entre o céu e a terra».

Eis uma das grandes lições da multi-secular pintura chinesa: a disciplina espiritual. E concordam todos os artistas chineses, desde os tempos mais recuados até aos modernos, que não pode existir criação artística a menos que se haja, primeiro, logrado a paz interior.

Esta norma básica é absolutamente imprescindível para se compreender, por exemplo, a música oriental. Aos ouvidos ocidentais, a música japonesa parece enervante, e a chinesa monótona. Não nos esqueçamos, entretanto, que a música oriental destina-se ao gozo interior e à disciplina mental, razão por que ela dispensa a amplitude, a qualidade dramática e grande vibração de voz — elementos que não se dispensam, ao contrário, na música ocidental, dedicada ao ouvido. A finalidade da música oriental é colocar, tanto o ouvinte quanto o executante, numa relação harmoniosa com o espírito do universo por meio do ritmo, da proporção, do compasso, etc.

Eis a função suprema da arte oriental: lograr esta harmonia entre os homens, harmonia entre a liberdade individual e a rígida ordem universal.

Nada mais elucidativo, neste sentido, do que uma palestra entre Einstein e Tagore, há mais de dez anos atrás, da qual extraímos os seguintes tópicos:

Tagore: — Estive discutindo hoje com o dr. Mendel acerca das novas descobertas matemáticas que nos revelam que no reino dos átomos infinitesimais entra em jogo a sorte; que o drama da existência não se acha absolutamente predestinado.

Einstein: — Existe a ordem onde os elementos grandes se combinam e gulam a existência; porém nos elementos diminutos esta ordem não é perceptível.

Tagore: — Assim, a dualidade jaz na profundidade da existência — a contradição entre o livre impulso e a vontade diretriz que opera sobre ela faz evoluir um esquema ordenado das coisas.

Einstein: — Os físicos modernos não diriam que são contraditórias. Ao longe, as nuvens parecem uma só massa, porém quando contempladas de perto, demonstram ser desordenadas gotas d'água.

Tagore: — Nos assuntos humanos existem também o elemento de elasticidade, certa liberdade dentro de um campo limitado que serve para dar expressão à nossa personalidade. É como o sistema musical da Índia, que não é tão rigidamente fixo como a música ocidental. Nossos compositores delineiam determinado contorno, um sistema melódico e um arranjo rítmico, e dentro de um certo limite o executante pode criar improvisações. Deve identificar-se com a lei que rege esta melodia particular; então poderá dar uma expressão espontânea ao seu sentimento musical dentro de uma norma prescrita. Elogiamos o compositor genial por haver criado uma base conjuntamente com uma super-estrutura melódica, esperamos porém que intérprete demonstre sua própria des-

treza, improvisando floreios melódicos e ornamentações. Ao criar, seguimos a lei central da existência, porém se não nos afastarmos dela gozaremos liberdade suficiente, dentro dos limites da nossa personalidade, para a mais completa auto-expressão.

Einstein: — Isto só é possível onde exista uma pronunciada tradição artística na música para guiar a mente do povo. Na Europa, a música se afastou demasiadamente da arte e do sentimento popular, e se converteu numa espécie de arte secreta com tradições e convenções próprias.

Tagore: — De maneira que os senhores devem absoluta obediência a esta música excessivamente complicada. Na Índia, a pauta da liberdade de um cantor é a de sua própria personalidade criadora. Pode cantar a canção de um compositor como sua, se dispõe do poder criador para fazer-se valer a si mesmo em sua interpretação da lei geral da melodia.

Einstein: — É necessário um nível artístico elevadíssimo para dar-se conta da grande idéia que fundamenta a música oriental, a fim de que se possam fazer variações sobre ela. Em nosso país, as variações são frequentemente pré-estabelecidas. O cantor indu tem liberdade para substituir suas próprias palavras na canção que entoa?

Tagore: Sim.

Einstein: — A forma métrica é absolutamente severa?

Tagore: — Sim. Absolutamente. Não se podem exceder os limites da versificação; o cantor em todas as suas variações deve manter o ritmo e o tempo fixado. Na música européia há uma relativa liberdade com respeito a estes elementos, porém não com respeito à melodia. Na Índia temos a liberdade na melodia, sem a liberdade no ritmo.

E prossegue por aí a troca de vistas entre Einstein e Tagore. No fim, a idéia básica sempre é esta: na arte oriental, a liberdade individual se compenetra com a rígida ordem universal. Ao contrário do ocidental, um bom cantor chinês deve possuir gênio criador. Não deve apenas reproduzir, deve também criar, alcançando assim um feliz meio termo entre a liberdade e a ordem. Daí a expressiva frase de Fang Hsun:

«Copiando, tememos que a cópia não seja fiel; entretanto, também tememos que esta seja demasiada. Se não for fiel, é porque não captamos suas leis e princípios, e se for demasiado exata, então carece de individualidade.»

E assim acabamos chegando ao problema básico de todas as religiões e filosofias: conseguir a harmonia entre a universalidade e a individualidade — a união das contradições.

Precisamente neste sentido, a arte oriental persegue um objetivo transcendente: ela é moral e religiosa. Fora deste objetivo, a arte oriental perde sua razão de ser. No Oriente, não cabe a «arte pela arte». Ao contrário, ela é «um fator vivo dentro da vida».

★

A xilogravura adquiriu nova importância durante a última guerra. Um diário de Chungking publicava diariamente uma historieta usando matrizes de madeira, e muitos periódicos imprimiam caricaturas pelo mesmo processo. Assim faziam, em parte, devido à péssima qualidade do papel e falta de metal para clichês, impossibilitando qualquer outra forma de publicação gráfica. A gravura acima é um exemplo típico desses anos, intitulada: «Defendendo até ao fim», de Lu Tien.





NÉLIO MACHADO PINHEIRO nasceu em Jaú, Estado de São Paulo. Frequentou escolas públicas e, ante a necessidade de prosseguir nos estudos, transferiu-se para a capital bandeirante, onde veio a cursar a Faculdade de Direito. Na terra natal, porém, fez o «debut» radiofônico, estreando ao microfone da Rádio Sociedade paulista, na qualidade de «announcer» e produtor de programas. Quatro anos mais tarde, veio a ingressar na Rádio São Paulo, ainda como locutor. Eis quando Oduvaldo Ana o descobre para o rádio-teatro, então em período embrionário. Nessa emissora desempenha destacados papéis em «Renúncia», «Fatalidade» e «Alegria», todos de autoria de Oduvaldo. Após seis anos de permanência na Rádio São Paulo, transfere-se para a Rádio Americana. E' nesse período que sua atenção se volta para o «broadcasting» carioca, na vez que Vitor Costa lhe havia franqueado o acesso ao elenco da P.R.E-8. Com o curso de advocacia terminado, Nélcio decide-se a vir para o Rio, entabulando negociações com a Nacional. Em princípios de abril de 1945, ei-lo substituindo Celso Guimarães no último capítulo da novela «O homem que perdeu a alma». Hoje, contando com a estima do grande público, Nélcio Pinheiro colabora em diversas realizações da P.R.E-8, como «Romance Musical», «Dicionário Toddy», «Versos e Melodias», além de participar em diversas novelas que essa estação irradia, inclusive em «A bela e a fera».



MARIA APARECIDA MARQUES, locutora exclusiva da Rádio Globo, é carioca de nascimento. Aos dezesseis anos de idade, a direção artística da Rádio Jornal do Brasil interessou-se pela sua voz, convidando-a para comandar algumas de suas principais audições. Isto não a impediu de lecionar numa das escolas públicas da zona rural, uma vez que é professora diplomada pelo Instituto de Educação. Meses depois, levada pela «chance» de ganhar mais, nessa biografia transferiu-se para a Rádio Mauá, onde veio a participar de algumas apresentações radio-teatrais. Não parou aí, porém. Logo a Guanabara a contratou com maiores vantagens, vindo a perceber salário melhor. Por essa ocasião, é lançado o concurso das mulatas, destinado a revelar a mais bela representante do gênero. Maria Aparecida, em plena pujança dos seus dezesseis anos, inscreve-se no certame, consistente de possuir as qualidades indispensáveis para conquistar a laurea. De fato, o júri a escolheu como «Rainha das Mulatas», recebendo como prêmio a importância de cinco mil cruzeiros. Desliga-se, então, da P.R.C-8. Mas a Rádio Globo não a deixa descansar do microfone, oferecendo-lhe excelente oportunidade para continuar cantando. É o que Maria Aparecida está fazendo. Variamente, depois das 10 horas, suas lindas e admiráveis a pouca ouvidos através da P.R.E-8, na qualidade de locutora dos principais programas tardios.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS



O nome verdadeiro de PAULO SÉRGIO é Paulo Sérgio Michelet de Oliveira. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, às primeiras horas de um dia vinte e dois de fevereiro. Cursou várias escolas primárias e acabou diplomado por um dos estabelecimentos de ensino superior. No decorrer de 1933, aventurando-se a comentar as coisas do turfe, estreou ao microfone da Rádio Cruzeiro do Sul, no programa especializado que essa emissora apresentava sob a direção de Erik Cerqueira. Mais tarde, levado pelas circunstâncias, foi bater com os costados na Tupi, onde veio a viver sua grande emoção radiofônica. E' que, achando-se no prado da Gávea, à espera de Ari Barroso, que deveria irradiar o Grande Prêmio «Brasil», este sofreu ligeiro atraso, obrigando nosso biografado a iniciar a transmissão da corrida. Por cúmulo da história, o cavalo em que Paulo Sérgio havia feito uma fezinha, logrou atravessar a fita em primeira colocação, fato que veio aumentar a sua emoção. Ao deixar a P.R.G-3, assinou contrato com a Ipanema, aí permanecendo até a passagem para a Rádio Mauá. Hoje, o jovem radialista encontra-se radicado na família P.R.E-3, atuando como locutor de diversos programas. Além disso, colabora na parte esportiva, encarregando-se das atividades turfistas. Fora do microfone Paulo Sérgio prefere a rodinha dos amigos, onde bate longos «papos» e dá «barbadas» para as próximas corridas.



ALBIA MERY, intérprete das canções internacionais, conquistou o público latino-americano com sua maneira personalíssima de cantar as doces canções de Agustín Lara, Gabriel Ruiz e tantos outros compositores consagrados. Vitoriosa no «broadcasting» portenho, onde realizou diversas temporadas ao microfone da Delgrano, teve atuação de relevo noutras emissoras sul-americanas, além de participar do «cast» de conhecidas «boîtes». Sua passagem pelo Brasil não lhe deu margem para eribir o muito de sua primorosa arte, uma vez que compromissos outros a obrigaram a desistir de vantajosos contratos. Mesmo assim, os que a ouviram numa das casas noturnas do Rio lamentaram sua ausência dos programas radiofônicos, certos de que ela alcançaria grande sucesso. Alba Mery foi a «estrela» escolhida para lançar os principais êxitos musicais da Fermata, organização internacional. Aliás, no momento, uma das composições de maior sucesso em Buenos Aires foi lançada por essa vitoriosa artista. Muito jovem, trajando-se com apurado gosto, não lhe foi difícil conquistar as platéias dos países que visitou, nem tampouco encontrou dificuldade para apresentar-se através do rádio. Cartaz internacional, sua presença é sempre reclamada nos programas de relevo nas emissoras argentinas e uruguaias.

OS cristãos comemoram a 23 de abril, com júbilo tradicional, a festa de São Jorge, tido convictamente como grande protetor e milagroso. Raro é o lar cristão onde não haja um quadro ou imagem do santo, montado em seu cavalo, trajando vestes militares, de lança em riste combatendo o dragão.

São várias as lendas de São Jorge. Todas, porém, com uma finalidade: simbolizar, na luta entre o santo e o animal feroz, a vitória das forças do bem contra as forças do mal.

Os anais da Igreja católica não chegam a endossar nenhuma das formas lendárias. Para a Igreja romana a figuração do santo, em tais circunstâncias, é um símbolo.

No entretanto, aqui vai uma lenda, a mais aceita entre todas, admitida mesmo, particularmente, por muitas autoridades cristãs. Tem ela fundamento num manuscrito do século XIII atribuído a um beato de nome Santiago de Vorágine.

Há longos anos, por volta do ano 300, pouco distante da cidade pagã de Silene, na Líbia, habitava um enorme dragão, monstro de força descomunal, terrivelmente bravo, que jorrava fogo pelos olhos e cujas garras mediam mais do que a altura de um homem. Alimentava-se o dragão somente de carne. Costumava invadir a cidade, devastando o que encontrava. E o povo, então, como recurso para impedir as suas investidas ferozes, resolveu oferecer-lhe duas ovelhas por dia.

Enquanto houve rebanhos o povo pagão viveu tranquilo, porquanto o dragão não mais voltou a entrar na cidade. Depois, porém, à falta de animais, houve uma ordem oficial do imperador. Deveria o próprio povo sacrificar-se! Seguiriam primeiro as donzelas! E não adiantaram os protestos, apelos angustiosos de mães que pediam por suas filhas jovens, de pais que rogavam de joelhos, de irmãos que choravam copiosamente.

Resolveu ainda o imperador que não haveria escolha entre as moças. A melhor maneira, a mais correta forma, seria o sorteio.

Querendo demonstrar ser justo e liberal, o imperador determinou que nenhuma jovem poderia ser dele excluída. Sua própria filha estaria arriscada a ser levada ao pântano e entregue ao sacrifício.

E assim acontecia. Diariamente, a grande praça pública da cidade, juntavam-se todas as donzelas e sobre uma delas recaía o destino fatídico. Não adiantavam as lamúrias, os prantos, as súplicas. A moça teria que seguir forçosamente.

Foram-se passando os dias e com esse recurso do imperador vivia a cidade tranquila, sem a ameaça da invasão da fera indomável.

Ora, aconteceu que chegou à cidade pagã um jovem, chamado Jorge, miliciano da guarda do imperador Diocleciano. Ao saber do que se passava, pareceu-lhe absurdo que se tivesse de sacrificar uma vida por dia, a vida preciosa de uma jovem, para satisfazer a voracidade de um dragão.

No entanto, por coincidência estranha, sucedeu que naquela mesma tarde a jovem sorteada para seguir para o pân-



São Jorge, montado em seu cavalo branco, na Igreja de São Jorge, na rua da Alfandega. Sendo um santo popular, com verdadeiras legiões de devotos, o templo de São Jorge sem dúvida será visitadíssimo na sexta-feira, 23 do corrente.

Por ANSELMO DOMINGOS
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

tano fôra a filha do próprio imperador da Líbia!

A princesa caiu em choro, prolongadamente, ajoelhada aos pés do pai. Mas era preciso cumprir o que estava determinado, e o imperador não achava meios de protelar ou de impedir a desgraça que caíra sobre a filha. E, aos primeiros raios da manhã seguinte, num pranto incessante, partia a bela jovem. Porém,

quando já exausta e conformada, a filha do imperador se encontrava pouco distante do local em que habitava o enorme dragão, deparou com um cavaleiro que vinha, a todo galope, em sua direção.

Era o garboso militar Jorge, montado num cavalo branco. Trajava-se com as roupas da milícia imperial romana, empunhando um estandarte ao lado direito e na mão esquerda uma grande lança de combate. Aproximou-se da jovem:

— Volta!

A jovem e linda princesa estacou admirada. Depois, entre soluços, explicou a Jorge a sua missão. Mas, sem deixar que a moça terminasse, o militar tornou a lhe dizer que voltasse, que voltasse para junto dos seus, porque ele iria dar luta à fera.

— Serás morto pelo dragão! Ele já devorou exércitos do meu pai e não há força no mundo que o consiga deter!

— Volta, jovem! Hoje matarei o dragão!

Diante da firmeza com que o moço falava, a filha do imperador não teve outro remédio senão voltar, ou por outra, fingir que voltava. Caminhou mais alguns passos e foi esconder-se numa gruta, de maneira a que pudesse assistir ao combate horroroso que se iria travar.

E assim foi. De repente, surgindo da abertura de uma rocha pantanosa, apresentou-se a fera terrível. Tinha formas descomunais. De sua boca imensa surgiam dentes afilados e compridos, narinas enormes vomitando rolos de fumaça, dois grandes olhos terrivelmente ferozes, donde saltavam labaredas esguias. Logo que viu o jovem, montado no cavalo, o dragão avançou sobre ele. Foi uma luta titânica, feroz, indescritível, guerra de vida ou morte, e onde as possibilidades do cavaleiro pareciam pouquíssimas.

Escondida na gruta, a filha do imperador assistia ao espetáculo brutal, terrível. Subitamente, com a ligeireza de um raio, o militar cravou sua lança no peito da fera. Um urro tremendo ribombou no espaço e, contorcendo-se em uivos prolongados, o monstro foi ao chão, rolou para o pântano, onde parou, completamente dominado e morto.

Voltando ao seu cavalo, que no meio da luta havia sido atirado longe, o jovem amarrou uma grande corda numa das patas do dragão e com esforço o veio arrastando vagarosamente, com a intenção de levá-lo à cidade.

Antes, no entanto, a moça já saíra correndo, a fim de avisar ao seu pai, à corte e a todo o povo do que acontecera. Quando o cavaleiro chegou ao centro da cidade de Silene, trazendo o dragão vencido, todos o receberam com palmas e gritos de alegria.

Imediatamente o imperador mandou chamá-lo à sua presença e perguntou-lhe como havia conseguido semelhante vitória, julgada impossível! Serenamente, respondeu-lhe o jovem que apenas fizera o sinal da cruz antes de se defrontar com o dragão. Pedira a Jesus Cristo que o amparasse, que o ajudasse a vencer a fera.

Quando toda a cidade tomou conhecimento do fato e da maneira pela qual ele se passara, imediatamente quebrou as estátuas de ídolos pagãos e aderiu à nova seita cristã, da qual o jovem era paladino. Em pouco tempo grande era o número de fiéis que aprendia e seguia as doutrinas de Cristo graças ao valente militar que visitava a cidade.

E, com a sucessão de outros grandes acontecimentos em sua vida, mais tarde o bravo cavaleiro viria a ser estimado e venerado pela comunidade cristã como grande padroeiro e protetor: São Jorge.

SÃO JORGE E O DRAGÃO



AS INGLÊSAS TAMB

Por HERMAN LIMA

(Autor de NA ILHA DE JOHN BULL)

**O JOHN BULL DAS CARICATURAS
GISTA DA NOSSA INFÂNCIA —
OU GAROTAS DE COPACABANA
DAN QUE TERIA MUITO DO LEI
GÊNCIA — A INGLÊSA E O S**

Não se sabe desde quando se firmou a tradição de que o inglês era somente o «beef», de grande pança e boca voraz, engolindo truculentamente quartos de boi da Escócia ou fatias de terras alheias, de que nasceu o símbolo universal de John Bull. Talvez fosse o famoso caricaturista Rowlandson o principal responsável por esse tipo representativo do seu povo, pois ninguém como ele soube anotar e deformar aquela curiosa tendência à acromegalia dos anglosaxões a que se refere Osbert Sitwell no seu esplêndido ensaio de introdução a certo album de aquarelas do grande artista dos fins do século XVIII e dos começos do século XIX. O crítico vai mesmo ao ponto de achar perfeitamente justificado aquele sentido de distorção intencional, pois é assim que se exprime a esse respeito: «As caras que ele mostra, muitas vezes, nos aparecem à primeira vista como as faces dum delírio; e depois, horror sobre horror, descobrimos que elas podem ser encontradas cada dia na rua e nos jornais». O fato é que por mais de um século os patricios de Mr. Churchill, espalhados na caricatura do resto do mundo, não saíam do tipo estereotipado do homem empanturrado de carnes sangrentas e de cerveja preta, em vias de estourar, quando, ao contrário,

o inglês que conhecemos pessoalmente, das nossas mais remotas reminiscências provincianas (maiorais da Light ou das agências do London Bank), eram varapaus escanzelados, de ombros estreitos e cara comprida, pernas de avestruz e gestos duros, desconjuntando-se em partidas de tênis ou na marcha diária pelas ruas da nossa tranqüila cidadezinha, um Mr. Scott, um Mr. Roger, um Mr. Brown.

Do mesmo modo e talvez mesmo ainda mais cruel na sua irreverência foi o padrão da inglesa que nos acostumamos a

A esquerda: Não é o Jerico que não sabe mesmo o papel de burro, quando duas jovens pequenas de férias na praia discordam. A direita: meia volta, volver! A direita: sã na Casa Dorland, de Lower Regent St, em palmente de roupas para férias movimentadas, mas mas possibilidades de lá para quem prefira halda conjuntos para natação, o da esquerda em jersey a capa de igual tom, o outro de jersey verde meral



Olhem só esta moreninha de maiô preto, se não parece que vem correndo de Copacabana, para não ser pegada sem roupão pela Rádio Patrulha. Pois não, senhores: trata-se da bonitíssima Pamela Winter, de 15 anos, inglesinha de oitocentos anos, amiga inseparável da outra que vai ao lado, Rita Pinfold, esta, de 16 anos, sua vizinha de Vitoria Road, Edmonton, em Londres. Os veranistas do campo onde se acham as duas chamam-nas de gêmeas, mas a verdade é que a moreninha, no particular, deixe lá que está mesmo sozinha. As mulheres inglesas, como prova esta reportagem, também têm «it», animação, mocidade, alegria. Não são, em absoluto, as criaturas frias, rígidas, empertigadas e sensaboronas, que a propaganda anti-inglesa tem procurado fazer crer que elas são

MBÉM TÊM "IT" ...

(Especial para
★ REVISTA DA SEMANA)

**CATURAS E A INGLESA SUFRA-
CIA — "MISSES" DE LONDRES
ABANA — O BURRO DE BURI-
DO LEITOR EM CERTA EMER-
SÃO SEU LOGAR AO SOL**

ver nas folhas da imprensa e que o jornalista espanhol Julio Camba assim descreve, embora, na verdade, só esteja se referindo às feias «standard»: «As inglesas feias não têm mais do que quatro articulações: duas para moverem as pernas e outras duas para moverem os braços. Os cotovelos, os joelhos, o pescoço, a cintura, etc., são inarticulados. Uma inglesa feia levanta-se do assento, sem que da metade do corpo para cima sua atitude mude num só centímetro, e fica rígida, imóvel, mirando as alturas. Logo

be onde ir. O fato é que ele tem de fazer jovens bonitas e estouvadas como estas delicias ao caminho que deve tomar — direlita: opas para a prala, em lá, estão em expont set, em Londres. A coleção consta princelentes, mas alguns dos modelos mostram infirralidades menos violentas. Aquil estão dois em rsey azul celeste bordado de branco com verde meralda, também bordado de branco.

mais, estende uma canela, também rígida, e avança um passo; em seguida, estende a outra canela. Os braços, que só giram na parte superior, caem a prumo e terminam, perto dos joelhos, por duas mãos enormes e muito abertas. E assim caminha a inglesa feia. Seu andar se reveste duma majestade ridícula. Parece que a inglesa está possuída por sua alta fealdade e que a ostenta com orgulho. Nada de atenuá-la com um sorriso, que, além disso, resultaria espantoso. Não. A fealdade é uma coisa muito séria. Deve-se levá-la dignamente».

A observação é evidente que tem muito de «charge», para que se leve a mal e é o próprio articulista que se encarrega de lembrar o provérbio que diz: «Quando uma inglesa começa a ser bonita...», para assinalar que nunca viu em parte alguma do mundo mulheres tão bonitas — nem mulheres tão feias — como na Inglaterra, e explicando maliciosamente que isso se deve ao critério do inglês em caprichar em toda a sua produção: «Como esta gente é muito prática, quando se propõe a fazer uma coisa, não pára antes de conseguí-la».

O fato é que dificilmente iremos encontrar nas ruas da pequena ilha da Mancha aqueles espantalhos que toda a vida conhecemos nas páginas ilustradas das



UM «MUTIRÃO» INGLÊS — Graças a estas quatro moças em gozo de férias e a outros muitos veranistas, da mesma disposição, o senhor H. H. Woolley, de Splafford Farm, em Kennford, Devon, é hoje um fazendeiro contente da vida. Sua colheita de ervilhas, muito abundante para ser apanhada pelos seus empregados, acha-se agora empilhada nos depósitos, esperando transporte. E' que Mr. Woolley arranhou um «mutirão» como o dos nossos caboclos do interior, mas usando o chamariz de 3 chelins por saco de 20 quilos de ervilha apanhada e nada menos de 80 veranistas se atiraram ao trabalho. Aqui estão as moças fazendo um pouco de «toilette», depois do trabalho, que é feito com vestidos da cidade, sapatos de salto alto, pulseiras e outras elegâncias.



"Mil e uma noites" é o título adequado para este chapéu — um turbante azul real com graciosos planejamentos de veludo, que é um dos lindos modelos a mostra na Exposição de Chapéus de Dorland Hall, em Londres.

revistas de todo o mundo, com a sua sala de xadrez até o meio da perna, os pés em sapatos à Carlito, mãos nodosas agarrando o cabo dum guarda-chuva defensivo como uma arma, chapéu de homem empoleirado sobre um nó de cabelos, um par de óculos temerosos fincado no nariz de palmo, a boca retorcida a resmungar «no» e «shocking» a três por dois, sufragista quase sempre e professora de inglês no melhor dos casos. Não vamos duvidar que o artigo tenha existido, mas de pura exportação, «made in England», como as casimiras, os cachimbos, o «whiskey», a água de alfazema ou o linho inglês.

Não é preciso ir muito longe para nos convenceremos disto. Aqui estão nestas páginas reunidos alguns palminhos de cara e alguns conjuntos anatômicos capazes de porem de quarentena qualquer dúvida que ainda pudesse perdurar a respeito. Não era mesmo preciso mais do que examinar imparcialmente (se fosse possível) uma pequena do outro mundo, como é, com toda a certeza, essa deliciosa Pamela Winter, moreninha com toda a beleza e todos os encantos que Deus Nosso Senhor deu às nossas patrícias de Copacabana, de Amaralina ou de Guarujá. A gente olha e quer logo saber se não é também um instantâneo de Miami ou de Cannes, porque o diabinho quase nu, que aí vai de corpinho tão bonito ao sol, tem «charme», tem «glamour», tem «sex-appeal», tem graça como

ninguém — tem tudo o que a baiana tem.

Outro tanto estão exigindo que se diga essas outras duas que aqui vemos também no tabuleiro dourado da praia — talvez de Bournemouth, talvez de Brighton, talvez de Torquay — às voltas com o barrico de aluguel, evidentemente muito mais perplexo no caso do que o seu avô de Euridan. Felo menos assim ficaria o leitor se tivesse de tomar o rumo de uma ou de outra dessas garotas, bem parentas de Alceu, se é que a das tranças pretas (coisa que o inglês chama prosaicamente de «rabo de porco») não levasse logo a palma. O que é certo, isso sim, é que bastante sorte tem o mister jerrico nesse brinquedo de prai-pra-cá, às voltas com as duas.

A surpresa, aliás, muito natural, é ainda maior quando se pode ir verificar «in loco» a verdade desta observação. A primeira conclusão que se apresenta ao turista em Londres é a de que não mentiram em nada os grandes pintores da antiguidade, os Reynolds, os Gainsboroughs, os Raeburns, os Allan Ramsays, quando fixavam na tela, para a posteridade, aquelas suntuosas «ladies» que enchem hoje os salões dos seus museus com a pompa da sua beleza aristocrática, o seu distante ar de deusas do Olimpo nativo, tantas delas transfiguradas pela arte maravilhosa que lhes sabia captar e interpretar igualmente o mais íntimo da alma e do coração tão frágil diante da vida e do amor como o de qualquer

Em baixo: O trabalho dessas moças, empregadas da Women's Land Army Hostel, em Lakenheath, Suffolk, é dos mais pesados. Todavia elas acham energia bastante para gozarem a vida, quando os caminhões as trazem de volta do trabalho braçal do campo para a cidadezinha próxima. Para isso instalam seu próprio rádio, organizam danças e concertos e há um grande salão para recreio, além dum pequeno lago formado num antigo poço de giz, que serve de piscina. As botas de campo e os macacões ficam esquecidos até amanhã, pois aqui vão elas rumo a um baile ou ao cinema. Na página ao lado: A mulher inglesa está se distinguindo cada vez mais na cinematografia. Depois de terem surgido arízetes como Greer Garson, Deborah Kerr, Vivien Leigh, Ann Todd e outras, agora surgem na tela jovens de irradiante beleza, como Beatrice Campbell, heroína de "My Brother Jonathan", de Francis Brett Young.







Na página ao lado: Carol Marsh é o nome desta encantadora artista do cinema inglês. E' mais uma beleza que surge na esteira de Phyllis Calvert, Patricia Roc e Margaret Lockwood, etc. Ela está no elenco de "Brighton Rock".

das suas pobres criadzinhas da cozinha ou da copa — como é o caso daquela deliciosa e tocante «Perdita», de Gainsborough, da Wallace Collection, ou ainda mais o da doce e grave «Mrs. Gregory», de Raeburn, que veio diretamente dum castelo da Escócia para os salões da Academia Real, na estupenda mostra da arte escocesa há alguns anos passados.

Não somente pela beleza e pela graça próprias, que não são patrimônio nacional só doutros povos, mas tem ainda a inglesa de hoje o mesmo direito ao seu lugar ao sol, no campo da elegância, das atividades esportivas, do gosto das boas letras, do conforto do «home», no que seu predomínio é, aliás, dos mais indisputáveis. Assim, tanto a seduz um romance de Virginia Woolf quanto um filme de Ingrid Bergman ou de Vivien Leigh, como o corte dum belo vestido de «soirée» das modistas da rue de la Paix, ou o enlévo duma paisagem de Corot ou de Whistler.

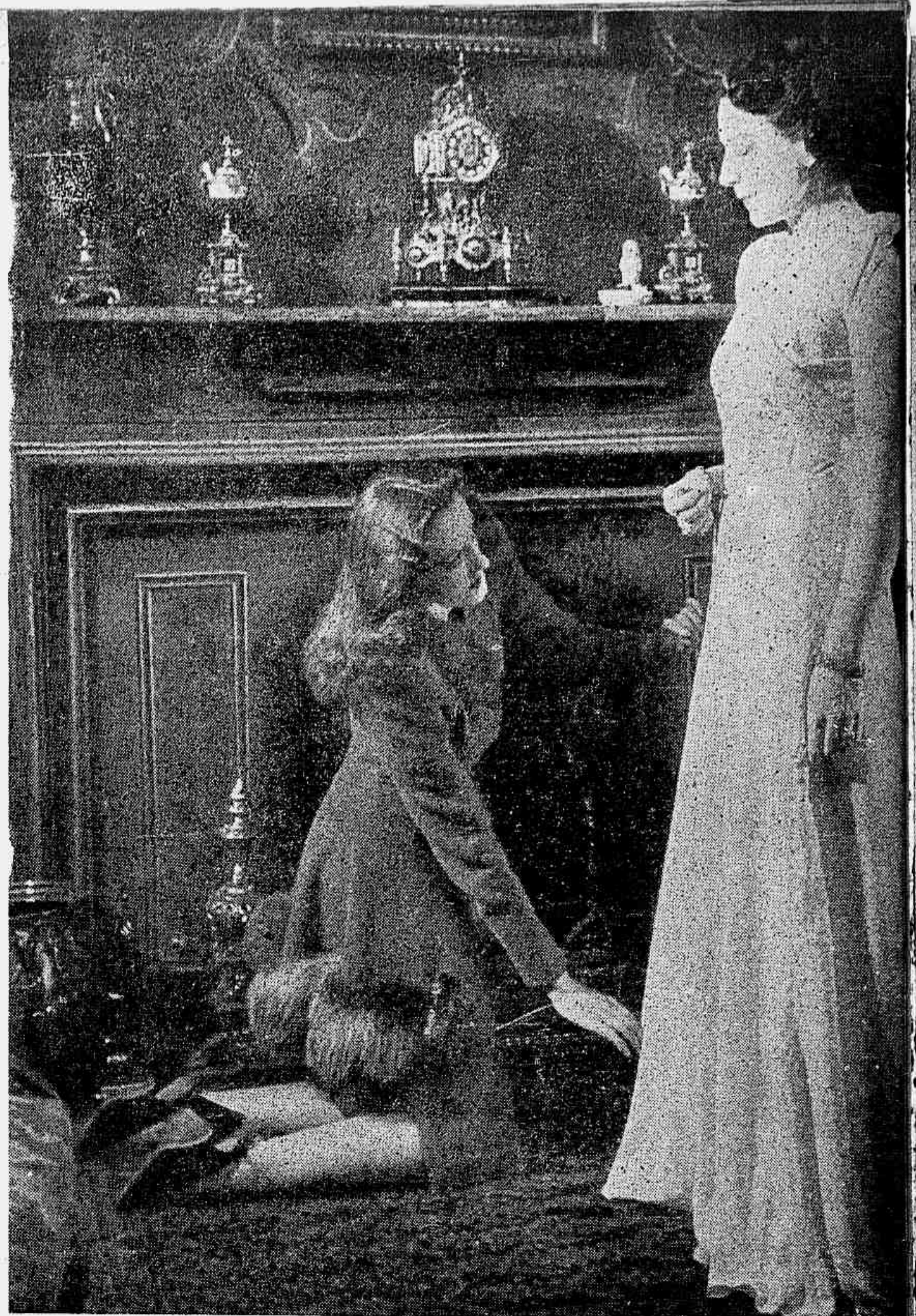
A guerra, por outro lado, veio revelar a admirável fibra da mulher inglesa de todas as classes, não somente ao enfrentar os riscos mortais dos grandes «raids» aéreos, quando saía pela rua a dirigir ambulâncias, lutar contra incêndios, varrejar escombros em busca de feridos, como na lenta e dolorosa compreensão com que se soube adaptar, durante os sete anos do tremendo holocausto, às mais duras restrições e aos mais pesados encargos, a que jamais se havia afeito,

entregando-se, com o mesmo vigor braçal de homens treinados, à plantação e à colheita dos cereais, ao reparo das estradas, ao serviço das fábricas e das usinas.

E' ainda de poucos dias o romance de amor da princesa Elizabeth, cujo casamento, celebrado sob a simpatia universal, teve, para o homem inglês da rua, a mesma significação da festa nupcial duma mocinha da família, pela inefável emoção popular de que se revestiu, revelando na herdeira do trono britânico os mesmos sentimentos de qualquer uma de suas patricias, caixeirinha do Selfridge's, datilógrafa da City ou simples raparigulha de prendas domésticas de Ipswich ou de Salisbury.

Por tudo isso, valem como documentário dos mais sugestivos estas fotos da Keystone, mostrando um dos aspectos menos conhecidos da vida social da Inglaterra, longe das rígidas normas do protocolo e da tradição que vai afinal ficando «demodée» no que tem realmente de obsoleto e inadaptável ao momento atual.

E' a mulher inglesa, simples e natural, integrada na sua época, sem complexos de granfinagem nem de insulamentos raciais, alegre e decidida, sociável e desportiva, bonita e requintada, vivendo bem a sua hora e o seu destino, sem nada que a diferencie particularmente da americana, da parisiense ou da carioca.

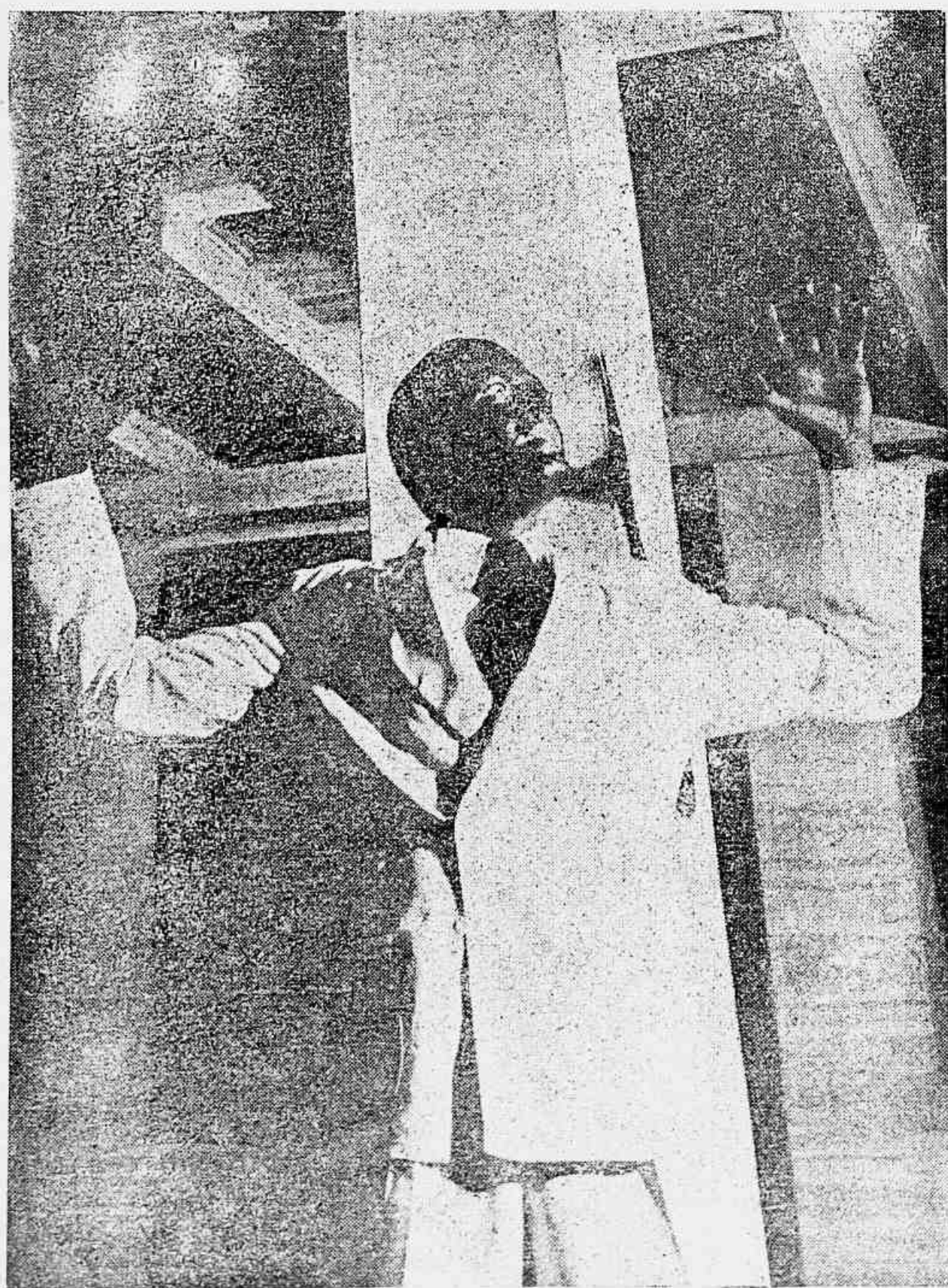


Em cima: "Prêmio pela minha perseverança" — podia dizer a ex-manequim Brenda March, enquanto a atriz Kathleen O' Regan, que faz parte do elenco da peça policial: "O crime de Margaret Foley", no Comedy Theatre, de Londres, experimenta uma das suas criações. Brenda, que tem 22 anos, abandonou o emprego bem pago de manequim porque lhe fazia doerem os pés, teve uma chance, meteu-se com desenhos de vestidos embora não soubesse desenhar, e acabou desenhando os vestidos de Kathleen. Em baixo: "Serenata no telhado" — Música no intervalo do trabalho é o "motto" destes jovens membros da Banda da Companhia de Rádio e Cabo Submarino — e seu palco é um telhado do Embankment, em Londres. Esta foto foi apanhada no teto da Casa Electra, onde eles sobem para seus ensaios durante a hora do lanche.





Em cima: um câro de solteironas, que aparecem na peça "Anjo Negro", sem nenhuma intervenção direta na ação. No terceiro ato, fora de cena, o autor, com uma linha de diálogo, mata tôdas elas e ainda tem o mau gosto de exibir sem nenhum propósito o cadáver de uma delas, assassinada (também fora de cena). Em baixo: o ator branco Orlando Guy aparece no papel de um negro, — mas de um negro com os traços de um branco, pintado, — e mal pintado...



A APRESENTAÇÃO DE "ANJO NEGRO" OU MUITO BARULHO POR NADA...

A NOVA PEÇA DE NELSON RODRIGUES, BASTANTE INFERIOR A "VESTIDO DE NOIVA", NÃO JUSTIFICOU A CELEUMA QUE HAVIA PROVOCADO — ALÉM DO MAIS, É DE IRRITANTE ANTI-NEGRISMO

«To much ado about nothing»... — é uma frase feita inglesa, que serviu de epigrafe a uma das comédias de Shakespeare. E, desde então, passou a ser repetida no mundo inteiro: muito barulho por nada... O mesmo poderia ser dito, ainda uma vez agora, a respeito da apresentação, no Fênix, da última peça do sr. Nelson Rodrigues, «Anjo Negro», depois de grande celeuma levantada em torno da proibição dessa obra pela Censura Teatral. Após a proibição, o autor e seus amigos moveram céus e terra, para derrubar a decisão da Censura Teatral, — e um dos argumentos utilizados era o de que o público brasileiro ia ser privado de entrar no conhecimento de uma autêntica obra prima.

Foram ao chefe de Polícia. Nada. Foram ao ministro da Justiça e este fez ler a peça, pelos seus oficiais de gabinete, que a consideraram inócua. Em seguida, o ministro também leu a peça e reformou a proibição da Censura, mandando que se permitisse a encenação, apenas com a «impropriedade para menores de 18 anos». Em torno disso foi desencadeada a campanha de publicidade da peça, até em páginas inteiras de jornais. Era imoral? Não era imoral? Tinha razão a Censura? Tinha razão o ministro? Tudo isso serviu de chamariz, converteu-se em motivo de grande alarido. Mas a verdade é que, encenada a peça, verificou-se apenas isto: a Censura Teatral não tinha razão, havia exa-



Em cima: um câro de negras, de que o drama podia perfeitamente prescindir. Não fazem senão rezar e dizer coisas óbvias e declamatórias. Talvez sem terem entendido o sentido anti-negrista da peça, tornaram-se cúmplices de um dos mais injustos e terríveis libelos jamais postos em cena no Brasil contra sua própria raça. A peça pretende provar a irremediabilidade do problema racial. Numa enunciação pitoresca: branco é branco, preto é preto, mas os mulatinhos devem ser afogados... Em baixo: os carregadores negros que vem, em grupo, carregar um calção de anjo que qualquer um deles levaria debaixo do braço... Saem em "ballet", uma invenção cênica do diretor Z. Ziembinski para mistificar os espectadores...





gerado, mas igualmente o autor e seus prosélitos não tinham razão, na alegação de que se tratava de uma obra prima. Muito ao contrário disso, tratava-se de uma peça com bastante mais defeitos que virtudes teatrais, apenas abusando de uma linguagem vulgar, talvez com o fito de escandalizar o espectador, mas conseguindo apenas aborrecê-lo. Muito cheia de relatos que em certas ocasiões interrompiam e paralisavam a ação, sendo um amontoado de falsidades e de deformações canhestras da realidade, constituída não por seres humanos, mas por títeres manobrados arbitrariamente pela vontade do autor, — «Anjo Negro» é bastante inferior a «Vestido de Noiva», que foi uma realização feliz do autor e uma prova de talento teatral que, infelizmente, a nova peça não confirma. Assim, embora atendendo ao autor, para reformar a decisão da Censura Teatral, a impressão geral do público e da crítica foi a de que o sr. Adroaldo de Mesquita Costa, ministro da Justiça, deu na reputação dramática do sr. Nelson Rodrigues um terrível golpe. A peça, — embora sendo uma acumulação de brutalidades, de coisas monstruosas e até repugnantes, — não chega a ser suscetível de causar escândalo,

pois as coisas ruins não são nunca realizadas, em forma de ação teatral, mas sim contadas em cena. Passam-se fora, longe das vistas dos espectadores, — testemunhando estes apenas um caso comum de adultério. No mais, nas conversas, é que se desdobram as barbaridades, — barbaridades só retóricas, — infanticídios, violações, atentados contra a vista de personagens (dois são cegos intencionalmente pelo «herói»), incestos, estupros, idéia de matricídio, etc. Termina a peça com um absurdo emparedamento de uma moça, numa caixa de vidro iluminada com focos elétricos por dentro, numa espécie de apoteose à ferocidade dos personagens... O «herói» é um negro, — mas negro falso, pintado, — e mal pintado. De resto, a peça é de um reacionarismo incrível em nossa época, profundamente anti-negrista, irritantemente imbuida de preconceito racial. A direção do sr. Z. Ziembinski, direção de um homem esperto, é uma tentativa de ilusionismo, um esforço para mistificar os espectadores, fazendo-os aceitar como grande teatro o que é apenas folhetim granguinlesco, aparentado com os filmes de monstros da Universal... Em suma: muito barulho por nada...

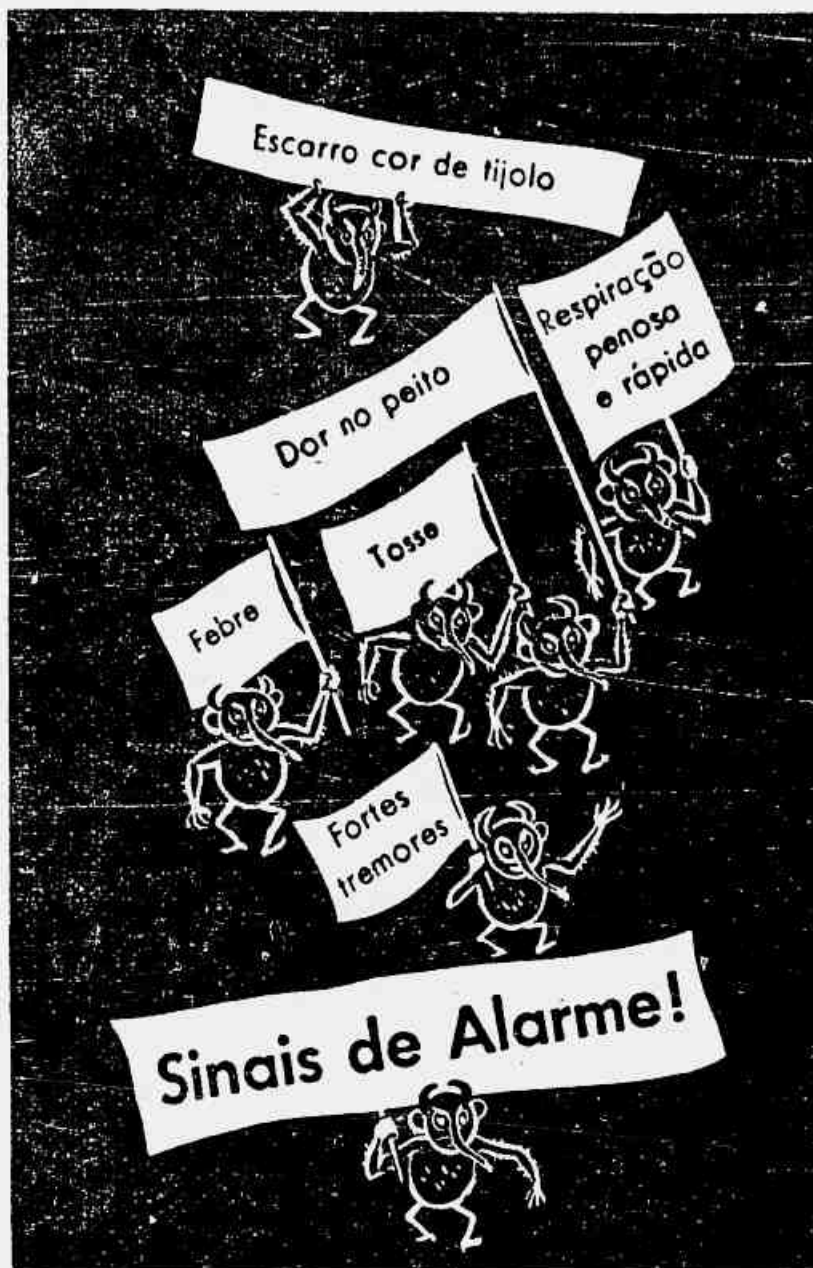
Em cima: o jovem ator José Guerreiro, o único que não parecia um títere mais ou menos frankensteiniano durante a representação, junto com uma das atrizes de cor que inocentemente colaboraram na diatribe anti-negrista do sr. Nelson Rodrigues. Em baixo: a atriz Maria Della Costa, — um prêmio de beleza do nosso teatro, — e José Guerreiro, em uma cena de «Anjo Negro». Com toda a sua beleza, Maria Della Costa aparece como um monstrozinho na pera, — dir-se-ia a esposa de Frankenstein, casada, depois de sua viuvez, com o conde de Drácula ou com o Lobishomem de Londres... Puro folhetim barato, com fumaças de grande teatro...



NOVAS DROGAS QUE PODEM SALVAR 9 ENTRE 10 VÍTIMAS DE PNEUMONIA



Milhares de pessoas anualmente são salvas da morte por pneumonia, graças a modernos medicamentos



Tome nota destes sintomas alarmantes. Se qualquer deles se manifestar, chame imediatamente o médico! Enquanto isso, permaneça deitado e em absoluto repouso.



Cuide inteligentemente de sua saúde! Evite expor-se inutilmente, mantendo-se sempre bem agasalhado!

Más, há um "se"... Quando seus pais ainda eram pequenos, os casos de pneumonia tinham apenas, metade das probabilidades que você hoje tem de escapar.

Agora, graças aos novos medicamentos, a maioria dos casos é curável... se o tratamento for feito logo no início e sob assistência médica.

Mesmo assim, hoje em dia, se o doente estiver muito enfraquecido e sua resistência for baixa, poderá morrer antes desses novos medicamentos produzirem seu efeito salvador. Você vive em perigo permanente se não cuida de seu estado geral... se estiver constantemente abatido. A pneumonia mata com espantosa rapidez. E há ocasiões em que você precisa ser extremamente precavido para livrar-se dela.

Há ocasiões em que as mínimas coisas podem ser gravíssimas! Quando sentir que vai ficar resfriado, tome logo cuidado. O resfriado, facilita a entrada nos pulmões dos germes da pneumonia (existem 40 germes dessa espécie). A pneumonia não só significa longa permanência no leito, sofrimento e despesa, como também e sobretudo — uma batalha pela sua vida!

Lembre-se, pois — se começar a espirrar com frequência e tiver coriza, é de bom aviso observar estes três conselhos:

1. Deite-se, se possível, e descanse.
2. Consulte seu médico sobre a saúde e o estado geral.
3. Beba grande quantidade de líquidos... suco de frutas cítricas, água, leite.

O que é preciso ter em mente. A pneumonia é uma séria inflamação dos pulmões. Mata traiçoeiramente, manifestando-se com extrema rapidez e de maneira alarmante... como o estouro de uma bomba! E está sempre à espreita das seguintes oportunidades:

1. ...que você esteja transpirando ou tiritando de frio.
2. ...que você esteja esgotado... ou constantemente abatido.
3. ...que você esteja resfriado, apanhe uma gripe ou bronquite.
4. ...que você esteja enfraquecido por um acidente ou ferimento.

Proteja-se, portanto, contra a pneumonia fazendo periodicamente um exame de saúde. E nunca se esqueça: quando um resfriado se agravar e for acompanhado de febre, chame seu médico! E sem demora!

● Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB
PRODUTOS FARMACÊUTICOS

VIDA LITERARIA

ROMANCISTAS E CONTISTAS EM TÔRNO DE UM PRÊMIO

ESTA despertando grande interesse a disputa do Prêmio Fabio Prado de 1947, conferido pela ABDE, de São Paulo, e que este ano se destina a obras de ficção. A produção literária de 1947 foi fraca — reflexo em parte da crise do livro — mas, não obstante, a ficção teria sido um dos seus setores menos estéreis.

Passemos em rápida revista algumas das obras que concorrem ao prêmio. Até há pouco, quase todas as vistas se vinham voltando para o romance de José Geraldo Vieira "A Túnica e os Dados", obra moderníssima, pretendendo revolucionar a técnica do gênero. O autor anda, ultimamente, muito preocupado com os problemas do romance, e o livro em questão constitui uma de suas ousadas experiências nesse terreno. Mas teria sido ela coroada plenamente de êxito? Sem dúvida, o romance do sr. José Geraldo Vieira tem algumas passagens magníficas, mas a impressão que nos deixa o conjunto é de qualquer coisa incompleta, de uma bela aventura que não foi plenamente realizada. E abandona-se o volume, pensando ainda na "Mulher que fugiu de Sodoma", como a melhor obra do escritor carioca.

José Lins do Rego concorre com "Euridice", um dos maiores êxitos de livreria do ano passado. Um verdadeiro "best-seller". A obra suscitou muita discussão, pelo fato do autor localizar, pela primeira vez, o desenrolar de um romance no ambiente carioca. Para muita gente o sr. Lins do Rego só pode ser o romancista do nordeste. "Euridice" não nos parece um romance à altura de "Banguê" e "Fogo Morto", mas is-

so não é, certamente, pelo fato do autor se ter deslocado para outra paisagem. Como no livro de José Geraldo Vieira, sente-se em "Euridice" qualquer coisa de incompleto. Em ambos, os autores não conseguiram a superação de si mesmo que talvez tivessem pretendido.

"Os Renegados", de Otavio de Faria, está em condições de fazer séria concorrência às duas obras citadas. A sra. Carolina Nabuco entrará com "Lume e Cinza", obra em que ilustre biógrafo de Joaquim Nabuco não chegou a sair do clima da "Sucessora".

"Palmares pelo Aveso", de Paulo Duarte, despertará também muita atenção do Juri; mas se o livro oferece o maior interesse como documentário, pouco o terá como romance. O autor fez muito boa reportagem, mas a boa reportagem não basta para se fazer o bom romance. Ignoramos com que livro concorrerá o sr. Mario Donato. Os "novos" Valdomiro Auran Dourado e Almeida Fischer figuram com livros de contos. Vemos entre os candidatos também o nome do sr. Amadeu Queiroz, um escritor de primeira qualidade, e como não sabemos de obra sua publicada em 1947, julgamos que concorra com algum trabalho inédito. Há ainda o sr. Iago José, cujo romance de estreia "Bagunça" há mais de doze anos teve algum sucesso.

O prêmio de poesia foi concedido em 1946 a um nome quase desconhecido, o sr. Pericles Eugênio da Silva Ramos. Seria uma nota sensacional se desta vez, com o prêmio de ficção acontecesse a mesma coisa.



JOSE LINS DO REGO, autor de "EURIDICE"



Garcia Lorca

"GARCIA LORCA" — Edgard Cavallheiro — Livreria Martins — São Paulo.

Quando o poeta Garcia Lorca foi fuzilado em 1936, num dos momentos culminantes da guerra espanhola, não nos lembramos de ter lido aqui nenhuma crônica, nenhum comentário sobre a sua personalidade literária. Só alguns anos depois, uma grande parte dos nossos intelectuais começou a saber quem era Garcia Lorca e interessar-se pela obra do mesmo. O fato explica-se. A literatura espanhola não tem sido até agora bem conhecida no Brasil. Se Lorca não se tornasse uma espécie de mártir, talvez ainda fôssemos, entre nós, tão ignorados como um Juan Ramon Jimenez, um Alberti e tantas outras grandes figuras da Espanha literária. A desgraça da morte do autor do "Cancionero Gitano" valeu-lhe no Brasil a popularidade. Essa circunstância excepcional concorreu, por exemplo, para que o sr. Edgard Cavallheiro lhe dedicasse um belo livro. O autor de "Fagundes Varela" houve-se aqui com o mesmo engenho e a mesma penetração reveladas na sua obra de estreia. "Garcia Lorca" é um estudo crítico-biográfico que reúne a informação à interpretação. A obra do poeta e do drama-

OS LIVROS DA SEMANA

turgo aí está muito bem delineada em face da vida do autor: existência palpitante de artista, integrada no destino do seu povo e nas mais altas aspirações da humanidade. De Lorca pode-se dizer, parafraseando o que Anatole France dissera de Zola: que ele foi, num instante, o próprio sentimento do mundo.

★

"LA LITERATURA DEL BRASIL" — Afonso Arinos de Melo Franco — Facultad de Filosofia y Letras de la Universidad de Buenos Aires.

Este pequeno volume faz parte de uma coleção organizada pela Facultad de Filosofia y Letras da Universidade de Buenos Aires com obras originais referentes à vida cultural da América Latina. Reune as conferências realizadas em 1944 naquela casa de ensino pelo sr. Afonso Arinos de Melo Franco, sobre alguns aspectos da literatura brasileira: "O século 18 e a Escola Mineira", "O Modernismo", "A Literatura contemporânea", "Reflexões sobre a história do Brasil". O autor é um dos nossos melhores ensaístas; claro, penetrante, com uma grande compreensão dos problemas literários sabendo sempre relacioná-los com as estruturas históricas e sociológicas. Jimenez Pastor diz bem, no prefácio, da boa impressão que causaram essas conferências, lidas pelo sr. Afonso Arinos com uma pronúncia brasileira, bem ao alcance dos ouvidos argentinos. A tradução castelhana foi feita pelo sr. Raul Navarro, nome já muito nosso conhecido.

★

ENSAIOS AMERICANOS — Julio de Mesquita Filho — Livreria Martins — São Paulo.

A história e a literatura das Américas, os problemas sociológicos americanos nunca nos despertaram o devido interesse. Quanto aos Estados Unidos, podemos dizer que só de uns vinte anos para cá os descobrimos. Quem não se lembra dos juízos absurdos e errôneos que muita gente instruída emitia, até há pouco, sobre a cultura lanque? Mas se a si-

tução melhorou muito, com relação aos Estados Unidos, pouco melhorou com relação aos outros países da América.

Não queremos subestimar a importância que os temas europeus possam ter para nós. O certo é que o nosso conhecimento da Europa devia coincidir com uma noção mais direta e mais ampla dos povos do continente, a cujo destino estamos tão intimamente vinculados.

Capistrano de Abreu alegava a impossibilidade de escrever-se a história do Brasil, enquanto não se fizesse devidamente a dos países do Prata. Eis a advertência de que nos lembramos ante este livro do sr. Julio de Mesquita Filho: "Ensaio Sul-Americanos". O autor percorre um terreno, onde ainda há muito para desbastar, e que infelizmente não tem atraído grande número de exploradores. A circunstância de uma longa permanência na Argentina concorreu para despertar-lhe o gosto por esses estudos. Seu objetivo tinha sido, mesmo, anteriormente, escrever um ensaio sob o título geral "Nós e a bacia do Prata". Das pesquisas realizadas para tal obra provém o primeiro trabalho do livro: "Guerra do Paraguai — Carta ao embaixador Carcano", escrito com certo sentido polêmico — e igualmente o segundo sobre a "Passagem de Humaitá". Os demais estudos: "O Brasil e a Revolução Industrial da Inglaterra", "Índios, Jesuítas e Bandeirantes" procedem da mesma linha de interpretação sociológica que vem fazer de Julio de Mesquita Filho mais um discípulo de Capistrano de Abreu.

★

"NOVOS VIZINHOS" — Contos de Sebastião Fernandes Pongetti.

O autor já possui muitos volumes publicados. De "Figuras e Legendas", uma de suas últimas produções, diz Câmara Cascudo tratar-se de "uma coleção de fisionomias diversas e sugestivas", índice dos valores mentais e culturais do autor. Seu livrinho de hoje é uma série de contos, com substrato anedótico, de maneira a trazer sempre presa a atenção do leitor para o desfecho. Se uns dos objetivos do autor foi divertir, ele o atingiu certamente.

Morreu Julia Cortines — As gerações novas de certo nunca ouviram falar em Julia Cortines, que com 82 anos faleceu na semana passada, nesta Capital.

Foi uma poetisa das mais aclamadas da nossa fase parnasiana. Mas, de certo, há muitos anos que ninguém lia os seus livros e nem tinha notícias dela que, segundo dizem, só escrevia para os albums da sua ex-discípula. Julia Cortines era a última remanescente da geração de Alberto de Oliveira.

★

A conversão de Pitigrilli — Os jornais divulgaram largamente a notícia da conversão de Pitigrilli. O escritor italiano teria renegado suas novelas "Cinto de Castidade", "Virgem de 18 Quilates", "Cocaina", etc., arrependendo-se dos enredos imorais que nelas desenvolvera. Mas devia ter-se arrependido, sobretudo, de haver escrito obras mediocres, pertencentes a sub-literatura. Novelas como "Cocaina" não chegavam a ser imorais: eram simplesmente obscenas.

★

Prêmio Felipe de Oliveira — o prêmio Felipe de Oliveira, de 1947, acaba de ser conferido ao livro "Os Renegados", do escritor Otavio de Faria, autor de uma série de romances em que, à maneira de Balzac na "Comédia Humana", pretende retratar a vida burguesa do Rio de Janeiro.

ANEDOTÁRIO



Bernard Shaw

Bernard Shaw chegou de simples paletó sacó num teatro, onde se exigia traje a rigor.

— Oh! Meu senhor — observou a encarregada de levar os espectadores aos lugares — o seu traje não está correto.

Tranquilamente, Shaw retirou o paletó, perguntando:

— E agora? — Estou em regra?

— Não — respondeu a encarregada.

E Shaw impaciente:

— Quer então que eu me dispa ainda mais?

Remessa de livros: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



De encontro marcado com o futuro!

A vida vertiginosa das grandes cidades brasileiras confirma materialmente a previsão de que o Brasil é um país de encontro marcado com o futuro.

Dentro desse dinamismo das metrópoles brasileiras—ou através da vida laboriosa das cidadeszinhas e vilarejos do interior—sente-se, hoje,

o próprio amanhã desta imensa nação. E Brasilafora—pelas avenidas e boulevards turbilhonantes, ou pela amplidão silenciosa dos campos lavrados—os produtos Esso representam alimento, força e proteção para os veículos que rolam pelas ruas, ou para as máquinas que trabalham nas fábricas e lavouras.

Esso



Cerca de 5.000 Ovais Esso por todo o país indicam o local onde se podem obter os melhores produtos petrolíferos automotivos. Sirva-se sempre sob o Oval Esso.

Traba'hando com
Esso, Brasil afora.

★ ★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★ ★
McCane

lores
onse-
men-
Brasi-
lade,
Or-
que
spen-
Sa-
um
dese-
AINT
ques-
os os
nsaios
real-
o dia
ções,
gnita,
onsci-
AINT
lhe a

briga-
nas eu

mente,
i. meu
No dia
râpi-
Por
ndo e

e deve
nomen-
ROD-
trazer
ontrará
ção. E,
o mi-
prazo,
o, ofe-
nesque-



MARTHA STEWART (FOX)

NO dia em que a mulher compreender o quanto depende de si a felicidade do lar; no dia em que ela decidir encarar seriamente o problema e realizar tudo o que se torne necessário afim de que o mesmo venha a ser resolvido; o dia em que ela se convencer de que não deve cruzar os braços e deixar "o barco correr", no dia enfim em que ela tomar a decisão de lutar, nesse dia existirá um número muito menor de lares infelizes. Porque, lutando contra coisas que a princípio poderiam parecer irremediáveis, ela terá "chance" de vencer e de transformar a sua casa, antes fria e desagradável, num recanto acolhedor do qual ninguém querará sair...

A primeira coisa que terá a fazer, é se convencer de que não se casou com um Deus, mas com um homem e, portanto, uma criatura humana, sujeita a erros e fraquezas, como qualquer outro ser humano, inclusive ela

mesma. O mal de muitas mulheres é justamente esse: esperar que o marido seja um exemplo de perfeição. Exigem que ele tenha todas as qualidades imagináveis e, como isto é inteiramente impossível de se encontrar, sentem-se logradas, desiludidas e decepcionadas. Passam logo a pensar, e muitas vezes a dizer, que não era bem com esse que deveriam ter casado, mas com aquele outro que, por sinal, está hoje tão bem de vida...

Queixam-se às amigas e mesmo diante do espôso não escondem o seu desapontamento. Isto as vai irritando até torná-las insuportáveis até mesmo aos maridos que antes as amavam. Daí surgirem atritos que se tornam dia a dia mais frequentes até que, a mulher decepcionada e o homem que acaba por se considerar um fracasso, não possam mais suportar a vida em comum. Se essa mulher fôsse um pouco mais inteligente e perspicaz, nunca isto aconteceria. Com tato, si realmente hou-

vessem muitas falhas no espôso, ela poderia, sem ressentimentos, ajudá-lo a corrigi-las, estimulando-o e encorajando-o como verdadeira amiga. Muitas vezes, tudo não passa de erro de educação; é possível que o homem tenha sido educado num ambiente onde não lhe davam muitas "chances"; é possível que não tivesse encontrado, quando criança, a necessária compreensão; estes motivos não devem absolutamente servir de pretextos para humilhações, e principalmente partindo estas da pessoa que ele escolheu para companheira de sua vida. E, seja qual fôr o "ponto fraco" do espôso, que ele permaneça dentro de casa e que nunca seja focalizado em rodinha de amigos. Ele compreenderá e ficará grato por isso. Cheio de brio e amor próprio, tudo fará para se converter no ideal com o qual a esposa sonhara.

KITTY

NOS BASTIDORES FEMININOS

50.618 — Em crepe branco é esta blusa arneada de nervuras e um ligeiro bordado sobre os ombros. Botões de bola.
50.619 — Bem sugestivo é esta blusa em xadrez quadriculada azul e vermelho, salientando os seus recortes, vivos e botões brancos. Gola e punhos virados.



50.622 — Para uma sala esportiva e simples nada mais elegante do que esta blusa em fundo branco e listras vermelhas. Sua pala é composta de duas partes enviezadas. Botões encapados. 50.623 — Linda blusa em crepe liso, com gracioso rolete contornando a pala. Mangas amplas com punho. Botões de massa.



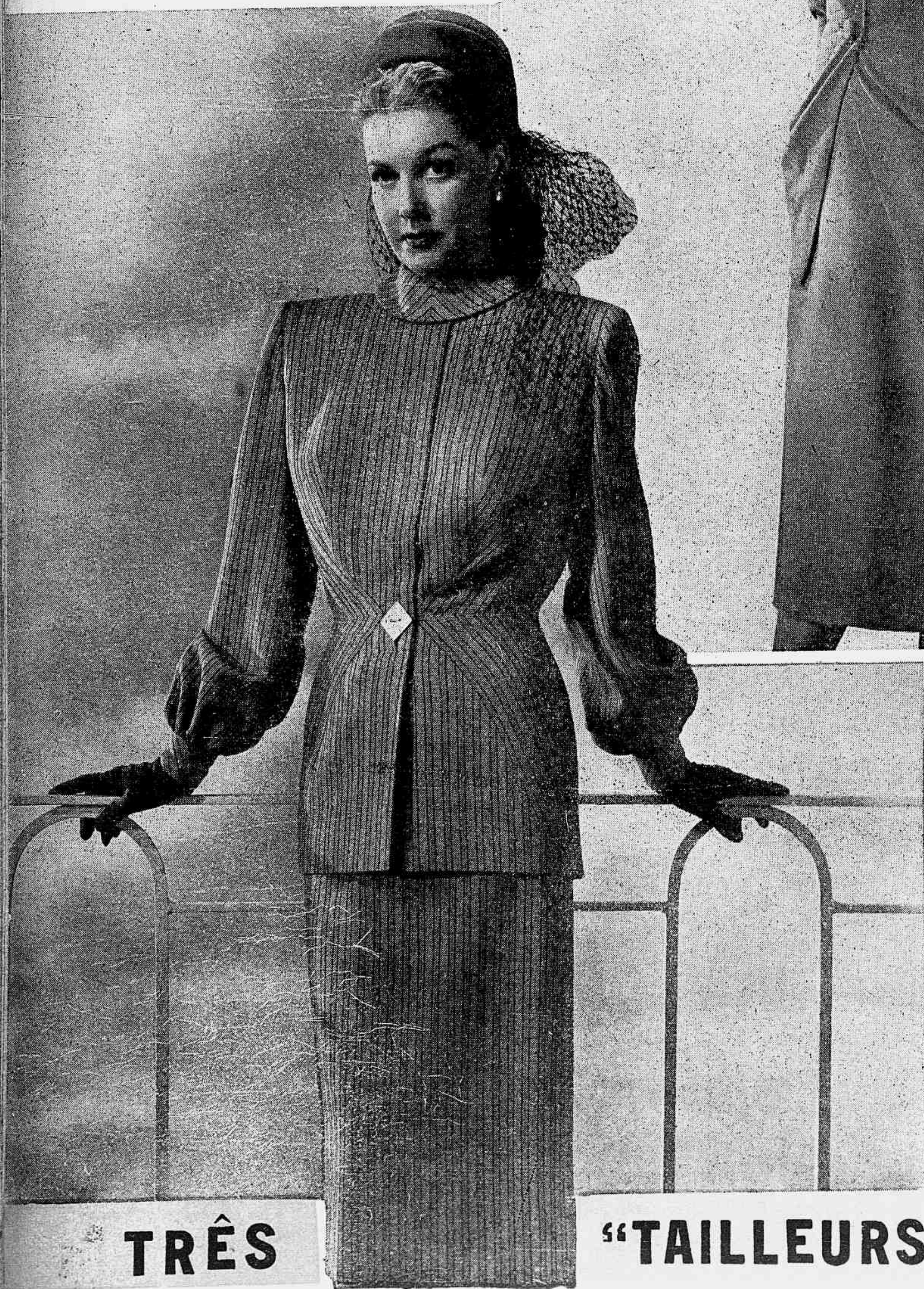
50.632 — Em elegante confecção é esta blusa em tussor natural, salientando as suas mangas em corte raglan e o grupo de pregas que se faz notar em ambos os lados. Botões de massa. 50.633 — Ainda em tecido quadriculado em azul e brique, é esta blusa simples mas elegante, sua pala é contornada por um vize, sendo a sua gola e os seus punhos também em vize, botões de massa.

BLUSAS

MODELOS FRANCESES



Da esquerda para a direita: 1 — Vestido para a tarde em lã areia. Blusão "chemisier" com pregas na frente. Saia plissada. 2 — Modelo elegante para a tarde, em lã ou crepe "mousse". O corpete ajustado é abotoado na frente e tem em plissé "soleil". Mangas três-quartos. 3 — Modelo em lã marinho ou preto, de linha muito nova. Corpete justo e formando na frente um colete abotoado. Saia alargando na frente com um pano franzido. Manga três quartos guardada de "clips" de cerâmica. 4 — Modelo para a tarde em lã cinza claro. O corpete é ajustado na frente e atrás por uma costura. A saia em forma, tem na frente uma parte incrustada, formando três pregas.



A NN Sheridan, "estrêla" de Hollywood, que veremos em breve ao lado de Gary Cooper em "A Felicidade bateu à porta", dá preferência, para o inverno, aos "tailleurs". No entanto, a sua inclinação é para os que possuam um "que" de sofisticação, como os que aqui apresentamos. No canto da página: De linha inteiramente nova é este "duas-peças" em lã preta, com sua gola alta e seus bolsos salientes. Ao alto: Em lã cinza. Casaco longo com drapeado dos lados. Gola alta, arrematada por um colar. Chapéu de feitiço original, guarnecido de "aigrettes". Em baixo: Em lã listrada, é este outro, fechado na frente com um só botão. Gola redonda. Aplicações enviezadas laterais.

TRÊS

"TAILLEURS" SOFISTICADOS

Tendo, enfim, recuperado a razão, senti sede de novo; acendi uma vela e dirigi-me à mesa onde estava pousada a jarra. Ergula-a, inclinando-a sobre o meu copo; nada ocorreu. — Estava vazia! Estava completamente vazia! A princípio, nada compreendi. Depois, de súbito, senti uma emoção tão terrível que tive de sentar-me, ou antes, tombou numa cadeira! Depois ergui-me de um salto para olhar em torno de mim! Depois tornei a sentar-me, desvalado de espanto e de medo, ante o cristal transparente! Eu o contemplava com olhos fixos, procurando adivinhar. Minhas mãos tremiam! Tinham então bebido aquela água? Quem? Eu? Eu, sem dúvida? Não podia ser senão eu! Então, eu era sonâmbulo, eu vivia, sem o saber, essa dupla vida misteriosa que faz pensar se não haverá dois seres em nós, ou se um ser estranho, irreconhecível e invisível, quando a nossa alma está entorpecida, não animará por momentos o nosso corpo cativo que obedece a esse outro, como a nós mesmos, mais que a nós mesmos.

Ah! quem compreenderá a minha abominável angústia? Quem compreenderá a emoção de um homem, são de espírito, bem desperto, cheio de razão e que procura espantado, através do vidro de uma jarra, um pouco d'água desaparecida enquanto ele dormia? E ali fiquei até o ralar do dia, sem me animar a voltar para o leito.

6 de julho. — Enlouqueço. Beberam outra vez toda a minha água esta noite: ou antes, eu a bebi!

Mas fui eu? Fui eu? Quem? Quem seria? Oh! meu Deus! Eu enlouqueço! Quem me salvará?

10 de julho. — Acabo de fazer experiências surpreendentes.

Decididamente, eu estou louco! E no entanto...

A 6 de julho, antes de deitar-me, coloquei sobre a minha mesa vinho, leite, água, pão e morangos.

Beberam — eu bebi — toda a água e um pouco de leite. Não tocaram nem no vinho nem nos morangos.

A 7 de julho, renovei a água e o leite. Não tocaram em nada.

A 9 de julho, enfim, coloquei sobre a mesa apenas a água e o leite, tendo o cuidado de envolver as jarras em panos de musselina branca e de atar as rôlhas. Depois esfreguei meus lábios, minha barba e minhas mãos com plombagina, e deitei-me.

O invencível sono se apoderou de mim, seguido logo pelo atroz despertar. Eu não me movera; minhas próprias cobertas não tinham manchas. Precipitei-me para a mesa. Os panos que cobriam as jarras estavam imaculados. Desateli os cordões, a palpitar de receio. Tinham bebido toda a água! Tinham bebido todo o leite! Ah! meu Deus!...

Vou partir imediatamente para Paris.

12 de julho. — Paris. Sem dúvida perderei eu a cabeça nos últimos dias! Devo ter sido joguete da minha imaginação enervada, a menos que eu seja verdadeiramente sonâmbulo, ou tenha sofrido uma dessas influências verificadas, mas inexplicáveis até hoje, que se chamam sugestões. Em todo caso, a minha agitação raivava pela demência, e vinte e quatro horas de Paris bastaram para restabelecer-me.

Ontem, depois de passeios e visitas, que me filtraram na alma um ar novo e vivificante, terminei a minha noite no Théâtre-Français. Representavam uma peça de Alexandre Dumas Filho, e esse espírito alerta e poderoso completou a minha cura. Por certo, a solidão é perigosa para as inteligências que trabalham. Temos precisão, em torno de nós, de homens que pensem e que falem. Quando permanecemos muito tempo sozinhos, povoamos o vácuo de fantasmas.

Voltei bastante alegre ao hotel, pelos boulevards. No acotovelar da multidão, eu pensava, não sem ironia, nos meus terrores, nas minhas hipóteses da semana passada, pois acreditei, sim, acreditei que um ser invisível habitava sob o meu teto. Como é fraca a nossa cabeça, e como se perturba e logo se perde, logo que um pequenino fato incompreensível nos impressiona!

Em vez de concluir por estas simples palavras: «Eu não compreendo porque a causa me escapa», nós logo imaginamos terríveis mistérios e forças sobrenaturais.

14 de julho. — Dia da República. Os petardos e as bandeiras me divertiam como a um menino. No entanto, é uma coisa bem tola ficar-se alegre em data fixa, por decreto do governo. O povo é um rebanho imbecil, ora estupidamente paciente, ora ferozmente revoltado. Dize-lhe: «Vai bater-te com o vizinho». Ele vai bater-se. Dize-lhe: «Vota pelo Imperador». Ele vota pelo Imperador. Depois, dizem-lhe: «Vota pela República». E ele vota pela República.

Os que dirigem são também uns tolos; mas em vez de obedecer a homens, eles obedecem a princípios, os quais não podem deixar de ser ingênuos, estereis e falsos, por isso mesmo que são princípios, isto é, idéias reputadas certas e imutáveis, neste mundo onde não se tem segurança de coisa alguma, já que a luz é uma ilusão, já que o ruído é uma ilusão.

16 de julho. — Vi ontem coisas que bastante me preocuparam.

Eu jantava em casa de minha prima, Mme. Sablé, cujo marido comanda o 78º de Caçadores em Limoges. Achara-me na sua casa com duas jovens senhoras, uma das quais desposou um médico, o dr. Parent, que se ocupa de doenças nervosas e das manifestações extraordinárias atualmente em foco pelas experiências de hipnotismo e sugestão.

Os fatos que ele citou me pareceram de tal modo esquisitos que me declarei totalmente incrédulo.

«Nós estamos, afirmava ele, prestes a descobrir um dos mais importantes segredos da natureza, quero dizer, um dos seus mais importantes segredos sobre este planeta; pois ela tem certamente outros mais importantes, além, nas estrelas. O homem, desde que pensa, desde que sabe dizer e escrever o seu pensamento, sente-se roçado por um mistério impenetrável a seus sentidos grosseiros e imperfeitos, e procura suprir, pelo esforço da sua inteligência, a incapacidade dos seus órgãos. Quando essa inteligência permanecia ainda no estado rudimentar, essa observação dos fenômenos invisíveis tomou formas banalmente terríficas. Daí nasceram as credenças populares no sobrenatural, as lendas das almas penadas, das fadas, dos gnomos, dos fantasmas, direi mesmo a lenda de Deus, pois as nossas concepções do obreiro-criador, de qualquer religião que provenham, são na verdade as invenções mais medíocres e estúpidas, mais inaceitáveis saídas do cérebro amedrontado das criaturas. Nada mais verdadeiro que esta frase de Voltaire: «Deus fez o homem à sua imagem, mas o homem bem lhe retribuiu».

«Mas, há pouco mais de um século, parece-nos pressentir qualquer coisa de novo. Mesmer e alguns outros nos abriram um caminho inesperado, e chegamos na verdade, principalmente neste últimos quatro ou cinco anos, a resultados surpreendentes.»

Minha prima, muito incrédula também, sorria. O dr. Parent lhe disse: — Quer que eu tente adormecê-la, madame?

— Sim, quero.

Ela sentou-se numa poltrona e ele começou a olhá-la fixamente, fascinando-a. Eu me senti de súbito um pouco turbado, com o coração a bater, a garganta oprimida. Via os olhos de Mme. Sablé se tornarem pesados, sua boca crispar-se, seu peito arquejar.

Ao cabo de dez minutos, ela dormia.

— Coloque-se atrás dela, disse o médico.

E eu me sentei atrás dela. Ele colocou-lhe entre as mãos um cartão de visita, dizendo-lhe: «Isto aqui é um espelho; que vê nele?»

Ela respondeu:

— Eu vejo o meu primo.

— Que faz ele?

— Torce o bigode.

— E agora?

— Tira uma fotografia do bolso.

— De quem é o retrato?

— Dele.

Era verdade! E a referida fotografia acabava de ser-me entregue naquela mesma tarde, no hotel.

— Como está ele no retrato?

— Está de pé, com o chapéu na mão.

Ela via, pois, naquele cartão, naquele cartão branco, como se fosse num espelho.

As senhoras, assustadas, diziam: «Basta! Basta!».

Mas o doutor ordenou: A senhora se levantará amanhã às oito horas; depois irá procurar o seu primo no hotel e rogá-lo a ele que lhe empreste cinco mil francos, que o seu marido pedirá à senhora.

Depois ele a despertou.

De regresso ao hotel, eu pensava naquela curiosa sessão, e assaltavam-me dúvidas, não quanto à absoluta e insuspeita boa fé da minha prima, a quem eu conhecia como uma irmã, desde a infância, mas quanto a uma possível trapaga do doutor. Não dissimularia ele na mão um espelho que mostrava a adormecida, ao mesmo tempo que o seu cartão de visita? Os prestidigitadores profissionais fazem coisas mais singulares até.

Regressei, pois, e deitei-me.

Ora, esta manhã, pelas oito e meia, fui acordado pelo meu camareiro, que me disse:

— E' Mme. Sablé que pede para falar com o senhor, imediatamente.

Vesti-me às pressas e atendi-a.

Ela sentou-se muito perturbada, de olhos baixos, e, sem erguer o véu, me disse:

— Meu caro primo, tenho um grande favor a pedir-lhe.

— Qual, minha prima?

— É-me bastante penoso dizê-lo, e, no entanto, é preciso. Eu tenho necessidade, necessidade absoluta, de cinco mil francos.

— Como, você?

— Sim, eu, ou antes, meu marido, que me encarregou de os conseguir.

Eu estava de tal modo estupefato que balbuciava as minhas respostas. Perguntava a mim mesmo se por acaso ela não estaria zombando de mim com o dr. Parent, e se não seria aquilo uma simples farça organizada de antemão e otimamente representada.

Mas, olhando-a com atenção, todas as minhas dúvidas se dissiparam. Ela tremia de angústia, de tal modo lhe era doloroso aquele passo, e compreendi que tinha a garganta cheia de soluços.

Eu a sabia bastante rica e tornei:

— Como? O seu marido não dispõe de cinco mil francos?! Reflita. Está bem certa de que ele a encarregou de nos pedir?

Ela hesitou alguns segundos, como se fizesse um grande esforço para procurar na sua memória, depois respondeu:

— Sim... sim... Tenho certeza.

— Ele lhe escreveu?

Ela hesitou de novo, refletindo. Adivinhei o trabalho torturante de seu pensamento. Ela não sabia. Sabia apenas que devia pedir-me emprestado cinco mil francos para o marido. Atraveu-se, pois a mentir.

— Sim, escreveu-me.

— Mas quando? Você não me falou de nada ontem.

— Eu recebi a sua carta esta manhã.

Pode mostrar-me?

A PERSONALIDADE da Semana

EROS VOLÚSIA

Eros Volúsia, a estas horas, deve estar de partida para Nova York, se é que ainda não partiu. Que vai ela fazer no país dos lanques? Vai dançar, é claro, mas não vai dançar simplesmente como Eros Volúsia, a dançarina. Vai dançar em caráter oficial, — como a delegada oficial do Brasil ao Congresso Internacional de Música, cujos atos públicos serão celebrados na Metropolitan Opera House, um templo da arte de nobres e magníficas tradições.



Ali já brilharam outras brasileiras, como Bidu Sayão, Violeta Coelho Neto de Freitas, Maria de Sá Earp Vaghl, etc. Agora é a vez de Eros Volúsia. Não se pense que a Metropolitan Opera House é apenas o palácio da ópera. Não. É, também, um templo da dança. Ali se exibem dançarinos clássicos de renome, como Alicia Markhova e Anthony Tudor, Anton Eglevsky, o Ballet Russo de Monte Carlo, etc. Mas também se exibem os grandes bailarinos folclóricos. As "Goyescas", de Argentina, por exemplo, foram ali abrigadas. Portanto, pode Eros Volúsia dançar ali seus frevos e maracatus, recolhidos na própria fonte, na Bahia, em Pernambuco, em outros lugares do Norte, — e isso sem nenhum desdouro.

O trabalho que Eros Volúsia vem fazendo, — o de recolher temas folclóricos, movimentos de dança, singularidades coreográficas, trajes, etc., preparando-os, apurando-os, utilizando-os nos seus ballets, não pode ser avaliado em toda a sua extensão senão daqui a alguns anos. É um trabalho de paciência e de carinhoso interesse, pelas criações artísticas populares, saborosas e pitorescas.

— "Adoro entregar-me a esse trabalho, — diz Eros Volúsia. — Acho que nas danças dos negros, dos índios, dos caboclos brasileiros, há muitos elementos preciosos, que, bem observados, podem ter a melhor utilização.

Ela já esteve, antes, nos Estados Unidos. A data de sua ida não podia ter sido pior escolhida. Os fatos não foram muito camaradas para com Eros Volúsia. Ia filmar uns números de dança num filme da Metro. — era só o que sabia. Em primeiro lugar, não tinha informações sobre a película. Não era um filme de arte. Era uma comédia insulsa com graças disparatadas, de dois palhaços de celuloide, Abbott e Costello. Eles tomavam conta de todo o filme, hipertróficos, avassaladores. Fora deles, apenas um fiozinho de romance idiota, entre Kathryn Grayson e John Carroll, — e tudo como pretexto para as canções desta... No meio de tudo, espremida, Eros Volúsia, com suas danças... Para cúmulo dos cúmulos, ao desembarcar nos Estados Unidos, o momento era de extrema tensão internacional... Dias depois, mal havia estreado com sucesso num "night club" de Los Angeles, os japoneses atacaram Pearl Harbor... Pânico. "Black-out" na costa do Pacífico. Fechamento dos "night clubs" americanos. Em março de 1942, já estava Eros Volúsia de regresso, — e só depois disso ia a situação se normalizando, aos pouquinhos, no campo dos divertimentos públicos, que, afinal, foram considerados essenciais à "moral civil".

Eros Volúsia recebeu, nos Estados Unidos, ampla publicidade. Mais pela sua personalidade que pelo filme, leva páginas inteiras de fotografias de Hart Preston em "Life". E, ainda agora, saiu um grande retrato seu, colorido em "Holiday". Quando estiver em Nova York, delegada oficial do nosso governo no Congresso Internacional de Dança, de certo não lhe faltarão novas oportunidades artísticas. Mas, em face dos arranha-céus, não lhe dará outra vez a nostalgia, a vontade de voltar, a saudade de ouvir cantar outra vez:

"Ói, que beco estreito,

Chegado a espinho,

E' cambinda de brilhante

Que vem no caminho?"

Se não for assim, Eros Volúsia terá deixado de ser ela mesma... Será quem vocês quiserem, menos Eros Volúsia...

MARIETA FRANÇA

O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

CONSELHO

Paula Borboni, atriz do teatro italiano, foi consultada por uma colega muito jovem que estava para casar-se. A moçinha desejava, segundo a tradição, oferecer um presente ao noivo. Tinha se decidido por um relógio de ouro. Queria apenas que a Borboni lhe sugerisse algumas palavras bonitas, que pretendia mandar gravar no relógio.

— O que é que você pretende dizer?
— Eu havia pensado em qualquer coisa assim como "De Tina ao seu Antonio".
— Nada disso, objetou Paula. Comprometer-se desse jeito! Suponhamos que o casamento não dê certo. O melhor é você mandar escrever o seguinte: "De Tina ao seu único e grande amor". Desse jeito, poderá servir para o resto da vida!

FA

Um jornalista perguntou a Marta Abba, "estrêla" do teatro italiano, que por anos e anos representou sob a orientação do grande Pirandello:
— E' sincero o seu entusiasmo pelo teatro de Pirandello?
— Ora, respondeu Marta Abba, eu vivo representando a comédia...

REALISMO

Maria Melato ensaiava uma jovem atriz que deveria estreiar em sua companhia. Era uma moça miudinha, que fazia uma chameleira, devendo entrar em cena com uma caixa de chapéus. Maria Melato deveria recebê-la com esta frase: "E' ridículo! Essa caixa tão grande não passa pela porta!". Nos primeiros ensaios a "estrêla" não se deu por satisfeita com o tamanho da caixa. Queria-a maior. A aspirante a atriz conseguiu arranjar uma outra caixa, bastante grande, mas ainda não satisfazia Maria Melato. Por fim, no quarto ensaio a moça apareceu sem caixa nenhuma.
— Onde está a caixa? perguntou Maria Melato.
— Lá fora. Dessa vez arrumei uma tão grande que não passa nem pela porta do teatro!

FRENTE A FRENTE COM O INIMIGO

George Duhamel, poeta, filósofo, romancista, membro da Academia Francesa de Letras, sustentou durante anos, uma violenta campanha contra o rádio. Por isso mesmo, causou surpresa quando aceitou o posto de membro do Conselho Superior de Transmissão Francesa. Colette sua colega de letras, respondendo a um jornalista teve esta explicação.

— E' tática. Ele agora acabará de uma vez por todas com o rádio...

A ESTRELA

Gabriel D'Annunzio, ainda muito jovem, lia para sua mãe um de seus poemas.
Quando terminou, esta disse-lhe:
— Meu filho, não entendi nada do que pretendias dizer. Mas posso afirmar uma coisa. Enquanto lhas, nos teus versos eu via uma estrêla...

OS DOIS DIDEROTS

Falava-se sobre Diderot em sua presença quando Mademoiselle Lespinasse observou:
— O senhor às vezes me parece um velho de cento e vinte anos e outras vezes um menino de doze...
Todos os presentes concordaram que era esse o melhor retrato que se havia executado do escritor francês.

(Seleção de L. B. especialmente para REVISTA DA SEMANA)

— Não... não... não... ela continha coisas íntimas... muito pessoais... e eu... eu a queimei.
— Então, é que o seu marido andou contraindo dívidas. Ela hesitou ainda, depois murmurou:
— Eu não sei.
Eu declarei subitamente.
— E' que eu não posso dispor de cinco mil francos neste momento, minha cara prima.
Ela soltou uma espécie de grito de dor.
— Oh! oh! eu lhe peço, eu lhe peço, trate de conseguir...
Ela exaltava-se, juntava as mãos como para implorar-me. Eu ouvia a sua voz mudar de tom; chorava e balbuciava, tangida, dominada pela ordem irresistível que recebia.
— Oh! oh! eu lhe peço... eu lhe peço... Se soubesse como eu sofro... Eu preciso hoje mesmo.
Tive piedade dela.
— Vou atendê-la, daqui a pouco, juro-lhe.
Ela exclamou:
— Oh! obrigada! obrigada! Como você é bom!
— Lembra-se do que se passou ontem em sua casa? perguntei.
— Sim.
— Lembra-se de que o dr. Parent a fez dormir?
— Sim.
— Pois bem: ele ordenou a você que viesse pedir-me esta manhã cinco mil francos, e você está obedecendo neste momento à sugestão dele.
Ela refletiu alguns segundos e retrucou:
— Mas como, se é o meu marido que pede o dinheiro! Durante uma hora, tentei convencê-la, mas não pude consegui-lo.

Quando ela partiu, corri ao doutor. Ele ia sair, e escutou-me sorrindo. Depois disse:
— Acredita, agora?
— Sim, que remédio?
— Vamos à casa da sua prima.
Ela dormitava já numa espreguiçadeira, morta de fadiga. O médico tomou-lhe o pulso, olhou-a algum tempo, com a outra mão erguida para os seus olhos, que ela fechou pouco a pouco, sob a insustentável pressão daquela força magnética.

E depois que ela adormeceu:
— O seu marido não tem mais necessidade de cinco mil francos. A senhora esquecerá que os pediu emprestados a seu primo; e, se este lhe falar nisto, a senhora não compreenderá.
Depois ele a despertou. Saquei do bolso uma carteira:
— Eis aqui, minha cara prima, o que você me pediu esta manhã.

Ficou tão surpresa que eu não ousei insistir. Tentei no entanto reavivar-lhe a memória. Negou energicamente, supôs que eu zombava dela, e esteve a ponto de incomodar-se, afinal.

...

Eis o que houve! Acabo de voltar ao hotel, e não pude almoçar, de tal modo essa experiência me impressionou.
19 de julho. — Várias pessoas a quem contei esta aventura, trocaram de mim. Eu não sei mais o que pensar. O sábio limita-se a dizer: Quem sabe...

21 de julho. — Fui jantar em Bougival, depois passei a noite no baile das sociedades náuticas. Sem dúvida nenhuma, tudo depende do local e do ambiente. Crer no sobrenatural na ilha da Grenouillère, seria o cúmulo da loucura... mas no alto do monte Saint-Michel?... mas na Índia? Nós sofremos terrivelmente a influência do que nos cerca. Voltarei para casa na próxima semana.

30 de julho. — Estou na minha casa desde ontem. Tudo bem.

2 de agosto. — Discussões entre os meus criados. Dizem eles que lhes quebram a louça, à noite, nos armários. O camareiro acusa o cozinheiro, que acusa a lavadeira, que acusa os outros dois. Quem o culpado? Ah! quem o diria...

6 de agosto. — Desta vez, eu não estou louco. Eu vi... eu vi... eu vi!... Sinto ainda um calafrio até debaixo das unhas... tenho ainda medo até a medula... eu vi!...

Eu passeava às duas horas, em pleno sol, entre o meu roseiral... na aléa das minhas roseiras de outono, que começam a florir.

Como me detivesse a olhar um géant des batailles, que sustentava três flores magníficas, vi distintamente, bem perto de mim, dobrar-se o hastil de uma das rosas, como se não invisível o torcesse, e depois o vi quebrar-se, como se a mão o tivesse colhido! E logo a flor ergueu-se no ar, seguindo a curva que teria descrito um braço ao levá-la até a boca, e a rosa ficou suspensa na luz transparente, sozinha, imóvel, terrível mancha vermelha a três passos de meus olhos.

Desvairado, lancei-me sobre ela para agarrá-la! Nada encontrei: ela havia desaparecido. Então fui tomado de uma cólera furiosa contra mim mesmo: pois não é lícito a um homem sensato e sério sofrer semelhantes alucinações.

Mas seria mesmo uma alucinação? Voltei-me para ver o hastil, e logo o encontrei no arbusto recém-quebrado, entre as duas outras rosas que ficaram no ramo.

Então, recolhi-me a casa com a alma desvairada, pois estou certo, agora, certo como da sucessão dos dias e das noites, que existe junto a mim um sér invisível, que se alimenta de leite e de água, que pode tocar nas coisas, pegá-las, mudar-lhes o lugar, dotado por conseguinte de uma natureza material, embora imperceptível a nossos sentidos, e que mora, como eu, sob o meu teto...

7 de agosto. — Dormi tranquilo. Ele bebeu a água da minha jarra, mas não perturbou o meu sono.

Indago comigo mesmo se não estarei louco. Passeando, há pouco, ao sol, pela margem do rio, ocorreram-me dú-

vidas quanto à minha razão, não dúvidas vagas como as tivera até agora, mas dúvidas precisas, absolutas. Tenho visto loucos: alguns conheci que permaneciam inteligentes, lúcidos, perspicazes mesmo, no tocante às coisas da vida, salvo num ponto. Falavam de tudo com clareza, com desembaraço, com profundidade, e, de súbito, o seu pensamento, batendo de encontro ao escolho da sua loucura, se estilhaçava, desmantelava-se e sossobrava nesse oceano terrível e furioso, cheio de vagas assanhadas, de nevoeiros, de borrascas, a que se chama «a demência».

Sem dúvida eu me julgaria louco, absolutamente louco, se não estivesse consciente, se não conhecesse perfeitamente o meu estado, se não o sondasse, analisando-o com uma completa lucidez. Quando muito, eu seria, afinal, um alucinado raciocinante. Ter-se-ia produzido em meu cérebro uma perturbação desconhecida, uma dessas perturbações que os fisiologistas tentam hoje registrar e apreciar; e essa perturbação teria determinado no meu espírito, na ordem e na lógica das minhas idéias, uma fenditura profunda. Fenômenos semelhantes acontecem no sonho, que nos passeia através das fantasmagorias mais inverossímeis, sem que fiquemos surpresos, pois que o aparelho verificador, o sentido do controle, está adormecido, ao passo que a faculdade imaginativa vela e trabalha. Não poderá ser que uma das imperceptíveis teclas do instrumento cerebral se ache paralisada em mim? Homens há, que, em consequência disso perdem a memória dos nomes próprios, ou dos verbos, ou dos algarismos, ou apenas das datas. As localizações de todas as parcelas do pensamento estão hoje comprovadas. Ora, não é de espantar que a minha faculdade de controlar a irrealdade de certas alucinações se ache entorpecida em mim neste momento!

Eu pensava em tudo isso enquanto seguia pela margem. O sol cobria de claridade o rio, tornava deliciosa a terra, enchia o meu olhar de amor à vida, às andorinhas, cuja agilidade é uma alegria de meus olhos, às ervas da margem, cujo frêmito é uma felicidade de meus ouvidos.

Pouco a pouco, no entanto, me ia penetrando um mal-estar inexplicável. Uma força, parecia-me, uma força oculta me entorpecia, me paralisava, me impedia de seguir além, me puxava para trás. Eu experimentava essa dolorosa necessidade de voltar que nos oprime quando deixamos em casa um doente amado e nos domina o pressentimento de uma agravação do seu mal.

Voltei, pois, contra a vontade, seguro de que ia encontrar em casa alguma notícia má, uma carta ou telegrama.



SUGESTÕES DE PARIS

Não havia nada; e fiquei mais surpreso e mais inquieto do que se tivesse tido novamente alguma visão fantástica.

8 de agosto. — Passei ontem uma terrível noite. Ele não se manifesta mais, mas eu o sinto perto de mim, espiando-me, olhando-me, penetrando-me, dominando-me, e mais temível, assim oculto, do que se se manifestasse por fenômenos sobrenaturais a sua presença invisível e constante.

Dormi, no entanto.

9 de agosto. — Nada. Mas tenho medo.

10 de agosto. — Nada, acontecerá amanhã?

11 de agosto. — Nada, ainda. Não posso continuar em casa com este receio e este pensamento na alma. Vou partir.

12 de agosto, dez horas da noite. — Todo o dia eu quis ir-me embora; não pude. Quis realizar esse ato de liberdade, tão simples — sair — subir no meu carro para ir a Ruão — não pude. Por que?

13 de agosto. — Quando se é atingido por certas doenças, todas as molas do ser físico parecem quebradas, todas as energias aniquiladas, todos os músculos relaxados, os ossos moles como a carne e a carne líquida como água. É isto o que experimento no meu ser moral, de maneira estranha e desoladora. Não tenho mais nenhuma força, nenhuma coragem, nenhum domínio próprio, nenhum poder de pôr em movimento a minha vontade. Não posso mais querer; mas alguém quer por mim; e eu obedeco.

14 de agosto. — Estou perdido! Alguém possui a minha alma e a governa! Alguém ordena todos os meus atos, todos os meus gestos, todos os meus pensamentos. Eu nada mais sou em mim, nada mais sou que um espectador, escravizado, e aterrorizado de todas as coisas que eu faço. Eu desejo sair. Não posso. Ele não quer; e eu fico, desvalado, trêmulo, na poltrona onde ele me mantém sentado. Eu desejo apenas levantar-me, soerguer-me, a fim de acreditar que ainda sou senhor de mim. Não posso! Estou cravado na minha cadeira; e a minha cadeira adere ao solo, de tal maneira que nenhuma força nos poderia erguer.

Depois, de súbito, é preciso, é preciso, é preciso que eu vá ao fundo de meu jardim colher morangos e comê-los. E eu vou. Eu colho morangos e os como! Oh! meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Existe um Deus? Se um Deus existe, livrai-me, meu Deus! Salvai-me! Acudi-me! Perdão! Piedade! Misericórdia! Salvai-me. Oh! que sofrimento! Que tortura! Que horror!



Para a próxima "saison" aqui estão dois modelos que Paris sugere. A esquerda: Modelo de Jacques Fath em veludo "chiffon" negro. Corpete muito justo, com renda preta completando o busto. Sala drapeada com "basque" armada no lado esquerdo. Luvas de cetim rosa. A direita: Criação de Mad Carpentier em cetim azul claro, com incrustações de renda. Sala muito ampla.

15 de agosto. — Eis, sem dúvida, como estava possuída e dominada a minha pobre prima, quando veio pedir-me cinco mil francos. Ela sofria um querer estranho que nela penetrara, como uma outra alma, parasita e dominadora. Será que o mundo vai acabar?

Mas esse que me governa, quem é ele, esse invisível? Esse irreconhecível? Esse malfetor de uma raça sobrenatural?

Os invisíveis existem, pois! Então, como é que desde a origem do mundo, eles ainda não se haviam manifestado de um modo preciso, como o fazem comigo? Nunca li coisa alguma que se assemelhe ao que se passou na minha casa. Oh! se eu pudesse deixá-la, se eu pudesse ir-me, fugir, e nunca mais voltar! Eu estaria salvo, mas não posso.

16 de agosto. — Pude escapar-me hoje durante duas horas, como um prisioneiro que encontra aberta, por acaso, a porta do seu calabouço. Senti que estava livre de repente e que ele se achava longe. Mandei atrelar às pressas e dirigi-me a Ruão. Oh! que alegria poder dizer a um homem que obedece: «Para Ruão!».

Mandei parar na Biblioteca e tomei emprestado o grande tratado do dr. Hermann Herestauss sobre os habitantes desconhecidos do mundo antigo e moderno.

Depois, no momento de subir ao meu coupé, eu quis dizer: «À estação!» e gritei — eu não disse, eu gritei — com uma voz tão forte que os transeuntes se voltaram: «Para casa!», e caí, aniquilado de angústia, na almofada de meu carro. Ele me havia encontrado e me apanhara de novo.

17 de agosto. — Ah! Que noite! que noite! E no entanto me parece que eu deveria alegrar-me. Até a uma hora da manhã, eu li! Hermann Herestauss, doutor em filosofia e em teogonia, escreveu a história e as manifestações de todos os seres invisíveis que rondam em torno do homem ou são por ele sonhados. Descreve as suas origens, o seu domínio, o seu poder. Mas nem um deles se assemelha a este que me obsede. Dir-se-ia que o homem, desde que pensa, tem pressentido e temido um ser novo, mais forte que ele, seu sucessor neste mundo, e que, sentindo-o próximo, e não podendo prever a natureza desse senhor, criou, no seu terror, todo o povo fantástico dos seres ocultos, fantasmas vagos nascidos do medo.

Tendo, pois, lido até a uma hora da noite, fui sentar-me em seguida junto à janela aberta para refrescar a fronte e o pensamento ao vento calmo da escuridão.

O ar era agradável e morno. Como eu teria amado aquela noite outrora!

Não havia lua. As estrelas tinham no fundo do céu negro um cintilar fremente. Quem habita esses mundos? Que formas, que viventes, que animais, que plantas existem lá? Os que pensam, naqueles universos longínquos, que saberão eles mais do que nós? Que verão eles, que nós não conhecemos? Um deles, um dia ou outro, atravessando o espaço, não aparecerá acaso em nossa terra para a conquistar, como os normandos outrora atravessaram o mar para dominar povos mais fracos?

Somos tão franzinos, tão desarmados, tão ignorantes, tão pequenos, sobre este pouquinho de lama diluída numa gota d'água...

Adormeci, cismando assim, ao vento fresco da noite.

Ora, tendo dormido cerca de quarenta minutos, abri os olhos sem fazer um movimento, despertado por não sei que confusa e bizarra emoção. Nada vi a princípio, depois, de repente, pareceu-me que uma página do livro que ficara aberto sobre a minha mesa, acabava de virar-se sozinha. Nenhuma corrente de ar entrara pela janela. Fiquei surpreso e esperei. Uns quatro minutos depois, eu vi, sim, eu vi com os meus próprios olhos, uma outra página erguer-se e pousar sobre a precedente, como se um dedo a tivesse folheado. A minha cadeira estava vazia, parecia vazia; mas eu compreendi que ele estava ali, assentado no meu lugar, e que lia. Num salto furioso, num salto de fera revoltada, que vai desventrar seu domador, eu atravessei a peça para agarrá-lo, apertá-lo, matá-lo!... Mas a minha cadeira, antes que eu a alcançasse, virou, como se tivesse fugido ante mim... a minha mesa oscilou, a minha lâmpada tombou e apagou-se, e a minha janela fechou-se, como se um malfetor, surpreendido, tivesse escapado e agarrado com ambas as mãos os batentes.

Oh! então ele fugira; ele tivera medo, medo de mim!

Então... então... amanhã... ou depois... um dia qualquer... eu poderei agarrá-lo, esmagá-lo contra o chão! Pois os cães, algumas vezes, não mordem e estrangulam os seus donos?

18 de agosto. — Estive a pensar o dia todo. Oh! sim, eu vou obedecer-lhe, seguir os seus impulsos, cumprir todas as suas vontades, fazer-me humilde, submisso, covarde. Ele é mais forte. Mas há de chegar o dia...

19 de agosto. — Já sei... já sei... já sei tudo! Acabo de ler isto na Revue du Monde Scientifique:

«Chega-nos do Rio de Janeiro uma notícia bastante curiosa. Uma epidemia de loucura, comparável às demências contagiosas que atacaram os povos da Europa na Idade-Média, alastra-se neste momento na província de S. Paulo. Os habitantes desvalados deixam suas casas, desertam as suas aldeias, abandonam as suas plantações, dizendo-se perseguidos, possuídos, governados, como um gado humano, por seres invisíveis, embora tangíveis, espécie de vampiros que se alimentam de suas vidas, durante o sono, e que bebem, além disso, água e leite, sem parecer tocar em nenhum outro alimento.

O sr. professor Pedro Henrique, acompanhado de vários cientistas médicos, partiu para a província de S. Paulo, a fim de estudar no local as origens e as manifestações dessa surpreendente loucura e propor ao Imperador as

(Cont. na pág. 56)



AUTOCONHECIMENTO E FELICIDADE

RESPONDENDO a alguns consulentes que nos interrogaram sobre as possíveis soluções que encontraríamos para certos problemas individuais, sociais e econômicos, achamos melhor transcrever aqui estas palavras de Krishnamurti, que nos parecem haver localizado de uma vez só várias questões fundamentais. Não se trata de "como influenciar pessoas" ou de "como ganhar depressa muito dinheiro", mas sim de entender o homem e a causa profunda de suas desgraças, situando seus problemas de um ponto de vista mais amplo, mais elevado, total.

Krishnamurti: Venho procurando demonstrar que, só dando importância às coisas primárias, poderemos entender e solucionar as questões secundárias. Impossível é resolver os males econômicos, sem lhes compreendermos as causas. Para as entendermos e, deste modo, suscitar uma mudança fundamental, cumpre primeiramente compreender a nós mesmos, pois nós somos a causa desses males. Individualmente e, por conseguinte, em grupo, criamos a luta e a confusão social e econômica. Somos os únicos responsáveis por elas, de modo que somente nós, individualmente ou talvez coletivamente, poderemos trazer ordem e clareza à situação. Para agir coletivamente, devemos principiar pela ação individual; para agir em grupo, é mister compreender e alterar radicalmente as causas existentes em nós próprios, originadoras do conflito e da miséria exteriores. Mediante a legislação podeis alcançar certos resultados benéficos, mas, sem a alteração das causas internas, fundamentais, do conflito e do antagonismo, anular-se-ão tais efeitos e surgirá novamente a confusão; as reformas externas, requererão sempre novas reformas e essa prática conduz à opressão e à violência. Só estabelecendo interiormente a ordem e a paz é que poderemos criar exteriormente um estado de ordem perdurável e a concórdia criadora. Todos, não importa a posição, estamos buscando poder, somos cúpidos, luxuriosos ou violentos. Sem extinguirmos em nosso íntimo, por nós próprios, a cupidez, a luxúria e a violência, a simples reforma exterior pode produzir resultados superficiais, mas serão destruídos por aqueles que estão sempre buscando posição, fama, etc. Para se conseguir a mudança necessária e fundamental no mundo exterior, com suas guerras, competição e tirania, naturalmente deveis começar por vós e transformá-los profundamente. Direis indubitavelmente que, assim, a reforma do mundo requereria muito tempo. E que importância tem isso? Uma revolução rápida, drástica e superficial alterará o estado interior? Pelo sacrifício do presente criar-se-á um futuro feliz? Por meios errôneos conseguiremos fins justos? Isto ainda não foi provado e, não obstante, seguimos esta orientação cega e irrefletida, e daí a destruição e miséria total. A paz e a ordem são alcançáveis apenas por meios pacíficos e ordeiros. O propósito das revoluções econômicas e sociais não é o de libertar o homem, auxiliá-lo a pensar e sentir plenamente, a viver completamente? Mas os que desejam mudança imediata e rápida na ordem econômica e social não criam também um padrão de proceder e pensar, padrão não de "como" pensar, mas "em" que pensar? Assim, frustram os próprios fins e o homem se torna apenas um juguete do ambiente.

Tenho procurado explicar que a ignorância, a malevolência e a luxúria causam aflição e que, a não eliminarmos esses obstáculos, originaremos inevitavelmente o conflito, a confusão e a miséria exteriores. A ignorância — a falta do conhecimento de nós mesmos — é o maior dos males. Impede o correto pensar e dá importância primária às coisas secundárias, e assim a vida se faz vazia, pesada e rotineira. A ela tentamos fugir de vários modos, i.é., devotando-nos a dogmas, à especulação, às convicções ilusórias e a outras coisas mais, o que não é misticismo. Procurando compreender o mundo exterior, chegaremos ao interior e este, corretamente seguido e verdadeiramente compreendido, conduzirá ao Supremo. Essa realização não deriva da fuga e só ela proporcionará paz e ordem universal.

O mundo acha-se num caos porque temos andado em busca de valores errôneos. Havemos dado importância à sensualidade, às coisas materiais e transitorias, à fama ou à imortalidade pessoal, e isto acarreta conflito e sofrimento. O valor verdadeiro encontra-se no pensar exato, e não existe pensar exato sem o autoconhecimento, oriundo da vigilância sobre nós próprios.

CONFIDENTE



DA CRIANÇA NERVOSA À MÃE NERVOSA

CERTAS mães se consideram perfeitas, dignas dos maiores encômios, porque cuidam excessivamente dos filhos; estão sempre alegando os trabalhos extraordinários que lhe dão as crianças, as noites que perderam de sono, os passeios que não fizeram e tudo mais de agradável que se privaram para vigiar e educar os filhos. Estes sentem então, através dos anos, que são devedores eternos e irremissíveis de uma dívida que jamais se paga; todos os atos maus feitos são admitidos como ingratidões proposítas, que a nobre e sofredora mãe recebe como uma cruz dolorosa; enquanto isto, muitos dos filhos guardam um sentimento de culpabilidade indefinível, que se disfarça em melancolia, tédio, falta de iniciativa e outras sensações mais.

Na realidade a situação é bem outra: os culpas exagerados são quase sempre prestados por mães exageradas que emprestam a tudo na vida, e não apenas à educação dos filhos, um clima de tragédia e dramaticidade de acordo com as explosões dos seus sentimentos. Uma atenção exagerada em torno de uma criança lhe é muito mais nociva que benéfica. Exemplifiquemos: se se trata de um bebê que a mãe a todo momento e a qualquer pretexto leva ao colo, embala, assusta-se com as pequenas quedas e elimina o choro satisfazendo todas as vontades da criança, é natural que este petiz se torne irritadiço, manhoso, difícil de ser acomodado e exigindo constantemente um desvelo dispensável se as condições em que fôsse criado tivessem sido outras.

Deixemos, porém, de lado a atitude da criança que na maioria das vezes é uma consequência fatal de mimos exagerados e consideremos a situação da mãe que a mimou. Ela atribui ao filho a angústia e a preocupação que sente a seu respeito, mas se examinar as outras relações da sua vida e com outras pessoas, tais como o marido, as criadas, os parentes, verá que todos os seus atos levam este mesmo grau de intensidade emotiva; é claro que sendo o amor maternal o mais forte dos sentimentos receberá ele a dose mais concentrada da sensibilidade, mas isto não quer dizer que se a criança, ou a sua educação que exija tamanho dispêndio de forças. O desequilíbrio emocional do adulto é o responsável direto pela situação de intranquilidade que se cria em torno da criança. O adulto transfere para a criança suas preocupações, sua angústia, suas desilusões, e aborrecimentos; por contágio e influência desta hipersensibilidade os filhos passam a exibir emoções supervalorizadas em contraste com a imaturidade das suas funções psíquicas.

A mãe nervosa engendra mais pela imitação que biologicamente filhos nervosos; os sobressaltos, a crise de nervos, a angústia, o mal estar moral, criam um clima pernicioso à formação do caráter da criança. Se seu filho é, pois, uma criança nervosa, examine-se, minha senhora, recorra a um médico experimentado ou um psicoterapeuta; procure resolver seus problemas íntimos para que eles não se reflitam sobre a personalidade dos seus filhos. A solução dos seus conflitos dará também a solução da conduta infantil; se eliminar a amargura da sua existência fará que seus filhos aprendam a alegria de viver. Se enfrentar o seu problema vital e tentar um dia resolvê-lo, dará também, sejam quais forem as circunstâncias, um exemplo vivo de que a vida, apesar de tudo, vale a pena ser vivida.

Esta é a indicação mais sincera que poderei dar às mães que se afligem cotidianamente com os filhos, que se queixam e se amarguram, que se lamentam e se desesperam com os defeitos naturais da idade de seus petizes, que se julgam eternamente sacrificadas porque fazem da maternidade uma corça de lágrimas e espinhos, quando deveriam encará-la como uma belíssima pastoral ou uma sinfonia heróica.

ZOIA DE LAET

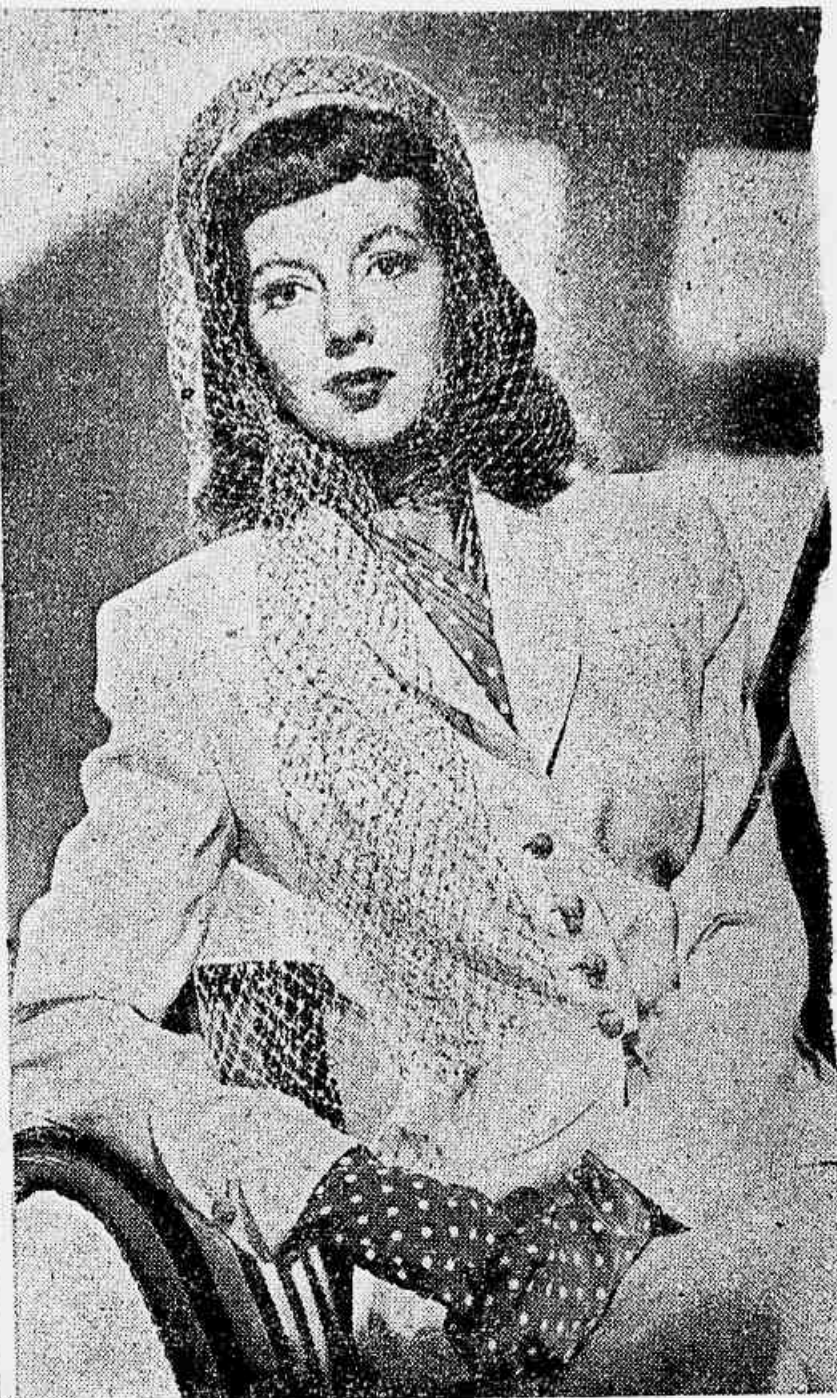


SEREIAS

Novos tipos de "maillot" são apresentados por Jane Greer, Suzi Crandall e Gloria Grahame, da RKO, e muitíssimo bem apresentados!... O de Jane Greer é um "duas-peças" em jersey branco com peixes pintados em cores vivas. O de Miss Crandall é um interessante modelo em duas cores, azul-marinho e branco, e finalmente o de Gloria Grahame é um audacioso "duas-peças" em cetim preto e branco.



Ao alto
uma l
seguir
chapé
"taille
para
cor de



Apresentamos nesta página três variadas sugestões de Hollywood para vocês. Ao alto, à esquerda: Jacqueline White com um lindo chapéu em castor cinza, é uma interessante versão do clássico chapéu de colegial. A direita, Evelyn Keyes; seguindo este conjunto de luvas é "écharpe" em roxo com "pastiles" brancas, chapéu em feltro lilaz com véu de seda do mesmo tom, para ser usado com um "tailleur" de lá branca. Em baixo, a elegantíssima Ann Sheridan num vestido para noite em "moiré" negro, no ombro esquerdo grande laço do mesmo tecido cor de cereja.

MODELOS



POUCOS são os homens que não apreciam uma sobremesa gostosa. Em geral eles são mesmo mais gulosos do que nós, as mulheres; mesmo porque sempre temos receio de engordar... Quanto às crianças, nem se fala; é raríssima aquela que não pede "bis" à sobremesa. O doce é sempre esperado com ansiedade e, muitas vezes a comida salgada é engulida somente visando o que em depois. Cabe, então, à você, fazer com que não falte em sua mesa uma sobremesa gostosa que atinja a todos. Existem sobremesas saborosas e que no entanto não são dispendiosas e também não tomam muito tempo. Você, mesmo trabalhando, em casa ou fora dela, terá tempo, si quiser, de preparar sempre doces gostosos. Experimente, si ainda não o fez, e garanto que tomará gosto. Estas são de fácil execução e não muito caras.



COMPOTA DE BANANAS

Ingredientes: Açúcar quanto baste; bananas prata; cravos da Índia.

Preparação: Descascam-se as bananas, cortam-se em rodela da grossura de um centímetro, ou deixam-se inteiras. Põe-se o açúcar numa cacarola, juntam-se-lhe água em quantidade necessária para fazer uma calda rala e leva-se ao fogo. Quando começar a ferver, põem-se as bananas dentro, diminui-se o fogo e deixam-se cozinhar lentamente até ficarem bem passadas na calda. Alguns minutos antes de se retirar do fogo, juntam-se-lhes alguns cravos.



COCADINHAS BRANCAS

Ingredientes: 2 côcos ralados; 1 kilo de açúcar.

Preparação: Dissolve-se o açúcar em um pouco de água e leva-se ao fogo para fazer uma calda em ponto de fio. Em seguida retira-se e juntam-se-lhe os côcos ralados. Mistura-se tudo, mexe-se até começar a açúcarar e pinga-se numa pedra de mármore.



CREME DE LEITE

Ingredientes: 200 grs. de açúcar; 1/2 garrafa de leite; 1 colher, das de sopa, de maizena; 1 colher, das de chá, de manteiga; 3 gemas.

Preparação: Põe-se o açúcar no fogo numa cacarola com a metade do leite e a manteiga. Quando começar a ferver retira-se, deixa-se esfriar um pouco e acrescentam-se as gemas e a maizena diluída no leite restante. Mistura-se muito bem e leva-se novamente ao fogo, deixando-se ferver durante três minutos. Depois, retira-se e deixa-se esfriar.



CREME DE LARANJA

Ingredientes: 12 colheres, das de sopa, de açúcar; 1 copo de caldo de laranjas; 12 ovos.

Preparação: Bate-se muito bem os ovos com o açúcar e em seguida junta-se-lhes o caldo da laranja. Mistura-se muito bem com uma colher de pau, põe-se numa fôrma barrada com caramelo e cozinha-se em banho-Maria no fogo.



OS HOMENS PREFEREM AS LOIRAS

Se você é morena, ganhe nova personalidade, aplicando BLONDINE aos seus cabelos. Se já é loira, realce os seus encantos com BLONDINE.

Única que dá aos cabelos a cor de ouro. Evite os produtos químicos que exigem, descolorando.

Atendem-se pedidos pelo Rembolsa Postal

Blondine

Distribuidores no RIO:
RAMOS SOBRINHO & CIA. M. CABRAL & CIA. LTDA.
R. da Quitanda, 99. PERFUMARIA LOPES
Em São Paulo
GODOFREDO PESSOA & CIA. LTDA.



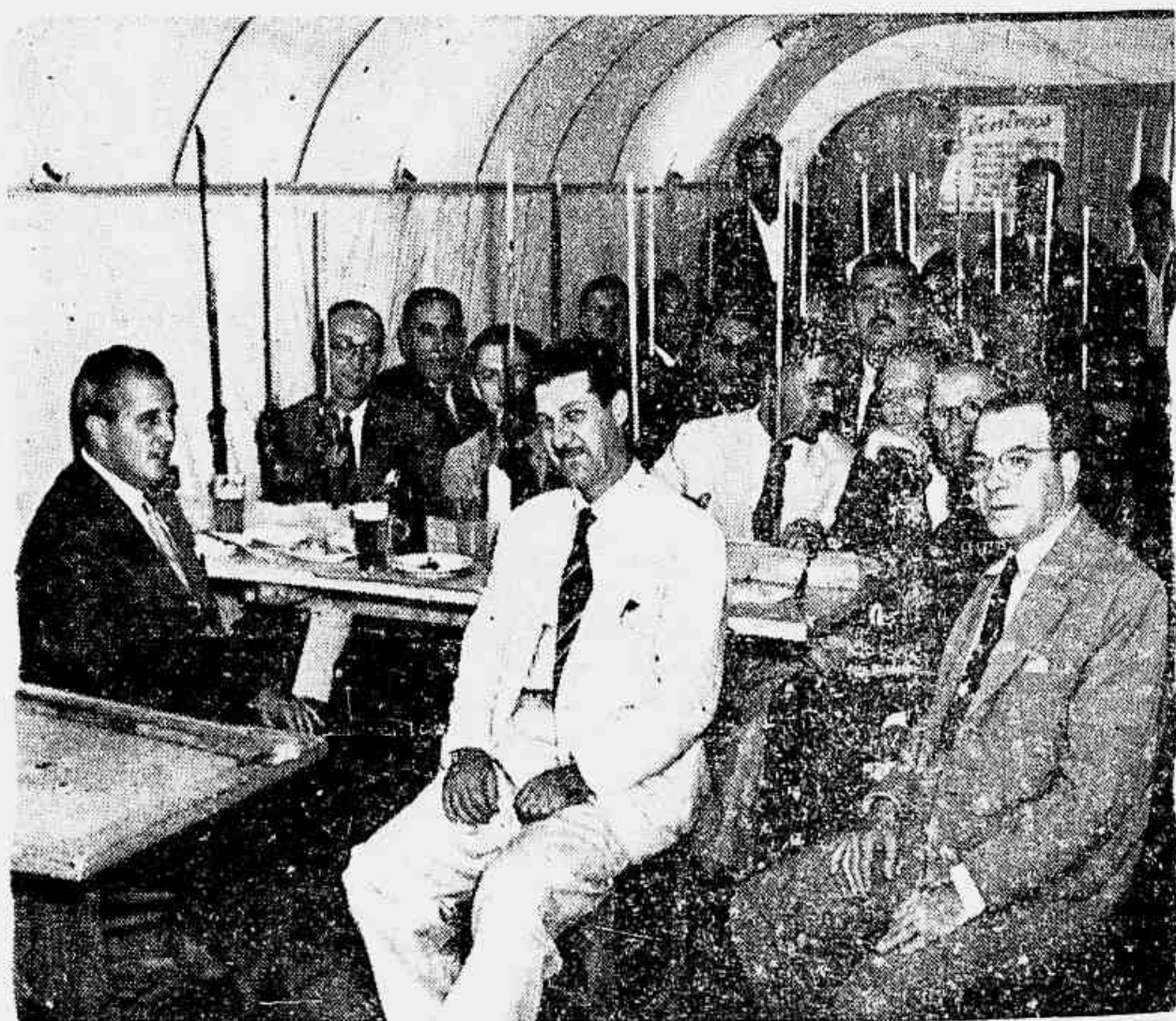
A VENDA EM TODAS AS DROGARIAS, FARMÁCIAS E PERFUMARIAS

COLAÇÃO DE GRAU



Terminou recentemente o curso de cirurgia-dentista, feito com notas distintas na Faculdade Nacional de Odontologia, a Senhora Nadir Moraes Motra, filha do nosso companheiro Wladimir Motra e sua esposa Dr. Almerinda Alves Motra. É de Nadir o retrato que reproduzimos acima.

D'O RIO GRANDE DO SUL



O Sr. Otavio Sajebin, elemento destacado nos meios publicitários de Porto Alegre, acaba de receber muitas homenagens por ter completado, em 23 de março próximo findo, 25 anos de bons serviços ao "Correio do Povo" e à "Folha da Tarde" da capital gaúcha.

O flagrante que temos o prazer de estampar nesta oportunidade, mostra o Sr. Otavio Sajebin, o do centro, entre diretores e funcionários dos dois referidos jornais sul-riograndenses.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECCÕES
DO COURO CABELUDO

A pedra do vigia

(Cont. da pág. 15)

mente a apreciar a operação de «arrastar». Toda a população da aldeia corria à praia para ajudar a «engastar» o arrastão. Metade ficava numa extremidade, metade na outra. Ao som de vozes de «eah! oah!», iam arrastando o precioso pescado que iria constituir o seu sustento por semanas ou meses, e proporcionar-lhes o dinheiro necessário à aquisição de outras utilidades.

Florianio deliciava-se com esse espetáculo, lá de seu posto, bafando o inseparável cachimbo. O que mais o divertia era, entretanto, a garotada furando a rede, por baixo d'água, para furtar o pescado. Furtar não é bem o termo, pois, de acordo com as regras estabelecidas pelos pescadores, o pescado que sai do arrastão não lhes pertence, não importando que esse pescado saia espontaneamente ou «manualmente». A visão dos garotos «furando» o arrastão lembrava-lhe a infância e fazia-o chupar com mais força o cachimbo, soltando bafadas mais prolongadas. Muitos anos tinham se passado desde então. Pouco a pouco foi crescendo na estima dos companheiros, até se tornar uma espécie de chefe, um chefe tribal, com bastante autoridade sobre aquela gente que via nele o homem que lhe proporcionava o ganha-pão diário.

Um dos rapazes mais afoitos e valentes da colônia era Belmirão, um verdadeiro atleta, chegado de pouco à aldeia e com pretensões a conquistar os corações de todas as moças. Entre Florianio e Belmirão nasceu logo uma forte amizade, proveniente da admiração que ambos se devotavam mutuamente. Florianio admirava em Belmirão a força muscular, a agilidade, a perfeição física. Belmirão admirava em Florianio a alma, a ponderação e o conhecimento das coisas do mar e da vida.

Quando a amizade se estreitou mais, aconteceu o inevitável: convites para almoçar, para «passar o domingo», para festas e para passeios. Florianio chegou mesmo a prometer que o próximo filho que a nova mulher lhe desse seria batizado por Belmirão. Este alegou que não merecia tamanha distinção. Que Florianio e a mulher estavam dando muita importância a um João-ninguém. Que isso, que aquilo. Mas o casal fez pé firme. Tinha que ser Belmirão o padrinho, senão tomavam a recusa por desfeita.

Um dia Florianio deixou de ocupar o seu posto. Os madrugadores que perambulavam pela praia como é hábito de pescador, ficaram surpresos por verem a Pedra do Vigia sem seu complemento. A surpresa foi geral quando perceberam que Florianio não se encontrava na aldeia. Procura daqui. Procura acolá. Nada. O sol já estava alto quando ele se aproximou de casa, completamente embriagado, gritando pela mulher e dando safunhões no filho.

Essas cenas se repetiram muitas outras vezes, fazendo o antigo conceito de Florianio ficar reduzido a zero. Quando lhe perguntavam o motivo daquela transformação, limitava-se a responder com grandes gestos evasivos. Só não lhe tiraram o posto de vigia porque não havia outro para substituí-lo. Mesmo embriagado, Florianio conhecia mais do que ninguém os movimentos do mar, as modificações atmosféricas e a qualidade do pescado que iam tomar.

O que ninguém imaginava, porém, era a extensão do drama que Florianio vivia. Pela sua longa experiência no trato com mulheres, já desde o tempo de marinha, percebeu que a mulher, a boa Rita de outrora, enganava-o. Não sabia com quem, mas que ela o enganava não havia dúvida. Rita não era mais a mesma mulher na cama. Rita não vinha mais acariciá-lo nas noites de luar em que se estendia na rede para fumar o cachimbo. Rita não mais lhe preparava quitutes

gostosos. Afinal, para que serve uma mulher? Se não serve para a cama, não serve para nada. Se não nos faz carinhos, se não nos faz quitutes, não é propriamente «grossa» mulher.

Em vez de revoltar-se contra a mulher, bater-lhe, machucar-lhe as carnes ainda moças para que ela sentisse mais uma vez a força do macho, Florianio foi apesado de uma estranha melancolia. E para curar a melancolia só havia uma coisa a fazer: embriagar-se.

Certa madrugada os pescadores despertaram pressurosos ao som de um apito «alerta». Aquê apito pertencia ao antigo Florianio, ao Florianio que não bebia, que adivinhava o peixe a algumas milhas de distância. Não era a hora própria para arrastar, mas o velho devia saber o que estava fazendo. Afinal de contas, ele ainda mandava um bocadinho.

Aprestaram-se ao ouvir o novo apito de «preparar». A aldeia, desperta, se movimentou como nos velhos tempos, em que o pescado era farto. As canoas foram empinadas, o arrastão arrumado, os dormentes estendidos e lubrificados. Mas qual não foi a surpresa de todos, ao notarem que na Pedra do Vigia não havia ninguém. Em todos os olhares nasceu uma interpretação: De todas as bocas saíram exclamações de espanto. Em breve nasceu o pânico. Alguns chegaram mesmo a pensar que fosse uma brincadeira de mau gosto da parte de Florianio. Embriagado e fora de si, ele procuraria divertir-se à custa dos companheiros.

De repente ouviram os apitos que significavam «em ação». Todos voltaram os rostos para a direção do som: era a casa de Florianio. Num só movimento toda aquela gente correu a verificar do que se tratava. Ao chegarem à porta da palhoça do vigia os que iam à frente estacaram determinando um movimento de sanfona dos demais. Os baixos procurando olhar por cima dos ombros dos altos e as crianças passando por baixo das pernas dos adultos.

Sobre a cama do casal estava Rita por baixo de Belmirão. Florianio tinha a faca de pescador encostada nas costas do atlético rapaz, travando-lhe qualquer movimento. A vista dos companheiros, Florianio limitou-se a dizer, soturnamente:

— Eu só queria que vocês vissem.

E afastou-se murmurando palavras incompreensíveis, nunca mais aparecendo na colônia.

A VIDA DE MARY B. EDDY

(Cont. da pág. 14)

físicos como os econômicos. A má saúde e a bolsa vazia são males de que nos devemos envergonhar e desembaraçar. A consecução da segurança econômica por meios honestos, insistia ela, era não só permitida, mas desejável, para a manutenção da vida feliz.

De maneira que não encontrava inconveniente em praticar, e em animar os seus discípulos a praticar, o ensino dos princípios da Ciência Cristã mediante pagamento estipulado. Em companhia de seu terceiro marido, Asa G. Eddy, mudou-se para Boston (em 1882) e abriu a Escola Metafísica de Massachusetts para o adestramento de profissionais na nova ciência religiosa de bem-estar físico e espiritual. Como livro de texto, serviu-se do manual da nova doutrina, que publicara recentemente — *Ciência e Saúde*.

A escola teve êxito desde o princípio. Pois havia algo de maravilhoso na personalidade dessa mulherzinha de sessenta anos que trouxe ao mundo as águas duma nova fonte. A fonte da moidade perene. O próprio nome da nova religião era fascinante — *Ciência Cristã*. Lembra os milagres da religião e os princípios da razão. «A Ciência Cristã é o sistema científico de cura divina» — o único sistema certo de cura, dizia Mrs. Eddy.



EVOLUÇÃO CRESCENTE!

De Orestes Barbosa para cá, chegamos quase à perfeição na feitura das letras de sambas, marchas, valsas e canções. O espírito renovador passou a predominar nos arraisais do Nice, surrindo composições belíssimas, dignas de figurarem ao lado dos poemas de um Olegário Mariano ou de um soneto de Guilherme de Almeida. E' que o critério de seleção arraigou-se no meio dos que fazem música para o povo, purificando-se o linguajar dos compositores populares. Daí, não mais observar-se — a não ser em raríssimas exceções — o abuso da gíria e a predominância dos convites à malandragem, tão comuns na primeira arrancada radiofônica.

A música popular brasileira, nos dias que correm, conta com regular parcela de seletas composições. E, em geral, a maioria baseia-se em fatos nacionais, como no caso dos sambas de Ari Barroso, Alcir Pires Vermelho, Herivelto Martins e tantos outros. São números que entusiasma o mais exigente cidadão, levando-se em conta a beleza de seus versos e o sentido que os mesmos exploram... Não fossem as divergências existentes em torno da arrecadação do direito autorial, criadas pelo desequilíbrio de alguns, a música popular brasileira teria avançado mais no terreno internacional, colocando-se em pé de igualdade com a música portenha e mexicana.

Mas, se ligeiro atraso impede a completa emancipação internacional de nossos compositores populares, nem por isso eles deixam de alcançar a simpatia do povo brasileiro para tudo quanto de apreciável lancam no mercado musical, inclusive as versões de tangos, boleros e outras mercearias made in U. S. A.

A. MIGUEIS

MARIDO MALUCO

Chôro de Gadé. — Gravação de Isaura e Garça.

Dona Julia,
Meu marido,
Me abraçou,
Me beijou,
Quando eu dei de mão
Uma vassoura ele correu
Eu cerio que o velho enloqueceu
Ou embora
Nesta casa
Meu marido
É uma brasa
A senhora arranje outra empregada
Com maluco na cozinha
Eu não posso fazer nada.

Bem à flor da terra,
à flor das águas
dangavam flores
rasgavam o azul do céu
aves de mil côrs...
Eu bem sei que não serás capaz d
acreditar o que eu vi ali,
Onde o sol descansa...
Onde a vida é calma como o entardecer
Mas seria bom se o mundo inteiro fosse
como o doce vale do Rio Doce
é é é
é é é
é... Vale do Rio Doce.

WHAT'S NEW?

Fox de Johnny Burke e Bob Haggart
do filme "Night Unto Night".

What's new?
How is the world treating you?
You haven't changed a bit;
Lovely as ever, I must admit.
What's new?
How did the romance come through?
We haven't met since then.
Gee! but it's nice to see you again.
What's new?
Probably I'm bering you,
But seeing you is grand.
And you were sweet to offer your hand.
I understand adieu.
Pardon my asking what's new?
Of cours you couldn't know,
I haven't changed.
I still love you so!

VALE DO RIO DOCE

(Samba)

Alcir Pires Vermelho e David Nasser.
— Gravação de Déo.

Por trás daquelas nuvens cor de chumbo
fontes do céu por sobre os montes
Há uma planície extensa cortada pelos
rios
que levam em suas águas os horizontes

Côro:

é é é...
é é é...
é... Vale do Rio Doce
Eu bem sei que não serás capaz
de te contar o que vi ali,
atrás da serra...
Eu bem sei que não s rás capaz
de acreditar o que eu vi ali,
naquela serra...
No chão de ferro, havia ouro nos campos
e nos

SI QUERES SABER

Samba de Peterpan. — Gravação de
Emilinha Borba.

Se queres saber
Se eu te amo ainda
Procura entender
A minha mágoa infinda
Olha bem nos meus olhos
Quando eu falo contigo
E vê quanta coisa
Eles dizem que eu não digo.
O olhar de quem diz
O que o coração não quer
Nunca mais eu serei feliz
Enquanto vida eu tiver.

NÃO DORME BEM?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MUSCULOS
VIDA DO CORPO

BROTOEJAS, FRIEIRAS, SUORES

USE



**ANTISÉTICO
CICATRIZANTE
DESODORIZANTE**

MALES DO FÍGADO?
FIGACOL
TRATAMENTO
RÁPIDO - SEGURO - EFICAZ
NÃO SOFRA DO FÍGADO!
TOME
FIGACOL
UMA ESPECIALIDADE COM A
GARANTIA DOS PRODUTORES
DA FAMOSA
EMAGRINA
ADQUIRA NAS FARMACIAS E
DROGARIAS OU PELO SER-
VIÇO DE REEMBOLSO
CAIXA POSTAL, 2335 — RIO

**AOS ASSINANTES
E DISTRIBUIDORES
DESTA REVISTA**
Rogamos indiquem sempre
com as suas remessas de di-
nheiro, nome e endereço cer-
tos o que as mesmas se des-
tinam

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
**Queda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Dr. José de Albuquerque
Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 93 — Rio de Janeiro

porque era o único método baseado na lei científica da verdade. E essa lei da verdade, asseverava Mrs. Eddy, consistia na realidade espiritual, em oposição à realidade física, do mundo. O homem possui dois grupos de sentidos — os sentidos físicos da vista, ouvido, gosto, olfato e tato, que nos dão imagens falsas da vida, e o sentido metafísico do espírito, que nos proporciona a verdadeira essência da vida. Os nossos sentidos físicos podem unicamente reconhecer objetos exteriores. Por exemplo, podemos ver o céu, palpar uma mesa, cheirar uma rosa, e assim por diante. Mas esses sentidos físicos não podem perceber as emoções interiores. Não podemos ver a esperança, palpar a alegria, ou cheirar o amor... Só lhes sabemos da existência por meio do nosso sentido metafísico, ou espiritual.

Ora, paralelamente aos nossos dois grupos de sentidos — declarava Mary Baker Eddy — há duas espécies de ciências: a ciência física, baseada em nossos sentidos físicos, e a ciência metafísica, baseada no nosso sentido metafísico.

Então se apresenta uma questão óbvia e relevante. Qual dessas duas espécies de ciências está baseada nos fatos, e qual está fundada sobre o erro? A essa pergunta Mrs. Eddy dá uma resposta incisiva. A única ciência verdadeira é a ciência metafísica. O mundo material é uma miragem transitória; o mundo espiritual é uma realidade eterna. Essa realidade eterna se manifesta à nossa consciência — afirma Mrs. Eddy — não por intermédio do olho, do ouvido, da mão, da boca, ou de qualquer outro órgão físico, mas só por intermédio da mente. Os sentidos físicos só entram em contacto com a matéria destrutível. O sentido metafísico se acha em presença do espírito indestrutível. "Não há vida, verdade, inteligência, nem substância na matéria. Tudo é Espírito infinito e sua infinita manifestação, pois Deus é Tudo-em-tudo. O espírito é a Verdade imortal; a matéria é erro mortal. O espírito é o real e eterno; a matéria é o irreal e temporal. O espírito é Deus, e o homem é a Sua imagem e semelhança. Portanto, o homem não é material; é espiritual".

A esta essência espiritual do homem — a sua porção divina e portanto a única real — sobrepuja inteiramente o corpo material. Consideremos um instante esses dois eus: o material e o espiritual, que — de acordo com os ensinamentos da Ciência Cristã — formam a personalidade de toda criatura humana.

O eu material ou "falso". É a parte comum, cotidiana de cada um de nós. Possui certos atributos exteriores — tais como tamanho, cor, forma, movimento, irritabilidade, expressão, e a desvantagem da transformação e decadência físicas. É uma espécie de patético prisioneiro, limitado pelo corpo e sujeito ao meio — um bruto impotente, nascido do pó e destinado a voltar em breve ao pó.

O eu espiritual ou "verdadeiro". É a parte mais íntima, universal de cada um de nós. Existe na consciência, na aspiração, no intelecto. Não está encerrada em dimensões físicas, nem sujeita a limitações materiais. O âmbito de sua atividade é infinito. Pode abarcar o universo com um único pensamento e alcançar em um instante as regiões mais afastadas no tempo e no espaço. São atributos desse eu espiritual a radiação, a alegria, a liberdade, o poder, o amor. Nada tem de prisioneiro, de obreiro lento e canhestro que elabora penosamente coisas unicamente para velas destruídas. Esse eu real não está sujeito à destruição, nem ao pecado, à enfermidade ou à morte. Pois é parte essencial e imperecível do Eterno Espírito da Vida.

É esse Espírito da Vida que domina a nossa existência, declara Mrs. Eddy. Entreguemo-nos a ele, e apagará todos os erros e terrores do corpo, seus ódios, invejas, enfermidades, desarmonias e guerras. Quanto mais nos detemos na potência do espírito, menos nítida se torna a ilusão da matéria. (Os físicos modernos, é interessante notar, parecem perder para essa concepção metafísica

enunciada por Mrs. Eddy. Na sua procura da realidade, julgaram necessário refinar progressivamente a matéria, a ponto de agora a considerarem consistente principalmente de vácuo dentro do qual... giram cargas elétricas a grande velocidade". Assim a "substância material" parece estar a dissolver-se numa força imaterial).

A Ciência Cristã, pois, ensina a supremacia do espírito sobre a matéria, da mente sobre o corpo. Tal supremacia é uma "verdade estabelecida", com fundamento na "lei de Deus, a lei do bem, que interpreta e demonstra o princípio divino da harmonia universal", Harmonia no indivíduo, levando à saúde perfeita; e harmonia na sociedade, conduzindo ao perfeito amor. "Chegará o dia (oxalá não tarde) em que todos os que ainda não despertaram da inércia da vida material terão essa alegria... sentirão o amor e a bondade transformá-los e ao meio circundante numa beleza e paz desconhecidas anteriormente... Então se esquecerá que jamais tenham sido sonhadas enfermidades, desamparo, indiferença; que jamais se tenham imaginado coisas como a pobreza, a fadiga, a decepção". Pois nesse dia se reconhecerá no mundo inteiro que não existe a morte, mas apenas um abandono de roupas velhas e inúteis. Nesse dia se reconhecerá que só o espírito é triunfador — o espírito universal que "cria uma existência toda de beleza, bondade, amizade, e que desdobra essa existência numa variedade infinita de forma, cor e ação — eternamente".

IV

Essa, em resumo, a doutrina que Mrs. Eddy ensinava aos discípulos. Muitos deles faziam questão de continuar a ser não apenas seus discípulos, mas seus escravos dedicados. Chamavam-lhe Mãe cultivavam-lhe o jardim, cortavam-lhe a grama, remendavam-lhe a roupa, preparavam-lhe a comida, copiavam-lhe os manuscritos, liam-lhe as provas. E a única recompensa que pediam era a certeza de que ela estava contente. "Nós e não tu, é que ficamos em dívida por serviços prestados. Pois nós te concedemos apenas alguns momentos de lazer, mas tu nos deste uma vida nova". Um dia o eminente filósofo Bronson Alcott veio visitar a Escola Metafísica. Encontrou um jovem, chamado George Barry, a arrumar a mobília da sala. Mr. Alcott entabulou conversa com ele. O moço demonstrou fina inteligência e imaginação poética. "Quer-me dizer a sua idade?" pediu o filósofo.

— Tenho cinco anos, senhor. — E, em resposta à expressão perplexa de Alcott, prosseguiu: — Faz cinco anos que conheci Mrs. Eddy.

Tão poderosa era a magia da sua personalidade que até os que rompiam com Mrs. Eddy não podiam deixar de adorá-la. Um dos seus primeiros alunos, Daniel H. Spofford, envolvera-se num processo contra ela. Sem embargo, no meio das suas expressões de azedume, Spofford observou que Mrs. Eddy havia "trazido à minha existência a mais luminosa verdade". Outra aluna, Mrs. Augusta Stetson, foi excomungada da Igreja da Ciência Cristã por investigação — afirmavam alguns — da própria Mrs. Eddy. "Aceito alegremente esta crucificação às mãos de meus superiores", declarou. "É apenas um degrau a mais na minha ascensão ao nível messiânico da nossa mestra".

Realmente, os seus adeptos tinham chegado a ver nela um moderno Cristo. Rodeavam-na em adoração, ofereciam-lhe enormes quantias para a perpetuação da "Mother Church". Essa igreja foi a princípio uma instituição pequena e desprezível, incorporada para a "realização das transações necessárias ao culto divino". Mas a instituição cresceu com rapidez espantosa, tanto em tamanho como em influência. A 30 de dezembro de 1894, foi consagrado um novo edifício para a "Mother Church" no "centro cultural" de Boston. No "Santo dos Santos" do novo Templo construíra-se um recanto para a fundadora e orientadora da "religião da saúde perfeita". A lajeira desse aposento, expli-



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómeis nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as famosas Pilulas Maratú, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como técnico nervino no tratamento da estesia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As Pilulas Maratú são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos gentios brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma ligeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda, uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratú é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA

em São Paulo:
Tratar com

IARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º AND. SALA 217
FONE — 6-8718

Senhoras!
Se o
Natureza Falha
MENAGOL
REGULAR

Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a "Aconteceu naquela noite" lembra-se da cena da estrada, em que Claudette Colbert, depois de tentar fazer parar os carros que passavam, usando várias maneiras, só o conseguiu, quando mostrou suas pernas. Eis aí uma prova do quanto podem pernas bonitas e perfeitas... A beleza das pernas da mulher tem, porém, um grande inimigo: as varizes. Para debelar esse mal, entretanto, existe Hemo-Virtus. Com o uso desse poderoso medicamento vegetal as pernas ficam livres das terríveis varizes. Hemo-Virtus, tomado na dose de três colheres ao dia, restitui às pernas o seu estado normal e a perfeição estética. Siga as instruções contidas na bula. Para tratamento completo, use Hemo-Virtus em líquido e em pomada ao mesmo tempo. Não encontrando nas farmácias, escreva para o D.positivo, Caixa Postal 1374 São Paulo.

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de molestias tem como responsável a prisão de ventre ou constipação intestinal. As indigestões, flatulências, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pilulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e des congestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pilulas Aloicas não são acompanhadas de dores ardor ou má-estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pilulas Aloicas. Elas nunca falham por antiga ou rebelde que seja a sua molestia.

A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis. Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

cava o gula aos visitantes emudecidos, "é de ônix puro... o tapete é feito da penugem de cem edredões... o lavatório... foi construído pelo último modelo, com canos de ouro chapeado... as janelas pintadas inspiraram-se no poema da Mãe: *Cristo e o Natal*".

Mas nem essa magnificência contentou os adeptos de Mrs. Eddy. Estavam ansiosos por construir um monumento de esplendor ainda maior, como prova de adoração à sua líder. De modo que, no verão de 1902, começaram a reunir um fundo de dois milhões de dólares — fundo que foi rapidamente coberto — e quatro anos depois "O nível Templo de Bedford erguia a sua cúpula a uma altura de duzentos e vinte e quatro pés, um pé mais que o Monumento de Bunker Hill".

Os repórteres contemporâneos rivalizavam uns com os outros na exuberância das descrições desse templo, "o edifício sacro mais imponente do mundo" — com as suas sete escadarias de mármore e bronze, as setenta e duas lâmpadas de bronze, suspensa cada uma de oito correntes, a "abóbada sem pilares nem colunas, semelhante à taça invertida do firmamento", o vasto órgão, as alfombras ricas, a milha e meia de assentos.

A inauguração atraiu "não menos de quarenta mil visitantes" de todas as regiões do país. A fim de acomodar a multidão, realizaram-se seis cerimônias diferentes num único dia. Em cada uma dessas cerimônias, milhares de vozes plenos cantaram o hino de consagração composto pela própria Mrs. Eddy:

Pastor, ensina-me a galgar
A ingreme ladeira,
A colher, a semear
A apascentar o teu rebanho;
Escutarei a tua voz,
Para que não se extraiam os
[meus passos;
Seguirei com regozijo
O áspero caminho...

Mas nessas cerimônias de inauguração da Igreja Mãe, faltava alguém. Era Mãe Eddy, agora com oitenta e cinco anos. Estava muito debilitada para assistir pessoalmente ao maior triunfo da sua vida.

Muito velha para assistir a cerimônias públicas, mas não para continuar a sua obra inspirada. Sob sua constante e

HORLA

(Cont. da pág. 56)

grande atenção. Bem sabia que ele viria rondar em torno de mim, bem perto, tão perto que eu poderia talvez tocá-lo, agarrá-lo... E então!... então, eu teria a força dos desesperados: eu teria as minhas mãos, os meus joelhos, o meu peito, a minha fronte, os meus dentes, para estrangulá-lo, mordê-lo, esfaqueá-lo.

E eu o espiava com todos os meus órgãos superexcitados.

Tinha acendido as minhas duas lâmpadas e as oito velas da minha lareira, como se pudesse, naquela claridade, descobri-lo.

Defronte a mim, o meu leito, um velho leito de carvalho com colunas; à direita, a lareira; à esquerda, a porta cuidadosamente fechada, depois de a ter deixado por muito tempo aberta, a fim de o atrair; atrás de mim, um alto armário de espelho, que me servia todos os dias para barbear-me, vestir-me, e onde eu tinha o hábito de olhar-me, da cabeça aos pés, de cada vez que passava pela sua frente.

"juvenil" orientação, os discípulos organizaram uma ativa companhia editora e cinco periódicos da Ciência Cristã — o *Journal*, o *Quarterly*, o *Sentinel*, o *Herald*, e o *Monitor*. Esta última publicação — considerada até nos círculos céticos como um dos jornais mais notáveis — viu a luz pela primeira vez quando Mrs. Eddy já entrara nos oitenta e oito anos.

— Esta mulher, — observavam os seus discípulos, — é imortal.

— Ou está morta, — contrapunham os adversários. Com efeito, com cava a circular o rumor de que Mrs. Eddy morrera, e de que era unicamente a sua memória, encarnada numa personalidade mítica, que estimulava os renovados esforços de seus adeptos. Em breve esse rumor assumiu uma feição mais perversa. "Mrs. Eddy", dizia-se, "não está morta, mas alienada. De outro modo não seria subtraída tão cuidadosamente aos olhos do público".

O boato se tornou tão insistente que por fim o diretor de um dos jornais decidiu investigá-lo. Mandou um repórter pedir-lhe uma entrevista — provocou um tanto cruel para uma fatigada anciã de oitenta e oito anos. Mrs. Eddy recebeu o repórter, assegurou-lhe achar-se perfeitamente sã e tranquila, e concluiu a entrevista com as seguintes palavras: "Tudo o que peço ao mundo é tempo, tempo de me assimilar a D. us. De bom grado acolheria em meu coração o mundo inteiro, se fosse possível; mas não posso pedir aos meus amigos senão que desviem os olhos da minha pessoa e os fixem na verdade".

Mas o povo continuava a persegui-la com as tolas exigências da presença dela. Era preciso que a divindade viesse receber em pessoa a cota diária de orações — e de súbitas. A insânia popular terminou por obrigá-la a tomar de uma pena mordaz. "Já que Mrs. Eddy é vigiada como se vigia um criminoso ou um doente, ela pede licença para dizer em seu próprio interesse que não é nem uma coisa nem outra". Portanto, passava a aconselhar a todos e cada um que "fizessem o favor de procurar ter calma e resignar-se ao escandaloso fato de que Mrs. Eddy está tratando da sua vida, e recomenda esse privilégio surpreendente a todos os seus queridos amigos e inimigos".

De então em diante, Mrs. Eddy foi misericordiosamente deixada em paz. Parou-se para uma tranquila "assimilação a Deus", dando ocasionalmente uma volta de carro em redor do Reservatório do belo subúrbio bostoniano de Chestnut Hill, e esperando pacientemente — "não o fim, mas o princípio da vida". E esse "princípio da vida", como ela dizia tão esperançosamente, chegou durante o seu nonagésimo ano — em uma noite de dezembro de 1910.

"Do mundo fictício dos sentidos para o mundo real do espírito".

Eu fingia, pois, estar escrevendo, para enganar-lo, pois ele também me espiava; e, de súbito, senti, tive a certeza de que ele lia por cima do meu ombro, de que ele estava ali, roçando a minha orelha.

Ergui-me, com as mãos estendidas, virando-me tão depressa que quase caí. Mas que?!... Enxergava-se como em pleno dia, e eu não me vi no espelho. Ele estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! A minha imagem não estava lá dentro... e eu me achava ali defronte! Eu via de alto a baixo o grande vidro limpo. E olhava para aquilo com uma olhos desvalrados; e não ousava mais avançar, não ousava mais fazer um movimento, ciente no entanto de que ele ali estava, mas que me escaparia ainda, ele cujo corpo imperceptível havia devorado o meu reflexo.

Como tive medo! Depois, eis que de súbito comeci a avistar-me em um nevoeiro, no fundo do espelho, em um nevoeiro como através de uma toalha d'água; e me parecia que aquela água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando mais precisa a minha imagem, de segundo em segundo.

(Conclui no próximo número)

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a 2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Applique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME
Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Números atrasados desta

Revista no Paró

Pedir o

Albano H. Martins & C.^ª

Travessa Campos Sales, 58

REFLEXO



O Conselho da Política de Aviação do Congresso dos Estados Unidos nomeou para o seu conselho consultivo o professor Clark B. Millikan, aerodinamicista do Instituto de Tecnologia da Califórnia; o professor William R. Sears, diretor da Escola de Engenharia Aeronáutica da Universidade de Cornell; e o almirante Luis de Florez, da Florez Engineering Company. Os três vão realizar um estudo detalhado sobre pesquisas e desenvolvimento.

O candidato republicano à presidência dos Estados Unidos Harold E. Stassen ficou tão bem impressionado pelo uso de aviões de aluguel em sua presente campanha que continuará a utilizá-los. Este é o primeiro candidato presidencial a fazer uso de aeroplanos como parte integrante de uma campanha nacional se bem que outros candidatos e vários presidentes se tenham servido frequentemente de aviões.

Segundo a opinião de James L. Anast, chefe do ramo de voo automático da All-Weather Flying Division, do Comando do Material Aéreo dos Estados Unidos, dentro dos próximos anos os controladores de voo manuais estarão fora de moda. Declarou ele na reunião anual do Instituto de Ciências Aeronáuticas em Nova York que nos próximos poucos anos o uso do controlador automático de avião vai demonstrar sua superioridade em face do controlador manual pelo aumento de suas margens de segurança e por possibilitar a operação de aviões em condições de voo cego.

Numa reunião em Londres em preparação para uma conferência internacional projetada para ali por volta de 16 de abril, vão ser discutidos planos para coordenar ajustes internacionais para a segurança aérea no mar. A conferência fará uma revisão e porá em dia a convenção sobre segurança aérea no mar, que já conta 19 anos.

Estão sendo feitas pesquisas na Universidade de Illinois, relacionadas com a mistura de combustível nos motores a jato, patrocinadas pela Diretoria de Pesquisas Navais. Especificamente, o projeto tem por fim a mistura de correntes líquidas com correntes de gás e de correntes de gás com correntes da mesma espécie.

Um carregamento aéreo recorde de 2.900 libras (aproximadamente 1.315 quilos) de soro contra o cólera suíno foi transportado recentemente para o Brasil pela Pan American Airways. Remetido de Kansas City, Missouri, o soro está sendo empregado por funcionários da Secretaria de Agricultura de Porto Alegre para debelar a epidemia animal.

Os fabricantes de aviões dos Estados Unidos venderam, em 1947, 16.023 aparelhos de uso pessoal por 53.206.000 dólares — metade do que venderam em 1946. As exportações do ano passado, todavia, num total de 1.669 aparelhos, foram de 30% maiores do que em 1946. O maior comprador foi a Argentina, com um total de 385 aviões. O Canadá foi o segundo, com um total de 264.

Uma recente demonstração convenceu as autoridades do Peru de que os helicópteros são a forma ideal de transporte a pequena distância em áreas de montanhas escarpadas, e desse modo resolveram encomendar vários desses "moinhos de vento volantes" nos Estados Unidos.

Quadros de futebol das Universidades de Havana e do México foram transportados por via aérea a São Petersburgo, na Flórida pelo Clipper da Pan American World Airways, afim de jogarem ali as primeiras partidas de futebol já disputadas nos Estados Unidos por dois colégios estrangeiros.

Dentro de breves dias partirá do Rio de Janeiro com destino ao interior de S. Paulo uma delegação da Divisão Aerodesportiva do DAC com o fim de processar exames de pilotos em diversos aeroclubes naquele Estado e em Minas Gerais, entre os quais os de: Ribeirão Preto, Jaboticabal, Uberaba, Birigui, Lavras e outros mais.

Três galões de suco de laranja gelado (cerca de 11 litros e meio), um presente dos plantadores do Vale do Rio Grande do Texas, foram enviados por via aérea à princesa Elizabeth e ao duque Philipp em Londres, por intermédio da Pan American World Airways.

O ano passado, 870 pessoas obtiveram licenças de piloto na Argentina e as horas de voo civil atingiram o total de 69.000, o dobro do total de 1946. Por outro lado, foram expedidas licenças de pilotos planadores a 101 entusiastas em 1947.

(Noticiário compilado por E. DE OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)

HORLA

(Cont. da pág. 49)

medidas que lhe parecerem mais próprias para fazer voltar à razão essas populações em delírio.

Ah! Ah! agora me lembro, agora me lembro: o belo três-mastros brasileiro que passou pelas minhas janelas, remontando o Sena, a 8 de maio último! Eu o achei tão lindo, tão branco, tão alegre! O Sêr estava ali, vindo de lá, de onde sua raça nascera! E ele me viu! Ele viu a minha casa branca também; e saltou do navio para a margem. Oh! meu Deus!

Agora, eu sei, eu pressinto. O reinado do homem está findo.

Ele veio, Aquê! que despertava os primeiros terrores dos povos primitivos, Aquê! a quem exorcizavam os sacerdotes inquietos, a quem os feiticeiros evocavam nas noites escuras, a quem os pressentimentos dos senhores efêmeros do mundo emprestaram todas as formas monstruosas ou graciosas dos gnomos, dos espíritos, dos gênios, das fadas, dos duendes. Após as grosseiras concepções do medo primitivo, homens mais perspicazes o pressentiram com mais clareza. Mesmer o adivinhara, e os médicos, há uns dez anos, descobriram, de modo preciso, a natureza de seu poder, antes que ele próprio o exercesse. Eles brincaram com essa arma do novo Senhor, o domínio de uma misteriosa vontade sobre a alma humana escravizada. Chamaram a isso magnetismo, hipnotismo, sugestão... que sei eu? Eu os vi divertirem-se, como crianças imprudentes, com esse horrível poder! Ai de nós! Ai do homem! Ele veio, o... o... como se chama ele... parece-me que ele me grita o seu nome, e eu não o entendo... o... o... ele grita... Eu escuto... eu não posso... repete, repete... o... Horla... Eu ouvi... o Horla... é ele... o Horla... ele veio!...

Ah! o abutre devorou o pombo; o lobo devorou o cordeiro; o leão devorou o búfalo de cornos agudos; o homem matou o leão com a flecha, com a espada, com a pólvora; mas o Horla vai fazer do homem o que nós fizemos do cavalo e do boi: a sua coisa, o seu servo e o seu alimento, tão somente pelo poder da sua vontade. Ai de nós!

No entanto, o animal, algumas vezes, se revolta e mata aquele que o domou... eu também quero... eu poderei... mas é preciso conhecê-lo, tocar-lhe, vê-lo! Dizem os sábios que a vista do animal diferente da nossa, não distingue como o nosso órgão visual... e a minha vista não pode distinguir esse recém-chegado que me oprime.

Por que? Oh! lembro-me agora das palavras do monje do monte de Saint-Michel: «Será que nós vemos a centésima-milésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraiza as árvores, soergue o mar em montanhas d'água, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugir — o senhor o viu? Pode vê-lo? E no entanto ele existe!».

E eu pensava ainda mais: a minha vista é tão fraca, tão imperfeita, que não distingue nem mesmo os corpos sólidos, quando estes são transparentes como o vidro!... Basta que um espelho sem ago barre o nosso caminho, e a nossa vista nos lança contra ele, como o pássaro que entra numa sala e fere a cabeça contra as vidraças. Mil coisas, aliás, a enganam e desmorteiam. Não é de espantar, pois, que ela não saiba perceber um novo corpo que a luz atravessa.

Um novo sêr! Por que não? Ele deveria vir certamente! Por que seríamos nós os derradeiros? Nós não os distinguimos, como não o pudermos distinguir todos os outros seres criados antes de nós. E' que a sua natureza é mais perfeita, seu corpo mais fino e mais acabado que o nosso, tão fraco, tão inabitualmente concebido, atulhado de órgãos sempre fatigados, sempre forçados como aparelhos muito complexos, corpo que vive como uma planta e como um animal, nutrido-se penosamente de ar, de verdura e de carne, máquina animal sujeita às doenças, às deformações, às putrefações, ofegante, mal regulada, elementar e bizarra, engenhosamente malfesta, obra grosseira e delicada, esboço de sêr que poderia tornar-se inteligente e soberbo.

Não passamos de alguns, tão poucos sobre este mundo, desde a ostra até o homem. Por que não mais um, uma vez cumprido o período que separa o sucessivo aparecimento das diversas espécies?

Por que não mais um? Por que não também outras árvores de flores imensas, fulgurantes e perfumando regiões inteiras? Por que não outros elementos além do fogo, do ar, da terra e da água? — São quatro, nada mais que quatro, essas nutrizas dos seres! Que miséria! Por que não são quarenta, quatrocentos, quatro mil?! Como tudo é pobre, mesquinho, miserável! Avaramente dado, secamente inventado, pesadamente feito! Ah! o elefante, o hipopótamo, que graça! O camelo, que elegância!

Mas, direis e a borboleta então? Uma flor que voa! Eu sonho uma que seria grande como cem universos, com asas de que não posso nem mesmo experimentar a forma, a beleza, a cor e o movimento. Mas eu a vejo... ela vai de estrela a estrela, refrescando-as e balsamizando-as ao frêmito harmonioso e leve de seu vôo!... E os povos das Alturas a olham passar, extáticos e encantados!

Mas que tenho? E' ele, o Horla, que me habita, que me faz pensar estas loucuras! Ele está em mim, ele se torna a minha alma; eu o matarei!

19 de agosto. — Eu o matarei. Eu o vi! Ontem à noite sentei-me à minha mesa e fingi estar escrevendo com

(Cont. na pág. 56)

O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um Regulador só que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

MAIS UMA OBRA DE EUGENE O'NEILL NO...

(Cont. da pág. 20)

escolhidos Raymond Massey, Michael Redgrave, Leo Glenn e Kirk Douglas, e outros, em conjunto artístico que, pelas amostras fotográficas, parece bem adequado aos papéis que cada um deles vai representar.

O estudo da trilogia grega «Orestes», de Eschylo, base da série de dramas psicológicos de Eugene O'Neill, deve ser grandemente proveitoso aos espectadores futuros desse filme, a fim de que eles possam avaliar bem qual foi a intervenção de Eugene O'Neill e quais as diferenças entre sua obra e o texto grego. Raras vezes o cinema americano nos terá enviado um filme tão provocativo, tão cheio de apelos à inteligência do espectador, do que «Conflito de Paixões» ou «Mourning Becomes Electra», — que Dudley Nichols ousou produzir e dirigir e em que se espelha o gênio trágico da antiguidade, — o de Eschylo, — e o gênio dramático contemporâneo, — o de Eugene O'Neill.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

A MULHER DE MIKE

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVIS-
TA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao
King Features Syndicate.

História de
BENEDICT e NANCY FREEDMAN
Desenhos de **JOHN CROSMAN**



— Calce as meias de lã, — recomendou a mamãe.



Comi os doces e chorei mais um pouquinho...



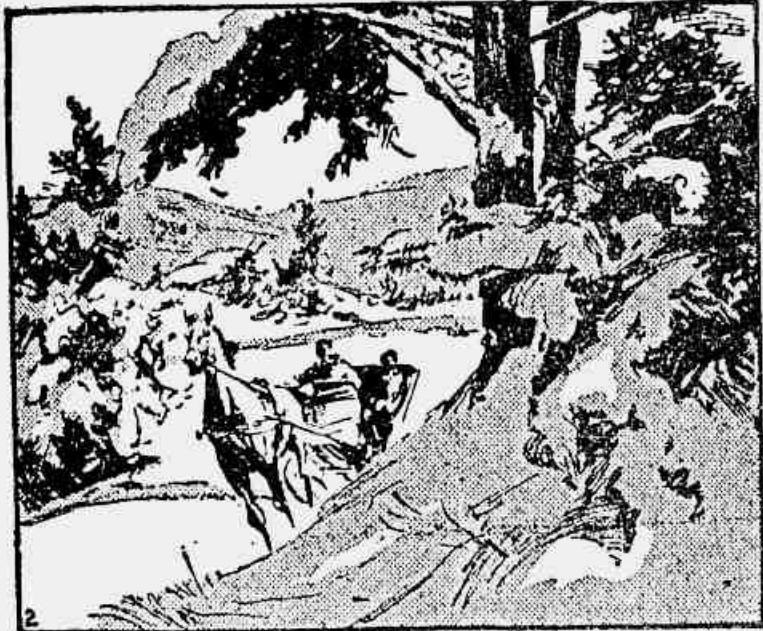
— Espero que seja o tio John!

O pior inverno dos últimos cinquenta anos, disseram-me os velhos escocês. Eu só podia responder por dezesseis anos, mas era o pior que já vira e sentia-me desejosa de aceitar a palavra dele pelos outros trinta e quatro. No flanco norte do trem as janelas estavam cobertas de neve, e para o sul grandes nuvens de neve eram atiradas longe por uma ventania de cem quilômetros. A neve fronteira interrompera a marcha do trem. Saíramos de Montreal no dia 5 de março de 1907, dezolito dias antes. Eu ia para Calgary, em Alberta, para ficar com o meu tio John. Por causa da pleuris fora obrigada a deixar nosso lar de Boston... Na estação, mamãe chorara muito. — Minha filha, aí para o norte há muita neve agora — ela me avisara. — Nunca se esqueça de calçar as meias de lã. E quando estiver ventando nunca deixe de pôr o chape.

Escrevi meu nome na janela. Katherine Mary O'Fallon, e fiz um buraco para olhar para fora. Nada por enquanto além de neve. Lembrei-me de casa e comeci a chorar. Não podia parar, e por isso abri os doces de mamãe, que estava guardando para qualquer emergência. Comi os doces e chorei mais um pouquinho, porque eles eram dos que eu mais gostava... de chocolate. No último dia de viagem me chamaram cedo, mas eu já estava acordada. Penteei Juno, meu cachorrinho, e depois levei minhas roupas para o reservado das senhoras. A sala estava cheíssima, mas sempre consegui me arrumar e amarrar um enorme laçarote azul no cabelo. Era pela fita que o tio John me reconheceria. O trem começou a diminuir a marcha... Eu sabia que estávamos em Calgary. Tio John...

tentei ligar o nome à figura. Alto e moreno, de rosto magro, mamãe dissera. E se ele não estivesse me esperando? Que faria? E se ele não ficasse satisfeito com a minha companhia? Se não gostasse de mim? O trem estava quase parado. Peguei Juno e o meti na cesta. Que diria ao tio? Conversaríamos sobre que? Levei a mão ao laçarote; ainda estava no lugar. Mas talvez o tio não tivesse recebido a carta de mamãe sobre o laço...

Dez minutos depois eu estava na plataforma e um homenzarrão moreno e magro com os olhos iguaizinhos aos de mamãe estava sorrindo e dizendo: — Katherine Mary? — E foi ali mesmo que eu me agarrei com ele e o beijei muito. Depois olhei de novo para ele: — Espero que seja o meu tio John — disse...



Parecíamos voar no trenó...



A terra mágica... o Norte!



— Santo Deus! Será que está morto?

— Ele mesmo. Sou o seu tio John. — E o homem moreno me olhou com atenção. — Parecidinha com a mãe. — O tio John trazia um casaco de peles para mim. Vesti-o por cima do meu e gostei muito. Subi no trenó; titio me cobriu com u'a manta de búfalo e partimos. Parecia que estávamos voando. A neve subia por todos os lados e o vento soprava cada vez mais forte. — E' muito longe o rancho, titio? — perguntei. — Dois dias. — E' claro que fizemos paradas no caminho. Uma vez paramos para falar com a sra. Neilson, viúva bonita e tristonha, que estava de volta a Nova York. Quando ela segurou-me as mãos, as suas estavam como gelo. — E' um lugar terrível — disse-me. — Os homens enfrentam-no. Gostam de lutar, mas as mulheres... — e a voz dela sumiu. Mais tarde o

tio John me contou como o marido dela se perdera no trajeto da casa para o celeiro, e como fora depois encontrado, morto.

Na noite em que chegamos ao rancho de titio, soprava um vento seco e mórno... e na manhã seguinte era Primavera. No começo eu passei muito e vi de tudo. A terra aos poucos ficou limpa, rasgada aqui e ali por lâminas de relva. Juno e eu assistimos ao degelo no rio do Gamo Vermelho. De cima de um morro olhei o panorama e meu coração bateu mais depressa... aquela terra mágica... aquilo era o Norte. Por essa época eu já conhecia todos os dez ajudantes do rancho... isto é, todos menos Johnny. Ele estava fora novamente, disseram-me, «come-morando» a guerra dos Boers. Tio John ficou furioso,

mas, como Johnny, aparentemente, era o melhor cozinheiro do Noroeste, ele nada podia fazer... Seja como for, o fato é que eles tinham feito juntos a guerra, segundo eu soube. E embora brigassem muito, o tio John nunca o deixaria ir-se embora. Procurei cozinhar para os rapazes e alguns dias depois estava sozinha em casa, preparando sete tortas de amoras. Alguém deu um pontapé na porta da frente. — Quem é? — gritei. A única resposta foi outro pontapé. Fiquei sem saber o que fazer. — Quem é? — tornei a perguntar. — Abra essa porta... senão eu o largo aqui mesmo! — Meu primeiro pensamento foi que o tio John fora ferido. Abri a porta. Entrou um rapaz alto com uma túnica vermelha. Trazia um homem nas costas. — Santo Deus! — gritei. — Será que ele está morto?



— Kimberley! — arquejou Johnny.



Mildred e eu saímos a passear...



— Mike é muito presunçoso, — declarei.

O rapaz fardado tinha divisas de sargento. Respondeu-me com uma risada e largou o fardo no divã. — Cheire-o — disse para mim. Odeiei. O cheiro me fez lembrar de John L. Sullivan, o pugilista, que costumava passar dias conosco, em Boston. Só que aquele era Johnny Flaherty, o cozinheiro desaparecido. — Ele precisa de café bem forte — disse o sargento. — E' melhor que o prepare de uma vez. — Dei-lhe as costas. — Não recebo ordens de soldados ingleses — respondi. Ele fez uma careta para mim. — Ah, sua danadinha... veja bem se tem tamanho para insultar a farda...

— Bem, quem é você?

— Sargento Mike Flannigan, Montada do Noroeste. — Com isso ele agarrou Johnny e lhe meteu a cabeça em

baixo da bomba d'água. Deu bombadas e Johnny estrebucou. — Qual das batalhas da guerra dos Boers você estava celebrando? — perguntou Mike. Johnny tossiu: — Kimberley. A gloriosa batalha de Kimberley. — Mike quase afogou Johnny, mas finalmente conseguiu melhorá-lo um pouco. Então eu lhe dei café. — Que Deus a abençoe por toda a eternidade — disse Johnny. — E' um anjo, palavra, um anjo que veio morar conosco...

Quando o tio John voltou para casa houve uma briga terrível, mas no fim todos estavam contentes com a volta do cozinheiro. O sargento Mike ficou na cozinha, sentado ao meu lado, e rimos bastante com o pessoal...

Depois disso, passei muitos dias sem ver o sargento Mike Flannigan. Em meus pensamentos, porém, eu o via

chegar sangrando de um tiro no ombro, em busca dos meus cuidados. Um dia... em meus pensamentos... eu o estava ajudando a andar quando apareceu uma mocinha. — Meu nome é Mildred McDonald — disse ela. — Você é muito bonitinha. Sabe montar? — Foi assim mesmo. Ela era a única outra moça branca nas redondezas. Ficamos muito amigas e naquele mesmo dia fomos passear a cavalo. Depois sentamo-nos na relva e ela me falou em Dick Carlton, o advogado com quem se ia casar. Não sei o que houve com as minhas perguntas, mas o fato é que Mildred me perguntou se eu estava amando e senti meu rosto queimar. Mas quando se falou no sargento Flannigan, procurei aparentar desinteresse. E disse a Mildred: — Na realidade, não vejo grande coisa em Mike Flannigan. Acho-o até, entre outras coisas, muito presunçoso...

A MULHER DE MIKE

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas

Tradução de JORGE A. FORTES, especialmente para REVISTA DA SEMANA



— Desmonte, já, — comandou Mike.



Sorriu de tal modo que nada pude dizer.



— Estávamos apenas... hum... apanhando maçãs.

Mildred não acreditou no que eu disse. E fui forçada a confessar que gostava dos olhos dele. — Olha, Mildred, os olhos dele são tão azuis que a gente quase é capaz de mergulhar neles... — De outra feita, eu e Mildred estávamos sós na cozinha e resolvemos fazer tortas de maçã... doze tortas. Encontrei uma caixa de maçãs desidratadas, cerca de doze quilos, e pus tudo a cozinhar numa tina. Mildred perguntou se não eram maçãs de mais. — Não se esqueça — respondi — de que tenho doze homens para alimentar. — Depois levei Mildred até em casa, enquanto as maçãs ferviam, e na volta encontrei o sargento Mike. Ele chegou perto de mim e eu sorri o sorriso que estava treinando há muito tempo. — Desmonte, já — ordenou-me. Lancei-lhe um olhar que, eu esperava, fosse de gelo; depois meti as esporas em Rosie

e saí a galope. Ele alcançou Rosie e tirou-me de cima dela. Flquei zangada. — Mike Flannigan, não admito que me detenha em caminho e que me tire de cima de cavalos. Senão vou dizer a tio John...

— Katherine Mary, — disse ele, — você é a pequena mais difícil de se ajudar deste mundo. — Então mostrou-me que a cilha estava frouxa, pois era costume de Rosie estofar o estômago sempre que alguém a fosse selar. E quando ela tentou fazer a mesma coisa com ele, recebeu uma violenta palmada nas costas que a forçou a expelir o ar e Mike apertou ao máximo a cilha... E eu já estava pronta para brigar quando ele sorriu com tanta simpatia que nada pude dizer. Um minuto depois consegui falar; disse que o dia estava lindo... e logo saltei para o lombo de Rosie, que partiu como uma doida. Mike não poderia

mesmo me alcançar, pois ainda precisava amarrar o cavalo, que se afastara um tanto. E além disso, não tive tempo de explicar que as maçãs estavam no lago... Pulei do animal e as maçãs estavam me esperando na porta. Fervura é um fato... o soalho estava coberto. Mike chegou, tirou o casaco e começou a trabalhar. Enchemos várias vasilhas e uma tina com as ex-maçãs secas, agora estofadíssimas, e depois rimos um bocadinho. Mike foi apanhar a última maçã, que escorregou da sua mão e veio aos meus pés. Abaixei-me para apanhá-la. No momento em que ele fez o mesmo. Cabeça com cabeça e calmos os dois no chão... Rimos tanto que não pudemos nos levantar e pouco depois demos com os pés e as pernas de tio John, que disse friamente: — Tenham a bondade de se levantar. — E Mike explicou muito sem jeito: — Estávamos apenas... hum... apanhando maçãs...



Então eu pude beber direito...



Encontramos uma colônia de castores.



Eu não sabia que beijos faziam aquilo...

Tio John não fez a menor referência às maçãs até a hora do jantar, quando explicou a Johnny que no «seu» tempo se apanhava maçã em macieiras e não no soalho. Dias depois Mike estava de volta. Tinha um presente para mim... umas pesadas calças compridas de lã. — Mas são de homem! — disse eu. — Vista-as — respondeu ele. — Não vou levá-la a passeio com isso — e apontou para o meu vestido azul. Vadeamos um rio e avançamos para as montanhas. Mike ia na frente. — Está com sede? — perguntou-me em certo ponto. Eu disse que sim e ele se deitou de bruços numa pedra e bebeu água nas mãos em concha. Tentei imitá-lo, mas a água fugiu por entre meus dedos. — Creio que você tem mesmo que mergulhar o rosto — disse ele. — Mas meu cabelo vai ficar molhado!

— Ele então puxou minha cabeleira para trás, enquanto eu bebia. Levantei-me depois, rindo e tirando a água dos olhos. Mike abriu as mãos vagarosamente, espalhando os cabelos pelos meus ombros. — São vermelhos, não é? — Não, senhor... são acaju — e girei a cabeça para que ele pudesse ver o brilho da minha cabeleira. Ele se virou. — Vamos. — Segui-o de novo pela verdade. Ele achava meu cabelo bonito, isso eu tinha certeza. E por que não dissera nada? Logo depois ele segurou-me a mão. — Daqui em diante precisamos ir com cuidado. Acompanhe-me sem fazer barulho. — E encontramos uma colônia de castores. Um deles estava consertando um defeito na barragem, carregando pedras e pequenos troncos. — Parece um homenzinho! — E Mike me explicou que era assim

mesmo que os índios os chamavam: os homenzinhos. Ficamos observando em silêncio. De repente Mike se ergueu, com expressão zangada, por alguma coisa do rio. E subiu o rio. Uma castora-mãe estava no ar, presa numa armadilha, e um falcão a atacava. Ela estava bastante machucada. Mike foi obrigado a matá-la. E eu não pude mais parar de chorar. — Não são felizes os que usam este tipo de arapuca, felizmente — disse-me ele. — Ora, Kathy! — Procurei sorrir e levantei o rosto para mostrar o sorriso a Mike. Eu não sabia que ele estava tão perto... Meu rosto estava banhado em lágrimas, mas assim mesmo Mike me beijou. E eu... Era uma coisa que eu ainda não sabia, que com beijos desapareciam as tristezas...



Eu nem podia tomar fôlego!



O «Touro» esperou, balançando os punhos...

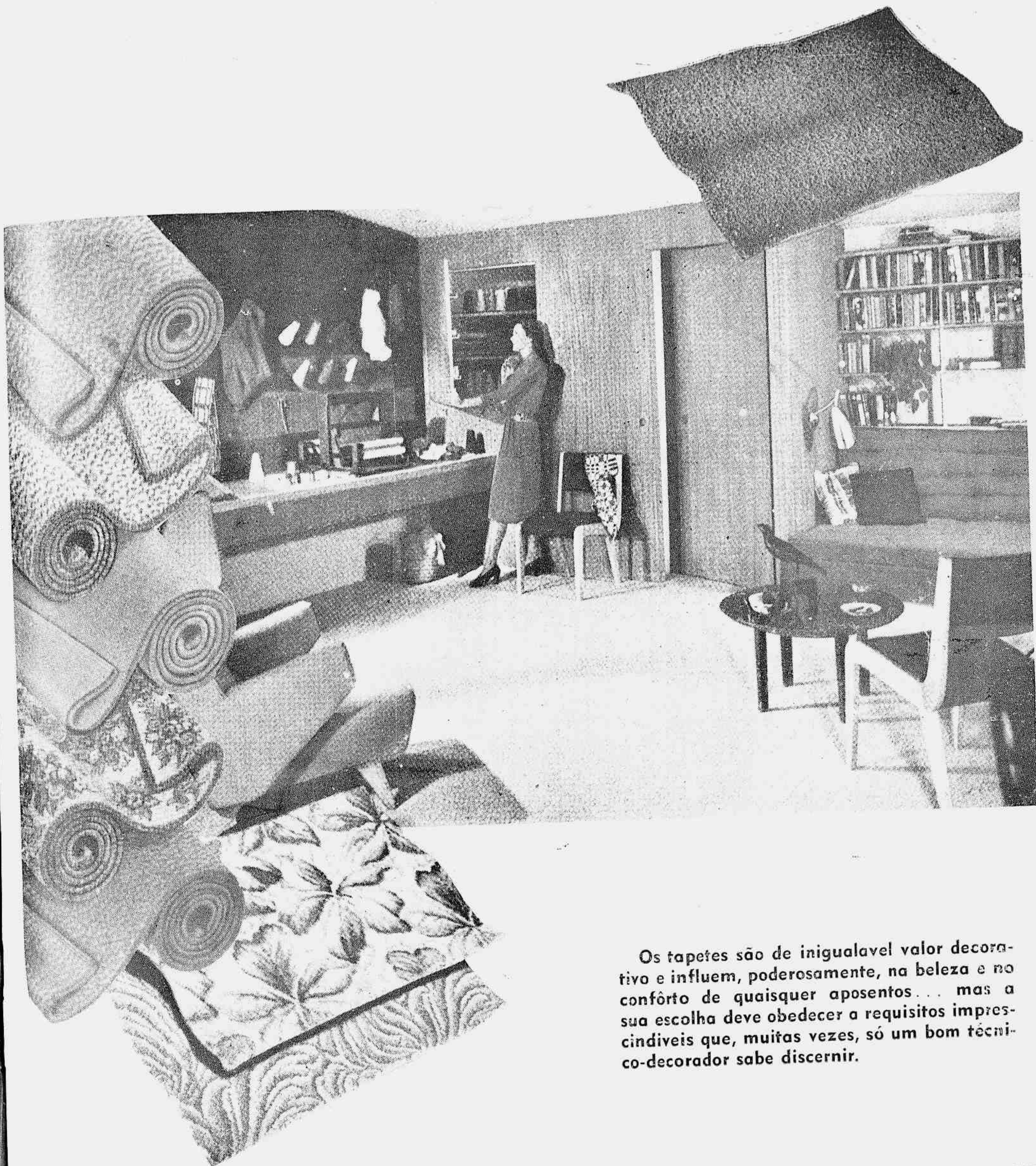


Uma troca de murros e uma faca reluziu.

Foi Mike quem me levou ao meu primeiro baile, no celeiro de O'Malley. Fui de vestido azul e de botas azuis, para combinar, e a gente podia ouvir o celeiro de O'Malley muito antes de vê-lo. Quatro índios passeavam na porta. Vestiam ternos azuis, bem escuros, e embora os ternos fossem do mesmo tamanho os índios não o eram... Mike empurrou a porta e eu olhei para dentro do vasto galpão, mais ou menos na penumbra. Dos caibros, pendiam alguns lampiões a óleo. Dançava-se uma dança ligeira de quadrilha e ouvi o mestre bradar: — Mãos dadas para um «passarinho na galola»...! — Fiquei excitada e nervosa, doida para entrar na dança. Antes de terminar a primeira já recebera vinte pedidos... Eu era a única moça branca presente... E não tive mais tempo para tomar fôlego...

As vezes, em plena dança, me arrancavam dos braços de Mike. Braços rodeavam meus ombros e rostos se aproximavam perigosamente... rostos escuros de índios, vermelhos de escoceses, pálidos de franceses com sorrisos secretos. Inesperadamente ouvi a voz de Mike, no meu ouvido. — Fuja para um canto — disse ele. — Vai haver barulho. — Segui o olhar de Mike e vi um homem pálido, em pé, ao lado da porta. Tinha um olhar vago. Estava sério, girando lentamente nos calcanhares. — George Bailey — disse Mike. — E o «touro» MacGregor está aqui com a pequena. — Quase todos pararam de dançar, abrindo uma ala, no fim da qual estava um gigante, que estivera dançando com uma delgada índia. O gigante avançou com insolência em direção a George Bailey e a pequena o

acompanhou. Bailey, também, avançou pela sala. Mike gritou: — Nada de facas, George! — O «touro» esperou, inclinado para a frente, balançando os punhos grandes como marretas. A pequena índia agarrou-lhe o braço. MacGregor atirou-a longe e ela veio cair perto de mim. Mike, dos seus lábios escorria um filete de sangue. — Faca alguma coisa, Mike — gritei. — Ponha-o nas grades. — Isso mesmo, nas grades — soluçou a pequena. — Ponha-o nas grades. Vai matar George. — George Bailey estava agora pertinho do outro. Parou um pouco hesitante, mas o «touro» atacou-o de tal maneira que logo fiquei sabendo por que o chamavam de «touro». Houve uma troca confusa de murros e uma faca reluziu na penumbra do galpão...



Os tapetes são de inigualável valor decorativo e influem, poderosamente, na beleza e no conforto de quaisquer aposentos... mas a sua escolha deve obedecer a requisitos imprescindíveis que, muitas vezes, só um bom técnico-decorador sabe discernir.

TRADICIONAL QUINZENA DOS TAPETES

Tapetes e passadeiras de forração

NACIONAIS, FRANCESES, INGLESSES, AMERICANOS, PORTUGUESES, INDIANOS, PERSAS (LEGÍTIMOS), ETC.

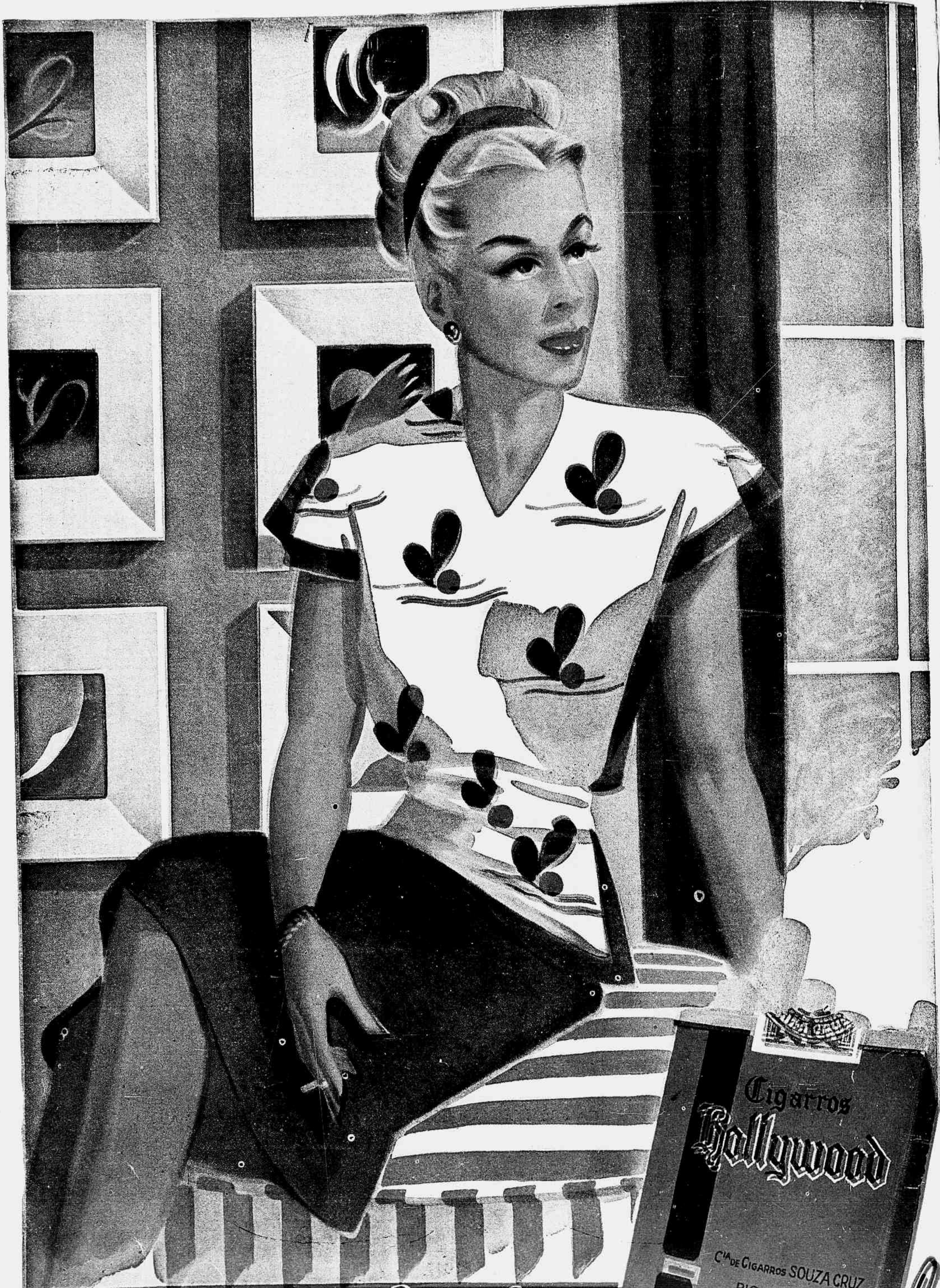
A preços que convêm



fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 - Rio

Orçamentos e sugestões por técnicos especializados em decorações



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

CIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ
RIO DE JANEIRO